

Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Psicologia da Justiça



Psiquiatria, Psicologia & Justiça

SUMÁRIO

Psicopatologia dos Agressores nas Relações de Intimidade

Psychopathology of Aggressors in Intimate Partner Violence

Catarina Leitão/Olindina Graça/Fernando Vieira/Jorge Costa Santos

Psicopatia no Feminino: Uma Breve Revisão da sua Avaliação e Subtipos

Psychopathy in Women: A Brief Review of its Assessment and Subtypes

Diana Moreira/Marta Pinto/Fernando Almeida/Susana Barros/Fernando
Barbosa

Programa UPGRADE: Treino de Competências Pessoais e Sociais para Ex-reclusos

UPGRADE Program: Personal and Social Skills Training for Ex-inmates

Vera Lúcia Paisana/Cláudia Lopes Parente/Ana Rita Rodrigues/Vanda Franco
Simão/José de Almeida Brites

Relações Sociais de Género e Violência na Intimidade: Discursos de Jovens Cabo-verdianos/as

Gender Social Relations and Violence in Intimacy: Discourses of Young Cape Verdean

Ana Sofia Neves /Joana Torres

Corpo Editorial

Diretor da Revista

Prof. Doutor Fernando Almeida

Comissão Científica

Prof. Doutora Ana Sani

Prof. Doutor Adriano Vaz Serra

Prof. Doutor Agostinho Santos

Prof. Doutora Ana Sofia Neves

Prof. Doutora Anita Santos

Prof. Doutor António Pacheco Palha

Prof. Doutora Célia Ferreira

Prof. Doutora Cristina Soeiro

Mestre Diana Moreira

Prof. Doutor Duarte Nuno Vieira

Prof. Doutor Eurico Figueiredo

Prof. Doutor Fernando Almeida

Prof. Doutor Fernando Barbosa

Prof. Doutor Gualberto Buela-Casal

Prof. Doutora Helena Grangeia

Dr. Hernâni Vieira

Prof. Doutor Ivandro Soares Monteiro

Prof. Doutor João Salgado

Prof. Doutor Jorge Costa Santos

Prof. Doutor José Pinto da Costa

Prof. Doutora Laura Nunes

Prof. Doutor Luís Fernandes

Prof. Doutor Luís Gamito

Prof. Doutora Maria José Carneiro de Sousa

Prof. Doutora Maria Luísa Figueira

Prof. Doutor Mário Simões

Prof. Doutora Marisalva Fávero

Prof. Doutora Marlene Matos

Prof. Doutor Marques-Teixeira

Prof. Doutora Marta Pinto

Prof. Doutora Olga Cruz

Prof. Doutora Paula Gomide

Prof. Doutor Pio Abreu

Prof. Doutor Ramón Arce

Prof. Doutora Rita Conde Dias

Prof. Doutora Sónia Caridade

Prof. Doutora Teresa Magalhães

Corpo Editorial

Diretor da Revista

Prof. Doutor Fernando Almeida

Comissão Científica

Prof. Doutora Ana Sani

Prof. Doutor Adriano Vaz Serra

Prof. Doutor Agostinho Santos

Prof. Doutora Ana Sofia Neves

Prof. Doutora Anita Santos

Prof. Doutor António Pacheco Palha

Prof. Doutora Célia Ferreira

Prof. Doutora Cristina Soeiro

Mestre Diana Moreira

Prof. Doutor Duarte Nuno Vieira

Prof. Doutor Eurico Figueiredo

Prof. Doutor Fernando Almeida

Prof. Doutor Fernando Barbosa

Prof. Doutor Gualberto Buela-Casal

Prof. Doutora Helena Grangeia

Dr. Hernâni Vieira

Prof. Doutor Ivandro Soares Monteiro

Prof. Doutor João Salgado

Prof. Doutor Jorge Costa Santos

Prof. Doutor José Pinto da Costa

Prof. Doutora Laura Nunes

Prof. Doutor Luís Fernandes

Prof. Doutor Luís Gamito

Prof. Doutora Maria José Carneiro de Sousa

Prof. Doutora Maria Luísa Figueira

Prof. Doutor Mário Simões

Prof. Doutora Marisalva Fávero

Prof. Doutora Marlene Matos

Prof. Doutor Marques-Teixeira

Prof. Doutora Marta Pinto

Prof. Doutora Olga Cruz

Prof. Doutora Paula Gomide

Prof. Doutor Pio Abreu

Prof. Doutor Ramón Arce

Prof. Doutora Rita Conde Dias

Prof. Doutora Sónia Caridade

Prof. Doutora Teresa Magalhães

Psicopatologia dos Agressores nas Relações de Intimidade

Catarina Leitão, Olindina Graça, Fernando Vieira, e Jorge Costa Santos

Serviço de Clínica Forense da Delegação Sul do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, I.P.

Nota de Autor

Catarina Leitão – Médica Interna do Complementar de Psiquiatria.

Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental, Hospital Egas Moniz – C.H.L.O.

Lisboa, Portugal. Olindina Graça – Psicóloga Clínica. Serviço de Clínica e Patologia

Forenses da Delegação Sul do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências

Forenses, I.P. Lisboa, Portugal. Fernando Vieira – Médico Psiquiatra. Assistente

Graduado Sénior no Centro Psiquiátrico Hospitalar de Lisboa. Ex-diretor do Serviço

de Clínica Forense da Delegação Sul do Instituto Nacional de Medicina Legal e

Ciências Forenses, I.P. Lisboa, Portugal. Jorge Costa Santos – Diretor do Serviço de

Clínica e Patologia Forenses da Delegação do Sul do Instituto Nacional de Medicina

Legal e Ciências Forenses, I.P. Professor Associado da Faculdade de Medicina de

Lisboa. Investigador do CENCIFOR – Centro de Ciência Forenses/FCT. Lisboa, Portugal.

Autor de correspondência: Catarina Leitão – catleitão64@gmail.com. Serviço de Clínica e Patologia Forenses – Delegação do Sul do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, I.P. Rua Manuel Bento de Sousa n.º 3. 1169-201 LISBOA.

218811800

Resumo

Apesar das estatísticas oficiais indicarem a diminuição da criminalidade, em geral, em Portugal, o mesmo não acontece com violência doméstica. A maioria das intervenções está dirigida para o apoio e tratamento das vítimas, pelo que pouco se sabe ainda sobre as características dos agressores, tanto no contexto da violência doméstica, como nas relações de intimidade em particular, nomeadamente no que diz respeito à existência de psicopatologia ou doenças mentais. Este trabalho tem por objetivo identificar perturbações mentais (distúrbios da personalidade ou doenças mentais) associadas a tais condutas, no que ao agressor diz respeito. Foi realizada uma pesquisa nas bases de dados *PubMed*, *PsycINFO* e *Index* e analisados dezanove relatórios periciais de agressores em contexto de violência doméstica realizados no Serviço de Clínica Forense da Delegação do Sul do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses. A maioria dos casos preenche critérios de diagnóstico para perturbação da personalidade, sendo o tipo *borderline* o mais prevalente, ou tem uma cotação elevada em determinados traços patológicos da personalidade. Parece pois importante o desenvolvimento de programas de prevenção da violência doméstica, que incluam a sinalização e uma avaliação tão precoces quanto possível dos agressores, a que se seguiria uma intervenção especializada visando a sua reabilitação e prevenção de comportamentos violentos.

Palavras-chave: Violência Doméstica, Relações de Intimidade, Agressor, Perpetrador, Psicopatologia, Doença Mental

Psicopatologia dos agressores nas relações de intimidade

À luz do artigo 152º do Código Penal, a violência doméstica pode ser definida como qualquer conduta, reiterada ou não, que se traduza por maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privação da liberdade ou ofensas sexuais, infligidos a pessoa que verifique um certo número de condições expressamente previstas no texto do artigo: ser cônjuge ou ex-cônjuge do agente; ser de outro ou do mesmo sexo com quem este tenha mantido uma relação de namoro ou uma relação análoga ao dos cônjuges, ainda que sem coabitação; ser progenitor de descendente comum em 1º grau, ou particularmente indefesa, nomeadamente em razão da idade, deficiência, doença, gravidez ou independência económica que com ele coabite. Trata-se de uma previsão legal que penaliza os comportamentos violentos de uma pessoa contra outra ou outras que com ele mantêm ou mantiveram relações de intimidade, ou que, sendo particularmente vulneráveis, com ele partilhem o mesmo espaço doméstico (C.P.P, 2013). É um crime de natureza pública e de denúncia obrigatória, nos termos do artigo 242º do Código de Processo Penal – não apenas pelas entidades policiais, mas por todos os funcionários na aceção do artigo 386º do Código Penal, incluindo, naturalmente, os médicos e outros profissionais de saúde que exerçam a sua atividade na Administração Pública (C.P.P, 2013).

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) distingue ainda a Violência Doméstica em sentido estrito – os atos criminais enquadráveis no Art. 152º do Código Penal: maus-tratos físicos; maus-tratos psíquicos; ameaça; coacção; injúrias; difamação e crimes sexuais; e a Violência Doméstica em sentido lato – crimes em contexto doméstico, como a violação de domicílio ou perturbação da vida privada; devassa da vida privada (imagens; conversas telefónicas; emails; revelar segredos e factos privados; etc.); violação de correspondência ou de telecomunicações; violência sexual; subtracção de menor; violação da

obrigação de alimentos; homicídio: tentado/consumado; dano; furto e roubo (APAV, sem data).

De acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna (RASI, 2013) apesar dos registos estatísticos da criminalidade reportada apontarem para a descida do crime em geral em Portugal, a violência doméstica não acompanha esta tendência: em 2013 foram registadas 27318 participações de violência doméstica pelas Forças de Segurança (GNR e PSP), o que corresponde a um aumento de 2.4% relativamente ao registado em 2012. Assinalaram-se 40 homicídios conjugais/passionais em que em 58% dos casos a vítima era cônjuge ou companheira(o) e em 16% era ex-cônjuge/ex-companheira(o), sendo estes números mais elevados noutras séries (OMA, 2013). Também no relatório anual de 2013 da APAV (APAV, 2013), à semelhança da tendência registada em anos anteriores, os crimes praticados no âmbito da violência doméstica representam 84.2% do total de crimes relatados pelas vítimas a esta instituição neste ano. Estamos pois perante um grave problema de saúde pública, com amplas consequências no desenvolvimento da criança, na família, na comunidade e na sociedade em geral (IV Plano Nacional Contra a Violência Doméstica, 2011-2013).

O conceito de violência doméstica, tal com previsto na lei, é bem mais amplo que o conceito de violência nas relações de intimidade (VRI), cuja vítima é, quase constantemente, a pessoa com quem o agente mantém ou manteve relações íntimas. São conhecidos os fatores de risco deste tipo de violência (Albuquerque, 2013; Askeland & Heir, 2014; Grams & Magalhães, 2011) bem como os fatores associados à vítima e suscetíveis de contribuir para perpetuar a relação de violência, por vezes até à morte (Almeida, 1999; Mauro & Matias, 2013). A maioria das intervenções está, contudo, dirigida para o apoio e tratamento das vítimas, sendo bem mais raras as que contemplam os agressores, pelo que pouco se sabe ainda sobre as características destes, quer no contexto da violência doméstica, em geral, quer no da violência nas relações de intimidade, em particular, nomeadamente no que diz respeito à

existência de psicopatologia ou doenças mentais. A insuficiência deste conhecimento tem, necessariamente, repercussões a nível da intervenção junto dos agressores, mas também na definição de estratégias de prevenção da violência neste contexto específico.

Objectivo

Este artigo contempla apenas a situação de violência doméstica vivida por pessoas em situação conjugal ou em relação de intimidade com os autores de comportamentos violentos, tendo por objetivo identificar perturbações mentais (distúrbios da personalidade ou doenças mentais) associadas a tais condutas.

Método

Foi realizada uma pesquisa nas bases de dados *PubMed*, *PsycINFO* e *Index* com os termos *domestic violence*, *intimate partner violence*, *perpetrator*, *agressor*, *psychopathology* e *mental disorders*. Foi encontrado um total de 149 artigos. Destes foram seleccionados apenas os artigos cujo âmbito se restringia à psicopatologia e/ou doença mental do agressor em contexto de violência doméstica (vivida por pessoas em situação conjugal ou em relações de intimidade). Foram assim incluídos, no total, 24 artigos para a revisão bibliográfica do tema.

Foram ainda analisados 19 relatórios periciais de agressores em contexto de violência doméstica, localizados através de pesquisa informática, 11 indivíduos por crimes perpetrados no contexto de violência doméstica em sentido lato, e 5 indivíduos pelo crime de violência doméstica em sentido estrito, realizados no Serviço de Clínica Forense da Delegação do Sul do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, I.P. (INMLCF). Os dados constantes nos relatórios foram recolhidos de acordo com uma grelha, construída para o efeito, onde foram registados o sexo, a idade, o nível de escolaridade, psicopatologia descrita no exame do estado mental realizado na Entrevista Clínica Psiquiátrica, Estrutura da Personalidade e Traços da Personalidade dominantes evidenciados pela Entrevista Clínica Psicológica e pela aplicação dos instrumentos de avaliação Mini-Mult (Versão reduzida do

MMPI – Inventário Multifásico da Personalidade), PCL-R, HCR-20, Questionário de Personalidade de Eysenck e Teste de Rorschach (teste projetivo de personalidade). O tipo de crime cometido foi recolhido através da informação constante no processo judicial.

Apresentação e Análise dos Resultados

Da revisão bibliográfica apura-se que, dos estudos que avaliaram os agressores de violência doméstica constata-se que, apesar de não apresentarem psicopatologia *major*, a grande maioria preenche critérios de diagnóstico para perturbação da personalidade ou tem uma cotação elevada em determinados traços patológicos da personalidade. As doenças psiquiátricas mais prevalentes são as perturbações do humor e ansiedade, incluindo a perturbação pós- stressse traumático e patologia da adição (álcool e/ou outras drogas) (Almeida, 1999; Bourget, Gagné, & Whitehurst, 2010; Gerlock, Grimesey, Pisciotto, & Harel, 2011; Stuart et al., 2008; Verduin, Engelhard, Rutayisire, Stronks, & Scholte, 2013) principalmente nos mais idosos e em amostras de agressores de países com elevada intensidade de conflitos e/ou violência. O consumo de álcool e outras substâncias por si, mesmo que sem a presença de patologia da adição ou de outra doença psiquiátrica *major*, é um factor que parece contribuir, de forma evidente, para a ocorrência de episódios de agressão (Testa & Derrick, 2014).

Mas é na patologia da personalidade que os dados parecem ser mais consistentes. O consumo de álcool está associado a um aumento da probabilidade de violência doméstica não violenta em homens sem o diagnóstico de perturbação da personalidade antissocial ou associada, mas não em homens com esta perturbação da personalidade (que tendem a envolver-se em atos de violência doméstica quer consumam álcool ou não), apesar da presença de uma perturbação da personalidade ou de determinados traços de personalidade associados ao consumo de substâncias estar associado a agressões mais violentas (Fals-Stewart et al., 2005; Oliveira et al., 2009; Weizmann-Henelius, 2006).

Algumas das diferenças mais evidentes entre homens violentos e não violentos encontram-se quando se avalia a personalidade. Cerca de 90% dos agressores evidencia traços de personalidade na escala *Millon Clinical Multiaxial Inventory* (MCMI) cuja cotação justifica a atenção clínica em pelo menos uma escala de perturbação da personalidade. Mesmo que não preencham critérios para perturbação da personalidade antissocial ou *borderline*, representam traços dominantes na personalidade destes indivíduos (Gibbons, Collins, & Reid, 2011; Holtzworth-Munroe & Meehan, 2002).

Os autores de violência doméstica podem ser divididos em três tipos – geralmente violentos, violentos patológicos e violentos apenas na família (Waltz, Babcock, Jacobson, & Gottman, 2000). Estes são também diferentes em termos dos traços de personalidade, sendo que os tipos geralmente violentos e violentos patológicos evidenciam traços de impulsividade antissociais e *borderline* significativamente mais acentuados do que os violentos apenas na família (Rock et al., 2013). Quando analisados na dupla dimensão violentos proactivos *versus* violentos reativos, os primeiros aparecem como tendo traços antissociais e psicopáticos mais acentuados (Chase, O’Leary, & Heyman, 2001), apesar da psicopatia não diferenciar de forma consistente os agressores (Huss & Langhinrichsen-Rohling, 2006).

Parecem assim ser consistentes as alterações da personalidade quando se estudam os agressores de violência doméstica nomeadamente a presença de traços antissociais e traços *borderline* (Holtzworth-Munroe et al., 2003; Holtzworth-Munroe & Meehan, 2004; Johnson et al., 2006; Lawson et al., 2010) com impacto directo no tipo de intervenção, uma vez que a intervenção em perturbações da personalidade ou em indivíduos com este tipo de traços de personalidade é muito específica e a longo prazo (Cavanaugh & Gelles, 2005; Wray, Hoyt, & Gerstle, 2013).

Na Tabela 1 constam os resultados relativos à análise de todos os relatórios dos exames periciais realizados a agressores em contexto de violência doméstica no Serviço de Clínica Forense da Delegação do Sul do INMLCF.

Todos os indivíduos sujeitos a perícia eram do sexo masculino, com idade média de 38 anos, com escolaridade variando do ensino básico ao ensino superior. Em termos de psicopatologia, observa-se que apenas um dos indivíduos avaliados apresentava doença psiquiátrica *major* (Perturbação Delirante), sendo na avaliação da personalidade que evidenciam alguma consistência a nível quer da estrutura de personalidade de base, quer a nível dos traços de personalidade predominantes, o que está de acordo com os dados encontrados na revisão bibliográfica realizada (Almeida, 1999; Gibbons, Collins, & Reid, 2011; Holtzworth-Munroe & Meehan, 2002).

Nos dezanove indivíduos avaliados, quinze apresentavam uma estrutura de personalidade do tipo *borderline*, associado a traços antissociais, narcísicos, de impulsividade e histeriformes da personalidade. Três indivíduos apesar de não preencherem critérios definidores de uma estrutura de personalidade *borderline* apresentavam traços de impulsividade, narcísicos, imaturidade e histeriformes, o que também vai ao encontro do descrito na literatura (Cavanaugh & Gelles, 2005; Holtzworth-Munroe & Meehan, 2004; Johnson et al., 2006; Lawson et al., 2010).

Nos relatórios consultados não estavam descritos a presença ou não de consumo de álcool ou outras drogas associadas, o que não permitiu fazer a caracterização da amostra quanto a uma relação entre eventuais consumos e a perpetração dos crimes de violência de que eram arguidos.

Quando se analisam os tipos de crimes perpetrados pelos agressores verificamos que onze indivíduos cometeram um crime de homicídio, três dos quais na forma tentada. Quando se cruzam os resultados da avaliação da personalidade com o tipo de crime cometido verifica-

se que os crimes mais graves foram cometidos por indivíduos com uma estrutura de personalidade do tipo *borderline* associada a traços narcísicos, de impulsividade e antissociais, o que vem de alguma forma suportar a evidência descrita na literatura de que não são apenas os indivíduos com estruturas de personalidade antissociais ou psicopáticas que cometem crimes violentos, nomeadamente no contexto de violência doméstica (Collins & Reid, 2011, Holtzworth-Munroe & Meehan, 2004; Holtzworth-Munroe et al., 2003; Huss & Langhinrichsen-Rohling, 2006).

Dois dos casos de homicídio foram perpetrados não diretamente sobre a companheira ou ex-companheira, por autores com diferentes traços de personalidade, mas que possuíam em comum uma estrutura de personalidade do tipo *borderline*, o que reforça a ideia de que indivíduos com uma estrutura deste tipo não são violentos apenas na família (Chase, O'Leary, & Heyman, 2001; Waltz, Babcock, Jacobson, & Gottman, 2000).

Conclusões

Os resultados obtidos parecem evidenciar alguma consistência entre crimes de violência doméstica, sobretudo no contexto de relações de intimidade, e determinados traços ou estrutura de personalidade dos respetivos agressores, em que avulta claramente a estrutura de personalidade do tipo *borderline*.

Contudo estes resultados podem estar influenciados pela forma como a amostra foi obtida, uma vez que apenas os casos mais graves de crimes de violência doméstica são sinalizados para avaliação psiquiátrica/psicológica no que aos agressores diz respeito.

Desta forma seria importante analisar uma amostra maior, que fosse representativa, para assim se determinar qual a real dimensão do problema, nomeadamente no que diz respeito à consistência da relação entre crimes de violência doméstica no contexto de relações de intimidade e determinados traços ou estrutura da personalidade dos agressores.

A maioria das medidas interventivas em Portugal são sancionatórias havendo poucos programas dirigidos a agressores conjugais. Dos que existem, quer o Programa para Agressores de Violência Doméstica (PAVD) (Rijo & Capinha, 2012) da Direção-Geral de Reinserção Social quer o Programa de Promoção e Intervenção com Agressores Conjugais (PPRIAC) (Cunha & Gonçalves, 2011) a intervenção é realizada após a ocorrência do crime, muitas vezes associado às medidas sancionatórias aplicadas.

Identificados que se encontram alguns dos fatores que contribuem para comportamentos violentos deste tipo, nomeadamente as perturbações da personalidade, e, de entre estas, as do tipo *borderline*, parece razoável desenvolver programas de prevenção da violência doméstica, que incluam a sinalização e uma avaliação tão precoces quanto possível dos agressores, uma vez que se sabe que indivíduos com este tipo de estrutura ou traços de personalidade tendem à repetição deste tipo de relações a menos que sejam submetidos a uma intervenção especializada visando a sua reabilitação (Fonagy & Luyten, 2009).

Tabela 1

Caracterização da amostra

SEXO	IDADE	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	AVALIAÇÃO DA PERSONALIDADE	TIPO DE CRIME
M	17	Ensino secundário	Imaturidade e impulsividade	Ameaça/Coação
M	27	Ensino básico (3º Ciclo)	Estrutura da personalidade do tipo <i>borderline</i> Traços antissociais	Homicídio
M	31	Ensino básico (3º Ciclo)	Estrutura da personalidade do tipo <i>borderline</i> Traços antissociais	Homicídio
M	43	Ensino básico (1º Ciclo)	Estrutura da personalidade do tipo <i>borderline</i> Traços histeriformes e impulsividade	Homicídio (companheiro da ex-namorada)
M	31	Ensino básico (2º Ciclo)	Estrutura da personalidade do tipo <i>borderline</i> Traços antissociais, narcísicos e impulsividade	Homicídio qualificado
M	30	Ensino básico (2º Ciclo)	Estrutura da personalidade do tipo <i>borderline</i> Traços antissociais, narcísicos e impulsividade	Homicídio qualificado
M	51	Ensino básico (2º Ciclo)	Imaturidade, impulsividade	Homicídio qualificado
M	34	Ensino básico (2º Ciclo)	Estrutura da personalidade do tipo <i>borderline</i> Traços antissociais e narcísicos	Homicídio qualificado (pai da namorada)
M	68	Ensino básico (1º Ciclo)	Estrutura da personalidade do tipo <i>borderline</i>	Homicídio qualificado na forma tentada

			Traços antissociais, paranoides e impulsividade	
M	48	Ensino Superior	Estrutura da personalidade do tipo <i>borderline</i> Traços hysteriformes, e narcísicos.	Homicídio qualificado na forma tentada
M	48	Licenciatura	Traços hysteriformes, narcísicos e impulsividade	Homicídio qualificado na forma tentada
M	35	Ensino secundário	Estrutura da personalidade do tipo <i>borderline</i> Traços antissociais, narcísicos e impulsividade	Homicídio simples
M	45	Ensino básico (2º Ciclo)	Estrutura da personalidade do tipo <i>borderline</i>	Injúrias e Ameaças
M	29	Ensino básico (2º Ciclo)	Estrutura da personalidade do tipo <i>borderline</i> Traços antissociais, narcísicos e impulsividade	Sequestro; Abuso sexual de pessoa incapaz de resistência; Crime de violação
M	54	Ensino básico (1º Ciclo)	Estrutura da personalidade do tipo <i>borderline</i> Traços antissociais	Violência doméstica
M	49	Ensino básico (1º Ciclo)	Estrutura da personalidade do tipo <i>borderline</i> Traços antissociais	Violência doméstica
M	26	Ensino básico (3º Ciclo)	Estrutura da personalidade do tipo <i>borderline</i> Traços narcísicos	Violência doméstica
M	37	Ensino básico (3º Ciclo)	Estrutura da personalidade do tipo <i>borderline</i> Traços antissociais e impulsividade	Violência doméstica
M	37	Licenciatura	Estrutura da personalidade	Violência doméstica

do tipo psicótico

Referências

- Albuquerque, M. et al. (2013). E-Maria Partnership (2013). E-MARIA – European Manual on Risk Assessment. *BUPNET GmbH*.
- Almeida F. (1999). Homicidas em Portugal. Maia: Publismai.
- APAV – Apoio à vítima. Manual Alcipe – Para o Atendimento de Mulheres Vítimas de Violência. 2ª. ed. Lisboa: APAV.
- Bourget, D., Gagné, P., & Whitehurst, L. (2010). Domestic homicide and homicide-suicide: the older offender. *Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 38(3), 305-311.
- Cavanaugh, M., & Gelles, R. (2005). The utility of male domestic violence offender typologies: new directions for research, policy, and practice. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(2), 155-166.
- Chase, K., O’Leary, K., & Heyman, R. (2001). Categorizing partner-violent men within the reactive-proactive typology model. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 69(3), 567-572.
- Código de Processo Penal. (2013). Almedina.
- Cunha, O., & Gonçalves, R. Tratamento de Agressores Domésticos: O Programa de Promoção e Intervenção com Agressores Conjugais (PPRIAC). *Revista do Ministério Público*, 127.
- Estatísticas APAV. (2013). Relatório Anual.
- Fals-Stewart, W. et al. (2005). The Occurrence of Male-to-Female Intimate Partner Violence on Days of Men’s Drinking: The Moderating Effects of Antisocial Personality Disorder. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73(2), 239-248.

- Fonagy, P., & Luyten, P. (2009). A developmental, mentalization-based approach to the understanding and treatment of borderline personality disorder. *Development and Psychopathology*, 21(4), 1355-1381.
- Gerlock, A., Grimesey, J., Pisciotta, A., & Harel, O. (2011). Documentation of screening for perpetration of intimate partner violence in male veterans with PTSD. *American Journal of Nursing*, 111(11), 26-32.
- Gibbons, P., Collins, M., & Reid, C. (2011). How useful are indices of personality pathology when assessing domestic violence perpetrators?. *Psychology Assessment*, 23(1), 164-173. doi:10.1037/a0021289
- Grams, A., & Magalhães, T. (2011). Violência nas relações de intimidade: avaliação do risco. *Rev-Port-Dano-Corp*, 20(22), 75-98.
- Holtzworth-Munroe, A., & Meehan, J. (2004). Typologies of men who are maritally violent: scientific and clinical implications. *Journal of Interpersonal Violence*, 19(12), 1369-1389.
- Holtzworth-Munroe, A., & Meehan, J. (2002). Husband violence: personality disorders among male batterers. *Current Psychiatry Reports*, 4(1), 13-17.
- Holtzworth-Munroe, A., Meehan, J., Herron, K., Rehman, U., & Stuart, G. (2003). Do subtypes of maritally violent men continue to differ over time? *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71(4), 728-740.
- Huss, M., & Langhinrichsen-Rohling, J. (2006). Assessing the generalization of psychopathy in a clinical sample of domestic violence perpetrators. *Law and Human Behavior*, 30(5), 571-586.
- Ingunn Rangul Askeland, T. (2014). Psychiatric disorders among men voluntarily in treatment for violent behaviour: a cross-sectional study. *British Medical Journal Open*, 4(4).

- Johnson, R., Gilchrist, E., Beech, A., Weston, S., Takriti, R., & Freeman, R. (2006). A psychometric typology of U.K. domestic violence offenders. *Journal of Interpersonal Violence*, 21(10), 1270-1285.
- Lawson, D. et al. (2010). Assessing gender role of partner-violent men using the Minnesota Multiphasic Personality Inventory-2 (MMPI-2): Comparing abuser types. *Professional Psychology: Research and Practice*, 41(3), 260-266.
- Mauro, P., & Matias, M. (2013). *O inimigo em casa: dar voz aos silêncios da violência doméstica*. Prime Books.
- OMA. (2013) – Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAR.
- Oliveira, J., Lima, M., Simão, M., Cavariani, M., Tucci, A., & Kerr-Corrêa, F. (2009). Violence between intimate partners and alcohol use: prevalence and associated factors. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 26(6), 494-501.
- Relatório Anual De Segurança Interna. (2013).
- Rijo, D., & Capinha, M. (2012). A reabilitação dos agressores sexuais: Dos modelos tradicionais de reabilitação ao Programa Português para Agressores de Violência Doméstica (PAVD). *Ousar integrar – revista de reinserção social e prova*, 11, 83-97.
- Rock, R. et al. (2008). Concurrent and predictive validity of psychopathy in a batterers' intervention sample. *Law and Human Behavior*, 37(3), 145-154.
- Stuart, G. et al. (2008). The role of drug use in a conceptual model of intimate partner violence in men and women arrested for domestic violence. *Psychology of Addictive Behaviors*, 22(1), 12-24.
- Testa, M., & Derrick, J. (2014). A daily process examination of the temporal association between alcohol use and verbal and physical aggression in community couples. *Psychology of Addictive Behaviors*, 28(1), 127-138.

- Verduin, F., Engelhard, E., Rutayisire, T., Stronks, K., & Scholte, W. (2013). Intimate partner violence in Rwanda: the mental health of victims and perpetrators. *Journal of Interpersonal Violence*, 28(9), 1839-1858.
- Waltz, J., Babcock, J., Jacobson, N., & Gottman, J. (2000). Testing a typology of batterers. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68(4), 658-669.
- Weizmann-Henelius, G. (2006). Violent Female Perpetrators in Finland: Personality and Life Events. *Nordic Psychology*, 58(4), 280-297.
- Wray, A., Hoyt, T., & Gerstle, M. (2013). Preliminary examination of a mutual intimate partner violence intervention among treatment-mandated couples. *Journal of Family Psychology*, 27(4), 664-670.
- IV Plano Nacional Contra A Violência Doméstica (2011-2013). Resolução do Conselho de Ministros nº100/2010, publicado no Diário da República, I Série, Nº 243 - 17 de Dezembro de 2010.

Psychopathology of aggressors in intimate partner violence

Catarina Leitão, Olindina Graça, Fernando Vieira, and Jorge Costa Santos

Serviço de Clínica Forense da Delegação Sul do Instituto Nacional de Medicina Legal
e Ciências Forenses, I.P.

Author note

Catarina Leitão – Psychiatry Resident. Mental Health and Psychiatry
Department, Hospital Egas Moniz – C.H.L.O. Lisbon, Portugal. Olindina Graça –
Clinical Psychologist. Forensic Clinical and Pathology. Instituto Nacional de
Medicina Legal e Ciências Forenses, I.P – South Delegation. Lisbon, Portugal.
Fernando Vieira – Psychiatrist. Centro Psiquiátrico Hospitalar de Lisboa. Portugal.
Jorge Costa Santos – Director of the Forensic Clinical and Pathology. Instituto
Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, I.P – South Delegation. Lisbon.
Faculdade de Medicina de Lisboa. CENCIFOR. Lisbon, Portugal.

Corresponding author: Catarina Leitão – catleitao64@gmail.com. Forensic
Clinical and Pathology. Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, I.P
– South Delegation. Rua Manuel Bento de Sousa n.º 3. 1169-201 LISBOA.

Abstract

Despite the decreasing of the overall crime in Portugal indicated by official statistics, the same is not true with domestic violence. Most interventions are directed towards the treatment and support of victims, so therefore, there is a very short knowledge about the characteristics of aggressors, both in the context of domestic violence, as in intimate relationships in particular, especially with regard to the existence of psychopathology or mental illness.

This work aims to identify mental disorders (personality disorders or mental illness) associated with such conduct, with respect to the aggressor. A research was performed in the PubMed, PsycINFO and Index databases and nineteen expert reports of aggressors, in the context of domestic violence conducted in the Clinical Forensic South Delegation of the National Institute of Legal Medicine and Forensic Sciences, were analyzed.

The majority of these cases fulfills the diagnostic criteria for personality disorder, the most prevalent being the borderline type, or has a high rating in certain pathological traits.

Therefore, it seems important to develop domestic violence prevention programs, including signaling and an assessment of the aggressors at the earliest possible stage, followed by a specialized intervention aimed at their rehabilitation and prevention of violent behavior.

Keywords: Domestic violence, Intimate partner violence, Perpetrator, Aggressor, Psychopathology, Mental disorders

Psychopathology of aggressors in intimate partner violence

Under Article 152° of the Portuguese Penal Code, domestic violence can be defined as any conduct, repeated or not, reflected by physical or mental abuse, including corporal punishment, deprivation of liberty or sexual offenses, inflicted to a person who check a number of conditions such as: spouse or former spouse of the perpetrator; being from another or same sex with whom it has maintained a dating relationship or an analogous relationship to the spouses, even without cohabitation; being a parent of a common descent in 1st grade, or defenseless, including by reason of age, disability, illness, pregnancy or economic independence with which he cohabits. This is a legal provision that penalizes violent behavior of one person against another or against whom he/she has maintained intimate relationships, or being particularly vulnerable, share with him the same domestic space. It is a public crime with mandatory reporting under the Article 242° of the Procedural Criminal Code – not only by the police authorities, but by all employees within the meaning of Article 386° of the Penal Code, including, of course, doctors and other health professionals who carry out their activity in Public Administration (C.P.P, 2013).

The Portuguese Association for Victim Support (APAV) further distinguishes Domestic Violence in the strict sense – the classifiable criminal acts in Article 152° of the Criminal Code: physical abuse; psychological abuse; threat; coercion; injuries; defamation and sexual offenses; and Domestic Violence in the broad sense - crimes in a domestic context, such as violation of domicile or disturbance of privacy; wanton privacy (images, telephone conversations, emails, reveal secrets and private facts, etc.); violation of correspondence and telecommunications; sexual violence; smaller subtraction; violation of the maintenance obligation; homicide: attempted/consummated; damage; theft and robbery (APAV, undated).

According to the Annual Report of Portuguese Homeland Security (RASI, 2013) although the criminality continues to show a downsizing tendency in Portugal, domestic

violence does not follow this trend: in 2013 27318 shares of Domestic Violence by Security Forces (GNR and PSP) were recorded, corresponding to an increase of 2.4% over that recorded in 2012. They noted there were 40 spousal/passion killings in which 58% of cases the victim was a spouse or partner and 16% ex-spouse/ex-partner, with higher numbers in other series (OMA, 2013). Also in the annual report 2013 of APAV (APAV 2013), as the trend in previous years, crimes committed in the context of domestic violence represents 84.2% of the total crimes reported by victims to this institution in 2014. We are therefore facing a serious public health problem, with far-reaching consequences in child development, family, community, society at large (IV Portuguese National Plan Against Domestic Violence, 2011-2013).

The concept of domestic violence, as provided in the law is much broader than the concept of violence in intimate relationships (VRI), whose victim is almost always the person with whom the agent maintains or has maintained intimate relations. Risk factors for this type of violence are known (Albuquerque, 2013; Askeland & Heir, 2014; Grams & Magalhães, 2011) as well as factors associated with the victim and likely to contribute to perpetuating the abusive relationship, sometimes to death (Almeida, 1999; Mauro & Matias, 2013). Most interventions, however, is directed to the treatment and support of victims, being far more rare those who contemplate the aggressors, so little is known about their characteristics, both in the context of domestic violence in general, and in the violence in intimate relationships, in particular, especially with respect to the existence of psychopathology or mental illness. The lack of this knowledge necessarily has repercussions for dealing with perpetrators, but also in defining strategies for violence prevention in this specific context.

Objective

This article covers only the situation of domestic violence experienced by people in marital status or intimate relationship with perpetrators of violent behavior, aiming to identify mental disorders (personality disorders or mental illness) associated with such behaviors.

Method

A search in the databases *PubMed*, *PsycINFO* and *Index* was done with the terms *domestic violence*, *intimate partner violence*, *perpetrator*, *perpetrator*, *psychopathology* and *mental disorders*. A total of 149 scientific articles were found. Only articles whose scope is restricted to psychopathology and / or mental condition of the offender in the context of domestic violence (experienced by people in marital status or intimate relationships) were selected. There were thus included in the total 24 articles for bibliographic review.

Nineteen expert reports of offenders in the context of domestic violence were analyzed, located through computer research, 11 individuals for crimes committed in the context of domestic violence in the broadest sense, and five individuals for the crime of domestic violence in the strict sense, performed in the Department of Clinical Forensic Delegation of South of the Portuguese National Institute of Legal Medicine and Forensic Sciences, IP (INMLCF). The data in the reports were collected according to a grid, where they were registered as sex, age, education level, psychopathology described in mental state examination during the Psychiatric Assessment, personality structure and dominant personality traits evidenced by clinical psychological interview and assessment with Mini-Mult (reduced version of the MMPI – Multiphasic Personality Inventory), PCL-R, HCR-20, Eysenck Personality Questionnaire and Rorschach test (personality projective test). The type of crime committed was collected through the information contained in the judicial process.

Presentation and Analysis of the Results

Studies evaluating the perpetrators of domestic violence show that, despite not having *major* psychopathology, the vast majority meets diagnostic criteria for personality disorder or scores high in certain pathological personality traits. The most prevalent psychiatric disorders are humor and anxiety disorders, including post-traumatic stress disorder and pathology of the addition (alcohol and/or other drugs) (Almeida, 1999; Bourget, Gagné, & Whitehurst, 2010; Gerlock, Grimesey, Pisciotta, & Harel, 2011; Stuart et al., 2008; Verduin, Engelhard, Rutayisire, Stronks, & Scholte, 2013) especially in the elderly and in samples of offenders from countries with high intensity conflict and/or violence.

The consumption of alcohol and other substances by themselves, even without the presence of pathology or the addition of another *major* psychiatric illness, is a factor which seems to contribute for the occurrence of episodes of aggression (Testa & Derrick, 2014). But it is in the pathology of personality that data appear to be more consistent. Alcohol consumption is associated with an increased likelihood of nonviolent domestic violence in men without a diagnosis of antisocial or asocial disturbance of personality, but not in men with this personality disorder (who tend to engage in acts of domestic violence independently of alcohol consume), despite the presence of a personality disorder or certain personality traits and substance use is associated with more violent aggression (Fals-Stewart et al., 2005; Oliveira et al., 2009; Weizmann-Henelius, 2006).

Some of the differences between violent and nonviolent men get evident when assessing personality. About 90% of offenders show personality traits in *Millon Clinical Multiaxial Inventory* (MCMI) scale, which, at least, justifies the attention on one scale for personality disorder. Even that do not meet criteria for the antisocial or *borderline* personality they show dominant traits in the personality (Gibbons, Reid, & Collins, 2011; Holtzworth-Munroe & Meehan, 2002).

Perpetrators of domestic violence can be divided into three types: Often violent, pathological violent and violent only in the family (Waltz, Babcock, Jacobson, & Gottman, 2000). They are also different in terms of personality traits, wherein types generally violent and pathological violent show impulsivity, *borderline* and antisocial traits significantly more pronounced than violent only in the family (Rock et al., 2013). When analyzed in the double dimension proactive violent *versus* reactive violent, first appearing as having antisocial and psychopathic traits more pronounced (Chase, O’Leary, & Heyman, 2001), although psychopathy do not consistently differentiate aggressors (Huss & Langhinrichsen-Rohling, 2006).

Thus appear to be consistent personality changes when studying the perpetrators of domestic violence including the presence of antisocial and *borderline* traits (Holtzworth-Munroe et al. 2003; Holtzworth-Munroe & Meehan, 2004; Johnson et al., 2006; Lawson et al., 2010) with direct impact in the type of intervention, since intervention in personality disorders or in individuals with this type of personality traits is very specific and long lasting (Cavanaugh & Gelles, 2005; Wray, Hoyt, & Gerstle, 2013).

Table 1 contains the data from the analysis of all reports of aggressors’ forensic examinations in domestic violence context conducted in the Department of Clinical Forensic Delegation of South INMLCF.

All individuals were male, with an average age of 38 years, ranging from basic education to higher education. In terms of psychopathology, it is observed that only one of the evaluated patients had *major* psychiatric disorders (Delusional Disorder), being in personality assessment that showed some consistency, both in terms of personality structure and prevalent personality traits, which is in agreement with the data found in the bibliographic review carried (Almeida, 1999; Gibbons, Reid, & Collins, 2011; Holtzworth-Munroe & Meehan, 2002).

In the nineteen individuals assessed, fifteen had a borderline personality structure associated with antisocial, narcissistic, impulsivity, hysteric traits. Three individuals despite not meeting criteria for a borderline personality structure, demonstrate impulsivity, narcissistic, immature and hysteric dominant traits, which also meets what is described in the literature (Cavanaugh & Gelles, 2005; Holtzworth-Munroe & Meehan, 2004; Johnson et al., 2006; Lawson et al, 2010). The information about the presence of aggressors alcohol or other drugs use or abuse is not available in the reports, so we can not analyze the link between consumption and the perpetration this type of violence.

When analyzing the type of crimes perpetrated, eleven individuals committed a crime of murder, three whom attempted in order. When intersect the results of personality assessment with the type of crime committed it turns out that the most serious crimes were committed by individuals with a *borderline* personality structure associated with narcissistic, impulsivity and antisocial traits, which comes from somehow supporting evidence described that it aren't only individuals with antisocial personality structures or psychopathic who commit violent crimes, particularly in the context of domestic violence (Collins & Reid, 2011; Holtzworth-Munroe & Meehan, 2004; Huss & Langhinrichsen-Rohling, 2006; Holtzworth-Munroe et al., 2003). Two of the homicides were perpetrated not directly on the partner or ex-partner which reinforces the idea that individuals with such a structure are not only violent in the family (Waltz, Babcock, Jacobson, & Gottman, 2000; Chase, O'Leary, & Heyman, 2001).

Conclusions

The results seem to show some consistency between crime of domestic violence, especially in the context of intimate relationships, and certain traits or personality structure of the respective aggressors, which clearly stands out in the borderline personality structure type. However, these results may be influenced by how the sample was obtained, since only the

most severe cases of domestic violence crimes are flagged for psychiatric/psychological evaluation in which the aggressors concerns.

Thus it would be important to examine a larger sample that can be representative, to thereby establish the right dimension of the problem, particularly with regard to the consistency of the relationship between domestic violence crimes in the context of intimate relationships and certain traits or personality structure of the aggressors.

Most interventional measures in Portugal are sanctions with few programs for marital aggressors. Of which there are either the Program for Perpetrators of Domestic Violence (PAVD) (Rijo & Capinha, 2012) of the General Directorate of Social Welfare or the Promotion Programme and Intervention with Spouse Offenders (PPRIAC) (Cunha & Gonçalves, 2011). These are interventions performed after the occurrence of the crime, often associated with the sanction measures applied.

Some of the factors that contribute to violent behavior of this kind were identified, including personality disorders, and among these, the *borderline* type. It seems reasonable to develop domestic violence prevention programs, which include signaling and assess as early as possible aggressors, since it is known that individuals with this type of structure or personality traits tend to repeat this relationship patterns unless they receive specialized intervention aimed at their rehabilitation (Fonagy & Luyten, 2009).

Table 1

Characteristics of the sample

SEX	AGE	LEVEL OF SCHOOLING	EVALUATION OF PERSONALITY	TYPE OF CRIME
M	17	Secondary education	Immaturity and impulsivity	Threat / Duress
M	27	Basic education	Borderline personality structure Antisocial traits	Homicide
M	31	Basic education	Borderline personality structure Antisocial traits	Homicide
M	43	Basic education	Borderline personality structure Hysteric and impulsivity traits	Homicide (Fellow ex-girlfriend)
M	31	Basic education	Borderline personality structure Antisocial, narcissistic and impulsive traits	Murder
M	30	Basic education	Borderline personality structure Antisocial, narcissistic and impulsive traits	Murder
M	51	Basic education	Immaturity, impulsiveness	Murder
M	34	Basic education	Borderline personality structure Antisocial and narcissistic traits	Murder (father's girlfriend)
M	68	Basic education	Borderline personality structure Antisocial, paranoid and impulsivity traits	Attempted murder

M	48	Higher education	Borderline personality structure Hysteric and narcissistic traits	Attempted murder
M	48	Graduation	Hysteric, narcissistic and impulsive traits	Attempted murder
M	35	Secondary education	Borderline personality structure Antisocial, narcissistic and impulsive traits	Homicide
M	45	Basic education	Borderline personality structure	Slurs and Threats
M	29	Basic education	Borderline personality structure Antisocial, narcissistic and impulsive traits	Kidnapping; Sexual abuse of a person incapable of resistance; Crime of rape
M	54	Basic education	Borderline personality structure Antisocial traits	Domestic violence
M	49	Basic education	Borderline personality structure Antisocial traits	Domestic violence
M	26	Basic education	Borderline personality structure Narcissistic traits	Domestic violence
M	37	Basic education	Borderline personality structure Antisocial and impulsivity traits	Domestic violence
M	37	Graduation	Personality structure of the psychotic type	Domestic violence

References

- Albuquerque, M. et al. (2013). E-Maria Partnership (2013). E-MARIA – European Manual on Risk Assessment. *BUPNET GmbH*.
- Almeida F. (1999). *Homicidas em Portugal*. Maia: Publismai.
- APAV – Apoio à vítima. Manual Alcipe – Para o Atendimento de Mulheres Vítimas de Violência. 2^a. ed. Lisboa: APAV.
- Bourget, D., Gagné, P., & Whitehurst, L. (2010). Domestic homicide and homicide-suicide: the older offender. *Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 38(3), 305-311.
- Cavanaugh, M., & Gelles, R. (2005). The utility of male domestic violence offender typologies: new directions for research, policy, and practice. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(2), 155-166.
- Chase, K., O’Leary, K., & Heyman, R. (2001). Categorizing partner-violent men within the reactive-proactive typology model. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 69(3), 567-572.
- Código de Processo Penal. (2013). Almedina.
- Cunha, O., & Gonçalves, R. Tratamento de Agressores Domésticos: O Programa de Promoção e Intervenção com Agressores Conjugais (PPRIAC). *Revista do Ministério Público*, 127.
- Estatísticas APAV. (2013). Relatório Anual.
- Fals-Stewart, W. et al. (2005). The Occurrence of Male-to-Female Intimate Partner Violence on Days of Men’s Drinking: The Moderating Effects of Antisocial Personality Disorder. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73(2), 239-248.

- Fonagy, P., & Luyten, P. (2009). A developmental, mentalization-based approach to the understanding and treatment of borderline personality disorder. *Development and Psychopathology, 21*(4), 1355-1381.
- Gerlock, A., Grimesey, J., Pisciotta, A., & Harel, O. (2011). Documentation of screening for perpetration of intimate partner violence in male veterans with PTSD. *American Journal of Nursing, 111*(11), 26-32.
- Gibbons, P., Collins, M., & Reid, C. (2011). How useful are indices of personality pathology when assessing domestic violence perpetrators?. *Psychology Assessment, 23*(1), 164-173. doi:10.1037/a0021289
- Grams, A., & Magalhães, T. (2011). Violência nas relações de intimidade: avaliação do risco. *Rev-Port-Dano-Corp, 20*(22), 75-98.
- Holtzworth-Munroe, A., & Meehan, J. (2004). Typologies of men who are maritally violent: scientific and clinical implications. *Journal of Interpersonal Violence, 19*(12), 1369-1389.
- Holtzworth-Munroe, A., & Meehan, J. (2002). Husband violence: personality disorders among male batterers. *Current Psychiatry Reports, 4*(1), 13-17.
- Holtzworth-Munroe, A., Meehan, J., Herron, K., Rehman, U., & Stuart, G. (2003). Do subtypes of maritally violent men continue to differ over time? *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 71*(4), 728-740.
- Huss, M., & Langhinrichsen-Rohling, J. (2006). Assessing the generalization of psychopathy in a clinical sample of domestic violence perpetrators. *Law and Human Behavior, 30*(5), 571-586.
- Ingunn Rangul Askeland, T. (2014). Psychiatric disorders among men voluntarily in treatment for violent behaviour: a cross-sectional study. *British Medical Journal Open, 4*(4).

- Johnson, R., Gilchrist, E., Beech, A., Weston, S., Takriti, R., & Freeman, R. (2006). A psychometric typology of U.K. domestic violence offenders. *Journal of Interpersonal Violence, 21*(10), 1270-1285.
- Lawson, D. et al. (2010). Assessing gender role of partner-violent men using the Minnesota Multiphasic Personality Inventory-2 (MMPI-2): Comparing abuser types. *Professional Psychology: Research and Practice, 41*(3), 260-266.
- Mauro, P., & Matias, M. (2013). O inimigo em casa: dar voz aos silêncios da violência doméstica. Prime Books.
- OMA. (2013) – Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAR.
- Oliveira, J., Lima, M., Simão, M., Cavariani, M., Tucci, A., & Kerr-Corrêa, F. (2009). Violence between intimate partners and alcohol use: prevalence and associated factors. *Revista Panamericana de Salud Pública, 26*(6), 494-501.
- Relatório Anual De Segurança Interna. (2013).
- Rijo, D., & Capinha, M. (2012). A reabilitação dos agressores sexuais: Dos modelos tradicionais de reabilitação ao Programa Português para Agressores de Violência Doméstica (PAVD). *Ousar integrar – revista de reinserção social e prova, 11*, 83-97.
- Rock, R. et al. (2008). Concurrent and predictive validity of psychopathy in a batterers' intervention sample. *Law and Human Behavior, 37*(3), 145-154.
- Stuart, G. et al. (2008). The role of drug use in a conceptual model of intimate partner violence in men and women arrested for domestic violence. *Psychology of Addictive Behaviors, 22*(1), 12-24.
- Testa, M., & Derrick, J. (2014). A daily process examination of the temporal association between alcohol use and verbal and physical aggression in community couples. *Psychology of Addictive Behaviors, 28*(1), 127-138.

- Verduin, F., Engelhard, E., Rutayisire, T., Stronks, K., & Scholte, W. (2013). Intimate partner violence in Rwanda: the mental health of victims and perpetrators. *Journal of Interpersonal Violence, 28*(9), 1839-1858.
- Waltz, J., Babcock, J., Jacobson, N., & Gottman, J. (2000). Testing a typology of batterers. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 68*(4), 658-669.
- Weizmann-Henelius, G. (2006). Violent Female Perpetrators in Finland: Personality and Life Events. *Nordic Psychology, 58*(4), 280-297.
- Wray, A., Hoyt, T., & Gerstle, M. (2013). Preliminary examination of a mutual intimate partner violence intervention among treatment-mandated couples. *Journal of Family Psychology, 27*(4), 664-670.
- IV Plano Nacional Contra A Violência Doméstica (2011-2013). Resolução do Conselho de Ministros nº100/2010, publicado no Diário da República, I Série, Nº 243 – 17 de Dezembro de 2010.

Psicopatia no Feminino: Uma Breve Revisão da sua Avaliação e Subtipos

Diana Moreira^{1,2}, Marta Pinto², Fernando Almeida², Susana Barros¹, e Fernando

Barbosa¹

¹Universidade do Porto

²Instituto Universitário da Maia

Nota de Autor

Diana Moreira, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto e ISMAI – Instituto Universitário da Maia. Marta Pinto e Fernando Almeida, ISMAI – Instituto Universitário da Maia. Susana Barros e Fernando Barbosa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Autor de correspondência: Diana Moreira, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Rua Alfredo Allen, 4200-135, Porto, Portugal. Fax: + 351 226 079 700; Tel: + 351 226 079 725; Email:

dianapmoreira@gmail.com

Resumo

A psicopatia é um dos construtos mais amplamente estudados na literatura sobre estruturas de personalidade. O objetivo deste artigo é apresentar uma breve revisão da literatura da psicopatia nas mulheres focando algumas dificuldades relacionadas ao conceito, à avaliação, e aos subtipos. Os estudos indicam que a psicopatia nas mulheres tem sido um tema muito pouco estudado e que os estudos que existem utilizaram predominantemente amostras de reclusos homens para suportar a concetualização de subtipos de psicopatia em primários e secundários. Seria útil, também para a prática clínica, fazer estudos ao nível da etiologia, do comportamento, e do processamento emocional da psicopatia nas mulheres.

Palavras-chave: psicopatia, mulheres, avaliação, subtipos

Psicopatia no Feminino:

Uma Breve Revisão da sua Avaliação e Subtipos

Os comportamentos agressivo e antissocial nas mulheres têm sido evidenciados desde há muitos séculos na mitologia como, por exemplo, o comportamento que foi personificado por Hera e Medea. No entanto, a mulher sempre assumiu o papel do sexo mais fraco, com concepções ligadas à maternidade e a uma menor força física. Estes mitos e estas construções de género têm vindo a perder a sua força e a sua validade mas podem, ainda, não se ter dissipado completamente com o tempo (Perri & Lichtenwald, 2010).

Nos países industrializados tem-se vindo a assistir a uma ascensão das mulheres ocupando cargos tradicionalmente ocupados por homens (e.g., chefia, forças armadas).

Talvez pelas razões supra citadas, a edificação do construto da psicopatia assentasse, essencialmente, na observação de uma população criminal masculina, não tendo o construto aplicado às mulheres as devidas adaptações (Salekin, Rogers, & Sewell, 1997). Contudo, recentemente, surgiu a hipótese de uma alteração das manifestações comportamentais subjacentes aos défices da psicopatia nas mulheres vs. homens, como resultado de um processo motivacional, ambiental, ou de socialização de género que comporta um impacto no *output* comportamental. O que está impresso nas críticas estereotipadas e na mediação semiótica da sociedade acerca da impulsividade, da agressão, e da criminalidade por parte da mulher pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias de regulação comportamental de maior eficácia (Vitale, Brinkley, Hiatt, & Newman, 2007).

Os mitos, que emergem das perceções sociais sobre o fenómeno comportamental em relação às mulheres que são caracterizadas por traços psicopáticos, influenciam o

funcionamento do sistema de justiça criminal, bem como a forma de interação dos profissionais de saúde ao deparar-se com eles (Perri & Lichtenwald, 2010). Neste sentido, a presente revisão tem como objetivo compreender quais os contributos, bem como as principais limitações da investigação da psicopatia nas mulheres.

De acordo com a *Society for the Scientific Study of Psychopathy* (n.d.), a psicopatia pode definir-se como “uma constelação de traços que engloba características afetivas, características interpessoais, bem como comportamentos impulsivos e antissociais. As características afetivas incluem falta de culpa, de empatia, e de apegos emocionais profundos com os outros; as características interpessoais incluem narcisismo e encanto superficial; e os comportamentos impulsivos e antissociais incluem desonestidade, espírito de manipulação, e assunção de riscos imprudentes”.

A busca pelo conhecimento do desenvolvimento da psicopatia é de elevada importância e é meritória dado o potencial para uma prevenção precoce na manutenção da saúde pública (Seagrave & Grisso, 2002).

É bem sabido que a maioria dos estudos se concentra essencialmente em uma população masculina (Forouzan & Cooke, 2005). Os estudos que comportam uma amostra com ambos os sexos, normalmente não efetuam análises estatísticas inter-grupos, de modo a perceber eventuais diferenças (e.g., Novion, Cherek, Scott, Teheremissine, & Lieving, 2007; Seibert, Miller, Lynam, Few, & Zeichner, 2011). O mesmo pode ser observado nos estudos de genética onde globalmente o grupo experimental é composto por homens e o de controlo é misto (e.g., Basoglu et al., 2011). É importante incentivar a investigação para a utilização de uma amostra do sexo feminino, ou comparações entre géneros.

Avaliação da Psicopatia

Os estudos que têm sido realizados sobre a psicopatia nas mulheres têm observado esta estrutura de personalidade com critérios elaborados especificamente para os homens, ignorando, desta forma, as diferenças de género principalmente na sua expressão/manifestação (Forouzan & Cooke, 2005). Na realidade, as medidas atuais de avaliação da psicopatia contêm itens tendencialmente masculinos (Gummelt, Anestis, & Carbonell, 2012).

Com base em uma amostra de 103 mulheres, Salekin e colaboradores (1997) defendem que a psicopatia nas mulheres tem uma prevalência menor devido ao facto do ponto de corte utilizado ser acima dos 29 pontos na *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R; Hare, 2006; Hare & Neumann, 2008), o que poderá apenas indicar que as taxas absolutas de sintomas e da gravidade dos sintomas são mais baixas para este grupo. Segundo Salekin e colaboradores (1997), os dois fatores do modelo da PCL-R diferem substancialmente para os homens e para as mulheres. O Fator 1 nos homens é melhor descrito por falta de empatia ou de culpa, engano interpessoal, propensão ao tédio, e busca de sensações, enquanto nas mulheres se baseia nas características da personalidade, tais como encanto superficial, grandiosidade, ato de ludibriar (Kennealy, Hicks, & Patrick, 2007). O Fator 2 nos homens é descrito por problemas comportamentais precoces, promiscuidade, e comportamento antissocial em adulto. Como o Fator 2 se baseia no transtorno primário do comportamento, é necessário o seu refinamento no construto da psicopatia nas mulheres.

A existência de um viés de género, com resultados semelhantes, foi também observada na *Levenson Self-Report Psychopathy Scale* (LSRP; Levenson, Kiehl, &

Fitzpatrick, 1995). Marion e Sellbom (2011) analisaram a validade da LSRP em uma amostra mista de estudantes de licenciatura. Embora os efeitos de género encontrados tenham sido ligeiros, foram observadas diferenças nos critérios de mediação afetiva, como a empatia, na agressividade, e no comportamento antissocial. Segundo Marion e Sellbom (2011), as mulheres podem ter comportamentos antissociais com a mesma frequência que os homens. Contudo, estas manifestações comportamentais são muitas vezes classificadas como outros transtornos da personalidade (e.g., Perturbação da Personalidade Borderline e Perturbação da Personalidade Histriónica), o que é sugestivo de que a validade da LSRP difere entre os sexos.

Outro estudo sobre as diferenças de género que utilizou a LSRP encontrou, também, implicações importantes na avaliação da psicopatia em mulheres (Gummelt et al., 2012). Os resultados observados demonstram que os itens da LSRP, mais concretamente os que sugerem a propensão ao tédio, à impulsividade, e a traços ativos da personalidade, funcionam de forma diferente para ambos os sexos. Os resultados alertam-nos, ainda, para indicadores de que ambos os sexos procuram ativamente outras pessoas para as prejudicar. Contudo, as mulheres não são tão violentas, provavelmente mais propensas a manipular as pessoas com as quais contactam (Gummelt et al., 2012).

Nesta perspetiva, investigadores e profissionais de saúde experienciam um aumento na dificuldade de formular uma avaliação da psicopatia nas mulheres. Esta estrutura de personalidade é, muitas vezes, sub-identificada em prol de outras perturbações da personalidade como, por exemplo, a perturbação histriónica, a perturbação antissocial, e a perturbação borderline. Consequentemente, todo este cenário promove uma intervenção menos adequada por parte dos profissionais de saúde mental,

principalmente no que se refere a mulheres violentas ou criminosas. A generalização dos critérios de diagnóstico para avaliação da psicopatia (e.g., PCL-R), que são estruturados e desenvolvidos direcionalmente para os homens, promove o preconceito e o estereótipo em um meio mais técnico-profissional forense perante a apresentação de traços psicopáticos das mulheres (Forouzan & Cooke, 2005). Os critérios de diagnóstico da PCL-R, ao estarem estruturados para homens, potenciam um sub-diagnóstico de psicopatia nas mulheres.

Adicionalmente, alguns estudos encontraram características similares nas amostras de homens e de mulheres com traços psicopáticos, embora os critérios de avaliação sejam os mesmos para ambos os géneros. Hare e colaboradores (1990) caracterizam a psicopatia como um construto clínico que compreende, entre outros, um comportamento antissocial e défices afetivos e do funcionamento executivo. Neste sentido, o perfil da psicopatia não se centra apenas em traços antissociais, tendo a emoção um papel preponderante (Viding, 2004).

Kalinian e Wisniewski (2005) estudaram a relação do desempenho da função executiva e da psicopatia em delinquentes em liberdade condicional, em mulheres com psicopatia vs. controlos. O instrumento utilizado para a inclusão no grupo psicopático foi a *Psychopathy Checklist Screening Version* (PCL-SV; Hart, Cox, & Hare, 1995). Os resultados demonstram que as mulheres com scores elevados de psicopatia apresentam um desempenho fraco ao nível das tarefas que necessitam de mediação verbal, ou seja, um paralelismo com o que é observado na psicopatia nos homens; estas mulheres também têm expressões conceituais pouco coerentes, frases curtas e pouco integradas, bem como anormalidades na atenção seletiva.

Para avaliar a atenção seletiva anormal em mulheres com psicopatia, neste caso, em mulheres institucionalizadas, Vitale e colaboradores (2007) recorreram à PCL-R (Hare, 1991), e corroboraram a tese de défices ao nível da atenção seletiva. Os autores sugerem que estes resultados podem contribuir para uma discriminação dos critérios da psicopatia dos dois sexos.

A avaliação dimensional de expressões emocionais faciais é uma investigação recente que pode potenciar mais evidências, principalmente da existência de um nível de ativação emocional reduzido nas mulheres com psicopatia nas suas respostas às expressões emocionais (Eisenbarth, Alpers, Segrè, Calogero, & Angrilli, 2008).

Eisenbarth e colaboradores (2008) levaram a cabo uma investigação do processamento emocional de expressões emocionais faciais em mulheres com psicopatia, em comparação com homens com psicopatia e controlos. Os participantes avaliaram a valência e a excitação de sete categorias emocionais (i.e., medo, raiva, nojo, alegria, neutra, tristeza, surpresa) quando as faces eram apresentadas durante 33 ms ou sem limites de tempo. Não foram encontradas diferenças entre os grupos na categorização da felicidade. Contudo, foi visível um declínio da categorização para as outras emoções nos grupos de psicopatia (i.e., ambos tiveram um desempenho pior na categorização do medo independentemente do tempo de duração da exposição à imagem). Mulheres e homens com psicopatia diferiram apenas na condição da categorização da tristeza, apenas na condição mais curta.

A ocorrência de erros no processo de codificação de expressões emocionais faciais, por estes indivíduos – o medo e a tristeza são interpretados como um estímulo de raiva ou de felicidade – pode levar a uma menor inibição no comportamento agressivo.

Ou seja, a um contributo para o comportamento antissocial nestes indivíduos.

Recentemente, Eisenbarth e colaboradores (2013) investigaram as diferenças da atividade cerebral em mulheres reclusas com níveis baixos e altos de psicopatia no processamento emocional de faces nas emoções de medo, raiva, e felicidade ao nível dos componentes dos potenciais relacionados com eventos (ERP). Os resultados não demonstraram nenhuma diferença entre estes dois grupos ao nível dos componentes N170 e P3. As diferenças foram encontradas só para as emoções negativas no grupo de alta psicopatia a nível do componente N2 principalmente relacionada com a atividade teta. O que nos fornece evidência de uma redução significativa da atividade cortical durante o processamento emocional em mulheres criminosas com psicopatia, observada também em homens com psicopatia. De facto, os fatores genéticos apresentam-se de suma importância para avaliação da psicopatia, principalmente para uma deteção mais precoce no seu desenvolvimento.

A psicopatia, principalmente nos casos mais graves (i.e., sádicos e assassinos em série), revela uma associação de três fatores principais: disfunções cerebrais/biológicas ou traumas neurológicos, predisposição genética, e traumas sociopsicológicos na infância (e.g., abuso emocional, sexual, físico; negligência; violência; conflitos e separação dos pais, etc.) (Almeida, 1999). Os indivíduos antissociais violentos apresentam, em regra, antecedentes de um destes componentes no histórico da sua vida, incluindo os que revelam a influência genética (Moreira, Almeida, Pinto, & Fávero, 2014).

Os estudos genéticos assumem um papel importante na compreensão da psicopatia, sendo que, segundo Beaver, Barnes, May, e Schwartz (2011), os fatores genéticos podem elucidar entre .37 e .44 da variância das mensurações da psicopatia. Os

estudos gêmeos são sugestivos no que diz respeito aos traços da personalidade no núcleo da psicopatia, sendo que, estes traços são herdados de forma mais elevada em comparação com outras perturbações da personalidade, carecendo esta área de mais estudos de genética molecular (Viding, 2004).

Um dos primeiros estudos a examinar as diferenças sexuais na etiologia de traços psicopáticos entre jovens do sexo masculino e feminino foi realizado por Ficks, Dong, e Waldman (2014). Os autores analisaram uma amostra de 885 pares de gêmeos em três dimensões de traço: impulsividade, narcisismo, e insensibilidade/sem emoção com recurso à modelagem biométrica. Os resultados não apresentaram diferenças qualitativas entre os sexos para qualquer uma das dimensões de traço, o que pode ser sugestivo de que os mesmos genes e os mesmos ambientes contribuem para estas características psicopáticas tanto em homens como em mulheres. De salientar, no entanto, que os homens tinham níveis de traços de psicopatia mais elevados que as mulheres.

Subtipos de Psicopatia

Embora a psicopatia seja muitas vezes encarada como um construto unitário, uma teoria seminal postula a existência de duas variantes: um subtipo primário que é justificado por défices afetivos hereditários, níveis inferiores de ansiedade, e um pobre relacionamento interpessoal; e, um subtipo secundário, que reflete uma perturbação afetiva adquirida, maior ansiedade de traço, níveis de comportamento antissocial comparáveis ao subtipo primário, e um funcionamento interpessoal mais pobre que o outro subtipo (Skeem, Johansson, Andershed, Kerr, & Loudon, 2007).

Muita investigação empírica tem-se rendido a esta tipologia da psicopatia. No entanto, utilizam predominantemente amostras de reclusos homens para suportar esta

conceitualização de subtipos de psicopatia (Skeem et al., 2007).

Hicks, Vaidyanathan, e Patrick (2010) realizaram um estudo de validação destas tipologias com o objetivo de verificar se estes subtipos estariam também presentes entre mulheres reclusas. Em uma fase inicial criaram dois grupos, um grupo com scores elevados de psicopatia (ponto de corte 25 pontos) e um grupo de controlo (abaixo dos 17 pontos), recorrendo à PCL-R. Foram identificados dois grupos de mulheres com psicopatia: (1) um grupo de mulheres com psicopatia primária possuíam uma estrutura de personalidade associada com transtornos de externalização e um pobre funcionamento global, notando que esta variante corresponde ao subtipo de psicopatia secundária identificada em homens reclusos (Hicks, Markon, Patrick, Krueger, & Newman, 2004; Skeem et al., 2007); (2) o subtipo secundário da psicopatia nas mulheres exibia várias diferenças em relação à tipologia homóloga nos homens, incluindo maior comportamento antissocial e criminoso, abuso de polissubstâncias, maior adversidade ambiental, incluindo abuso físico na infância, e maiores problemas de saúde mental, incluindo perturbação de *stress* pós traumático.

Síntese Conclusiva

A psicopatia e as suas manifestações, incluindo a violência ou a agressão, não é um fenómeno específico de género, mas sim uma questão humana inerente ao homem e à mulher. É necessário desmistificar estereótipos e viés de género para uma prática mais funcional destes sistemas de modo a promover práticas bem delineadas aos níveis social, comportamental, pessoal, e jurídico (Perri & Lichtenwald, 2010).

Apesar de se assistir a um aumento de estudos em torno da psicopatia nas mulheres, as características fundamentais desta estrutura de personalidade entre as

mulheres encontra-se negligenciada (Forouzan & Cooke, 2005), e o sexo masculino desempenha um papel considerável na psicopatia, tanto na sua conceção como na sua apresentação (Salekin et al., 1997).

Os estudos, particularmente os mais recentes, estão a enfatizar a importância da utilização de normas e de critérios adequados na avaliação da psicopatia nos homens e nas mulheres, quer em termos de scores quer em termos de características específicas de género. De facto, os investigadores permanecem no desconhecimento se a disparidade de resultados quando se compara a psicopatia nos homens e nas mulheres é simplesmente quantitativa ou também qualitativa (Gummelt et al., 2012).

Uma crítica que se pode apontar prende-se com a falta de sistematização dos estudos nesta área. Os estudos feitos não conseguem fornecer dados concretos e claros acerca dos critérios de diagnóstico da psicopatia nas mulheres, mesmo que se considerem as diferenças de género. Estes problemas não se revelam só como uma preocupação da investigação e da prática clínica, mas também como uma preocupação com o fórum ético, ao aplicarem-se os mesmos critérios desenvolvidos para os homens para fazer o diagnóstico nas mulheres (Forouzan & Cooke, 2005). Como consequência, estes estudos podem estar a revelar resultados equívocos (Vitale et al., 2007).

É urgente responder a várias questões que passam pela utilização dos mesmos critérios de avaliação dos traços de psicopatia e do mesmo tipo de manifestações comportamentais para ambos os sexos, tais como: será que a psicopatia nas mulheres tem o mesmo impacto forense (Forouzan & Cooke, 2005)?

Sumarizando, seria também pertinente fazer estudos ao nível da etiologia específica, do comportamento, e de características emocionais da psicopatia nas mulheres

(Forouzan & Cooke, 2005).

Referências

- Almeida, F. (1999). *Homicidas em Portugal*. Maia: Instituto Superior da Maia.
- Basoglu, C., Oner, O., Ates, A., Algul, A., Bez, Y., Cetin, M., ... Munir, K. (2011). Synaptosomal-Associated Protein 25 Gene Polymorphisms and Antisocial Personality Disorder: Association With Temperament and Psychopathy. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 56(6), 341-347.
- Beaver, K., Barnes, J., May, J., & Schwartz, J. (2011). Psychopathic Personality Traits, Genetic Risk, and Gene – Environment Correlations. International Association for Correctional and Forensic Psychology. *Criminal Justice and Behavior*, 38(9), 896-912. doi:10.1177/0093854811411153
- Eisenbarth, H., Alpers, G., Segrè, D., Calogero, A., & Angrilli, A. (2008). Categorization and evaluation of emotional faces in psychopathic women. *Psychiatry Research*, 159, 189-195. doi:10.1016/j.psychres.2007.09.001
- Eisenbarth, H., Angrilli, A., Calogero, A., Harper, J., Olson, L., & Bernat, E. (2013). Reduced negative affect response in female psychopaths. *Biological Psychology*, 94(2), 310-318. doi:10.1016/j.biopsycho.2013.07.007
- Ficks, C., Dong, L., & Waldman, I. (2014). Sex Differences in the Etiology of Psychopathic Traits in Youth. *Journal of Abnormal Psychology*, 123(2), 406-411. doi:10.1037/a0036457
- Forouzan, F., & Cooke, D. (2005). Figuring Out la femme fatale: Conceptual and Assessment Issues Concerning Psychopathy in Females. *Behavioral Sciences and the Law*, 23, 765-778. doi:10.1002/bsl.669
- Gummelt, H., Anestis, J., & Carbonell, J. (2012). Examining the Levenson Self Report

- Psychopathy Scale using a Graded Response Model. *Personality and Individual Differences*, 53, 1002-1006. doi.org/10.1016/j.paid.2012.07.014
- Hare R. (1991). *Manual for the Hare Psychopathy Checklist – Revised*. Toronto, Ontario, Canada: Multi-Health Systems.
- Hare, R. (2006). Robert Hare's Web Site devoted to the study of Psychopathy. Retrieved from [http:// www.hare.org](http://www.hare.org).
- Hare, R., & Neumann, C. (2008). Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annual Review of Clinical Psychology*, 4, 217-246.
doi:10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091452
- Hare, R., Harpur, T., Hakstian, A., Forth, A., Hart, S., & Newman, J. (1990). The revised psychopathy checklist: reliability and factor structure. *Psychological Assessment*, 2, 338-341.
- Hart, S., Cox, D., & Hare, R. (1995). *The Psychopathy Checklist Screening Version*. Toronto, Canada: Multi-Health Systems.
- Hicks, B., Markon, K., Patrick, C., Krueger, R., & Newman, J. (2004). Identifying psychopathy subtypes on the basis of personality structure. *Psychological Assessment*, 16, 276-288.
- Hicks, B., Vaidyanathan, U., & Patrick, C. (2010). Validating Female Psychopathy Subtypes: Differences in Personality, Antisocial and Violent Behavior, Substance Abuse, Trauma, and Mental Health. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 1(1), 38-57.
- Kalinian, H., & Wisniewski, A. (2005). Abnormal Findings Revealed in Female Criminal Psychopaths Using the Sorting Test. *Journal of Forensic Neuropsychology*, 4(4),

33-48. doi:10.1300/J151v04n04_03

Kennealy, P., Hicks, B., & Patrick, C. (2007). Validity of factors of the Psychopathy

Checklist – Revised in female prisoners. *Assessment, 14*, 323-340.

Levenson, M., Kiehl, K., & Fitzpatrick, C. (1995). Assessing psychopathic attributes in a

noninstitutionalized population. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*(1), 151-8.

Marion, B., & Sellbom, M. (2011). An examination of gender-moderated test bias on the

Levenson Self-Report Psychopathy Scale. *Journal of Personality Assessment, 93*(3), 234-243. doi:10.1080/00223891.2011.558873

Moreira, D., Almeida, F., Pinto, M., & Fávero, M. (2014). Psychopathy: A

comprehensive review of its assessment and intervention. *Aggression and Violent Behavior, 19*, 191-195. doi:http://dx.doi.org/10.1016/j.avb.2014.04.008

Novion, S., Cherek, D., Scott, L., Teheremissine, O., & Lieving, L. (2007). Human

Proactive Aggression: Association With Personality Disorders and Psychopathy. *Aggressive Behavior, 33*, 552-562. doi:10.1002/ab

Perri, F., & Lichtenwald, T. (2010). The Last Frontier: Myths & Female Psychopathic

Killer. *The Forensic Examiner, 50-67*.

Salekin, R., Rogers, R., & Sewell, K. (1997). Construct Validity of Psychopathy in

Female Offender Sample: A Multitrait – Multimethod Evaluation. *Journal of Abnormal Psychology, 106*(4), 576-585.

Seagrave, D., & Grisso, T. (2002). Adolescent development and the measurement of

juvenile psychopathy. *Law and Human Behavior, 26*(2), 219-239. doi:org/10.1023/A:1014696110850

- Seibert, L., Miller, J., Lynam, D., Few, L., & Zeichner, A. (2011). An Examination of the Structure of Self-Report Psychopathy Measures and Their Relations With General Traits and Externalizing Behaviors. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 3(2), 193-208. 198-208. doi:10.1037/a0019232
- Skeem, J., Johansson, P., Andershed, H., Kerr, M., & Louden, J. (2007). Two subtypes of psychopathic violent offenders that parallel primary and secondary variants. *Journal of Abnormal Psychology*, 116, 395-409.
- Society for the Scientific Study of Psychopathy (n.d.). Definition of psychopathy. Retrieved from <http://www.psychforums.com/antisocial-personality/topic142915-10.html>
- Viding, E. (2004). Annotation: Understanding the development of psychopathy. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(8), 1329-1337. doi:10.1111/j.1469-7610.2004.00323.x
- Vitale, J., Brinkley, C., Hiatt, K., & Newman, J. (2007). Abnormal Selective Attention in Psychopathic Female Offenders. *Neuropsychology*, 21(3), 301-312. doi:10.1037/0894-4105.21.3.301

Psychopathy in Women: A Brief Review of its Assessment and Subtypes

Diana Moreira^{1,2}, Marta Pinto², Fernando Almeida², Susana Barros¹, and Fernando

Barbosa¹

¹University of Porto

²Maia University Institute

Author Note

Diana Moreira, Faculty of Psychology and Educational Sciences, University of Porto and ISMAI – Maia University Institute. Marta Pinto and Fernando Almeida, ISMAI – Maia University Institute. Susana Barros and Fernando Barbosa, Faculty of Psychology and Educational Sciences, University of Porto.

Corresponding author: Diana Moreira, Faculty of Psychology and Educational Sciences, University of Porto, Rua Alfredo Allen, 4200-135, Porto, Portugal. Fax: + 351 226 079 700; Tel: + 351 226 079 725; Email: dianapmoreira@gmail.com

Abstract

Psychopathy is one of the most widely researched constructs in personality structure literature. This paper aims to present a brief literature review of female psychopathy focusing on some difficulties related to the concept, its assessment, and subtypes. Research indicates that psychopathy in women has been a scarcely studied topic and the existing studies predominantly used samples of male inmates to support the conceptualization of primary and secondary psychopathy subtypes. It would be useful, also for clinical practice, to further study the etiology, behavior, and emotional processing in female psychopathy.

Keywords: psychopathy, women, assessment, subtypes

Psychopathy in Women:
A Brief Review on its Assessment and Subtypes

Aggressive and antisocial behaviors in women have been evidenced for many centuries in mythology, for example, the behavior that was personified by Hera and Medea. However, women have long assumed the role of the weaker sex, with conceptions connected with maternity and reduced physical strength. These myths and gender constructions have been losing their strength and validity, but may not have dissipated completely with time (Perri & Lichtenwald, 2010). Industrialized countries have been witnessing a rise of women occupying positions traditionally held by men (e.g., leadership, armed forces).

Perhaps for the reasons mentioned above, the edification of the psychopathy construct was essentially based on the observation of a male criminal population, and the construct is applied to women without the necessary adaptations (Salekin, Rogers, & Sewell, 1997). Recently, however, emerged the hypothesis of a change in the behavioral manifestations underlying psychopathy deficits in women vs. men, as a result of a motivational, environmental, or gender socialization process that involves an impact on behavioral output. What is imprinted in the stereotyped criticism and semiotic mediation of society about impulsivity, aggression, and criminality perpetrated by women may contribute to the development of more effective strategies of behavioral regulation (Vitale, Brinkley, Hiatt, & Newman, 2007).

The myths that emerge from social perceptions of the behavioral phenomena of women who are characterized by psychopathic traits influence the functioning of the criminal justice system, as well as the way health professionals interact when confronted

with them (Perri & Lichtenwald, 2010). Therefore, the present review aims to understand the contributions, as well as the major shortcomings of research on psychopathy in women.

According to the definition of the Society for the Scientific Study of Psychopathy (n.d.), psychopathy is “a constellation of traits that comprises affective features, interpersonal features, as well as impulsive and antisocial behaviors. The affective features include lack of guilt, empathy, and deep emotional attachments to others; the interpersonal features include narcissism and superficial charm; and the impulsive and antisocial behaviors include dishonesty, manipulativeness, and reckless risk-taking”.

The quest for knowledge of the development of psychopathy is of high importance and worthy given the potential for early prevention in the maintenance of public health (Seagrave & Grisso, 2002).

It is well known that the vast majority of studies are focused essentially on a male population (Forouzan & Cooke, 2005). The studies that comprise a sample of both sexes usually do not perform statistical analyses between groups in order to perceive eventual differences (e.g., Novion, Cherek, Scott, Teheremissine, & Lieving, 2007; Seibert, Miller, Lynam, Few, & Zeichner, 2011). The same can be observed in genetic studies where, globally, the experimental group consists of men and the control group is mixed (e.g., Basoglu et al., 2011). It is important to encourage research into the use of a female samples, or between-gender comparisons.

Psychopathy Assessment

The studies that have been conducted on psychopathy in women have regarded this personality structure with criteria developed specifically for males, thus, ignoring

gender differences mainly in its expression/manifestation (Forouzan & Cooke, 2005). In actuality, the current assessment measures of psychopathy contain typically male items (Gummelt, Anestis, & Carbonell, 2012).

Based on a sample of 103 women, Salekin et al. (1997) argue that psychopathy in women has a lower prevalence due to the fact that the standard cutoff point is above 29 points on the *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R; Hare, 2006; Hare & Neumann, 2008), which may only indicate that the absolute rates of symptoms and their severity are lower for this group. According to Salekin et al. (1997), the two factors in the PCL-R model differ substantially for men and women. Factor 1 in men is best described as an absence of empathy or remorse, interpersonal deception, proneness to boredom, and sensation seeking, while in women is based on personality characteristics, such as charm, grandiosity, and acts of deceitfulness (Kennealy, Hicks, & Patrick, 2007). Factor 2 in men is described as early behavioral problems, promiscuity, and antisocial behavior in adulthood. Because Factor 2 is based on primary behavior disorders, its refinement is necessary to the construct of psychopathy in women.

The existence of a gender bias, with similar results, was also observed in the *Levenson Self-Report Psychopathy Scale* (LSRP; Levenson, Kiehl, & Fitzpatrick, 1995). Marion and Sellbom (2011) analyzed the validity of the LSRP in a sample of male and female undergraduate students. Although they found small gender effects, they observed differences in affective mediation criteria, such as empathy, aggression, and antisocial behavior. According to Marion and Sellbom (2011), women may display antisocial behavior as frequently as men. However, their behavioral manifestations are often classified as other personality disorders (e.g., Borderline Personality Disorder and

Histrionic Personality Disorder), which suggests that the validity of the LSRP differs between genders.

Another study on gender differences using the LSRP also has important implications for the assessment of psychopathy in women (Gummelt et al., 2012). The results indicated that the LSRP items, specifically those suggesting proneness to boredom, impulsivity, and active personality traits, work differently for both genders. The results also alert us to indicators that both genders actively seek to harm others. However, women are not as violent and probably more prone to manipulate people with whom they interact (Gummelt et al., 2012).

In this approach, researchers and health professionals experience increasing difficulty to formulate an evaluation of psychopathy in women. This personality structure is often under-identified in favor of other personality disorders, such as histrionic, antisocial, and borderline disorders. Consequently, this entire scenario promotes a less appropriate intervention by mental health professionals, especially when it comes to violent or criminal women. The generalization of the evaluation criteria for psychopathy (e.g., PCL-R), which are structured and developed specifically for males, promotes prejudice and stereotyping in a more technical-professional forensic environment when faced with the presentation of psychopathic traits of women (Forouzan & Cooke, 2005). The diagnostic criteria of the PCL-R, by being structured for men, potentiate a sub-diagnosis of psychopathy in women.

In addition, some research finds similar characteristics in male and female samples with psychopathic traits, although the evaluation criteria are the same for both genders. Hare et al. (1990) characterizes psychopathy as a clinical construct that

comprises, among others, antisocial behavior, as well as affective and executive function impairments. Therefore, the psychopathy profile does not focus solely on antisocial traits, but emotion also plays a significant role (Viding, 2004).

Kalinian and Wisniewski (2005) studied the relationship between performance in executive functions and psychopathy in juvenile offenders on parole, in psychopathic women vs. controls. The instrument used for inclusion in the psychopathic group was the *Psychopathy Checklist Screening Version* (PCL-SV; Hart, Cox, & Hare, 1995). The results demonstrated that females with high psychopathy scores display a weak performance in tasks that require verbal mediation, i.e., parallel to what is observed in males; these women also have incoherent conceptual expressions, short and poorly integrated sentences, as well as abnormalities in selective attention.

To assess abnormal selective attention in women with psychopathy, in this case institutionalized women, Vitale et al. (2007) resorted to the PCL-R (Hare, 1991), and confirmed the thesis of deficits in selective attention. The authors suggest that these findings may contribute to a discrimination of the psychopathy criteria of both genders.

The dimensional assessment of facial expressions of emotion is a recent research domain that may enhance more evidence, mainly of the existence of a reduced level of emotional activation in women with psychopathy in their responses to emotional expressions (Eisenbarth, Alpers, Segrè, Calogero, & Angrilli, 2008).

Eisenbarth et al. (2008) conducted a study on the emotional processing of facial expressions of emotion in psychopathic women, in comparison with psychopathic men and controls. Participants had to evaluate the valence and arousal of seven emotional categories (i.e., afraid, angry, disgust, happy, neutral, sad, surprise) when faces were

displayed for 33 ms or with no time limits. No differences were found between groups in the categorization of happiness. However, there was a visible decline in categorization for the other emotions in the psychopathic groups (i.e., both displayed a poorer performance in the categorization of fear regardless of the duration of exposure to the image). Female and male psychopaths differed only in the condition of the categorization of sadness and only in the short duration condition.

The occurrence of errors in the coding process of facial expressions of emotion for these individuals – fear and sadness were interpreted as a stimulus of anger or happiness – may lead to a lower inhibition of aggressive behavior. In other words, it may contribute to antisocial behavior in these individuals.

Recently, Eisenbarth et al. (2013) studied the differences in brain activity in female inmates with low and high levels of psychopathy in terms of emotional processing of faces displaying emotions of fear, anger, and happiness and in terms of event related potential (ERP) components. The results showed no differences between these two groups regarding the N170 and P3 components. Differences were found only for negative emotions in the high psychopathy group in terms of the N2 component, mainly related to theta activity. This provides evidence of significantly reduced cortical activity during emotional processing in criminal women with psychopathy, also observed in males with psychopathy. In fact, biological factors are of paramount importance for the assessment of psychopathy, particularly for an early detection of its development.

Psychopathy, especially in more severe cases (i.e., sadists and serial killers), reveals an association of three main factors: brain/biological disorders or neurological traumas, genetic predisposition, and socio-psychological traumas during childhood (e.g.,

emotional, sexual, physical abuse; neglect; violence; parental conflict and separation, etc.) (Almeida, 1999). Violent antisocial individuals typically display a history of one of these components, including those who reveal genetic influence (Moreira, Almeida, Pinto, & Fávero, 2014).

Genetic studies play an important role in the understanding of psychopathy and, according to Beaver, Barnes, May, and Schwartz (2011), genetic factors may explain between .37 and .44 of variance in measures of psychopathy. Twin studies are suggestive in terms of the core personality traits of psychopathy, which are more highly inherited compared to other personality disorders, but this area requires further studies of molecular genetics (Viding, 2004).

One of the first studies to examine sexual differences in the etiology of psychopathic traits in young males and females was conducted by Ficks, Dong, and Waldman (2014). The authors analyzed a sample of 885 sets of twins in three trait dimensions: impulsivity, narcissism, and insensibility/emotionless resorting to biometric modeling. The results did not reveal qualitative differences between genders for any of the trait dimensions, which may suggest that the same genes and the same environments contribute to these psychopathic characteristics in both men and women. Worthy of note, however, is the evidence that men had higher levels of psychopathic traits than women.

Psychopathy Subtypes

Although psychopathy is often regarded as an unitary construct, a seminal theory postulates the existence of two variants: a primary subtype, which is justified by inherited affective deficits, lower levels of anxiety, and poor interpersonal relationships; and, a secondary subtype, which reflects an acquired affective disorder, greater trait anxiety,

levels of antisocial behavior comparable to the primary subtype, and poorer interpersonal functioning than the other subtype (Skeem, Johansson, Andershed, Kerr, & Loudon, 2007).

Much empirical research has yielded to these typologies of psychopathy. However, samples of male inmates were predominantly used to support this type of conceptualization of subtypes of psychopathy (Skeem et al., 2007).

Hicks, Vaidyanathan, and Patrick (2010) performed one validation study of these typologies with the intention to verify if the two subtypes would also be present among female inmates. In an initial phase, the authors created two groups, a group of high psychopathy scorers (cutoff point at 25 points) and a control group (below 17 points), using the PCL-R. They identified two groups of psychopathic women: (1) a group with primary psychopathy had a personality structure associated with externalizing disorders and poor global functioning, noticing that this variant corresponds to the secondary psychopathy identified in male inmates (Hicks, Markon, Patrick, Krueger, & Newman, 2004; Skeem et al., 2007); (2) the secondary psychopathy subtype in women exhibited several differences regarding the homologous typology in men, including greater criminal and antisocial behavior, abuse of polysubstances, greater environmental adversity, including physical abuse during childhood, and greater mental health problems, including post-traumatic stress disorder.

Synoptic Conclusion

Psychopathy and its manifestations, including violence or aggression, is not a gender-specific phenomenon, but a human issue inherent to men and women. It is necessary to demystify gender stereotypes and bias, in order to promote well-designed

practices at social, behavioral, personal, and legal levels (Perri & Lichtenwald, 2010).

Although there is an increase of studies about psychopathy in women, the fundamental characteristics of this personality structure among women are still neglected (Forouzan & Cooke, 2005), and male gender plays a considerable role in psychopathy, both in its conception as well as its presentation (Salekin et al., 1997).

Studies, particularly recent ones, are emphasizing the importance of using adequate criteria and norms in the assessment of psychopathy in men and women, either in terms of the scores, or gender-specific characteristics. In fact, researchers remain unaware if the disparity of results when comparing psychopathic male and female is simply quantitative or also qualitative (Gummelt et al., 2012).

One criticism that can be appointed is the lack of systematization of studies in this area. The studies that have been conducted were unable to provide specific and clear data on the criteria for the evaluation of psychopathy in women, even if gender differences are assumed. These problems are a concern not only for research and clinical practice, but also on an ethical level, given that the same criteria developed for men are being used to evaluate psychopathy in women (Forouzan & Cooke, 2005). As a consequence, these studies may be revealing flawed results (Vitale et al., 2007).

It is urgent to answer several questions pertaining to the use of the same assessment criteria of the psychopathic traits and the same type of behavioral manifestations for both sexes, in order to develop proper assessment instruments to elucidate crucial research problems, such as: has the psychopathy in women the same forensic impact (Forouzan & Cooke, 2005)?

Summing-up, it would be relevant to conduct further studies on the specific

etiology, behavior, and emotional characteristics of psychopathy in women (Forouzan & Cooke, 2005).

References

- Almeida, F. (1999). *Homicidas em Portugal*. Maia: Instituto Superior da Maia.
- Basoglu, C., Oner, O., Ates, A., Algul, A., Bez, Y., Cetin, M., ... Munir, K. (2011). Synaptosomal-Associated Protein 25 Gene Polymorphisms and Antisocial Personality Disorder: Association With Temperament and Psychopathy. *The Canadian Journal of Psychiatry*, *56*(6), 341-347.
- Beaver, K., Barnes, J., May, J., & Schwartz, J. (2011). Psychopathic Personality Traits, Genetic Risk, and Gene – Environment Correlations. International Association for Correctional and Forensic Psychology. *Criminal Justice and Behavior*, *38*(9), 896-912. doi:10.1177/0093854811411153
- Eisenbarth, H., Alpers, G., Segrè, D., Calogero, A., & Angrilli, A. (2008). Categorization and evaluation of emotional faces in psychopathic women. *Psychiatry Research*, *159*, 189-195. doi:10.1016/j.psychres.2007.09.001
- Eisenbarth, H., Angrilli, A., Calogero, A., Harper, J., Olson, L., & Bernat, E. (2013). Reduced negative affect response in female psychopaths. *Biological Psychology*, *94*(2), 310-318. doi:10.1016/j.biopsycho.2013.07.007
- Ficks, C., Dong, L., & Waldman, I. (2014). Sex Differences in the Etiology of Psychopathic Traits in Youth. *Journal of Abnormal Psychology*, *123*(2), 406-411. doi:10.1037/a0036457
- Forouzan, F., & Cooke, D. (2005). Figuring Out la femme fatale: Conceptual and Assessment Issues Concerning Psychopathy in Females. *Behavioral Sciences and the Law*, *23*, 765-778. doi:10.1002/bsl.669
- Gummelt, H., Anestis, J., & Carbonell, J. (2012). Examining the Levenson Self Report

Psychopathy Scale using a Graded Response Model. *Personality and Individual Differences*, 53, 1002-1006. doi.org/10.1016/j.paid.2012.07.014

Hare R. (1991). *Manual for the Hare Psychopathy Checklist – Revised*. Toronto, Ontario, Canada: Multi-Health Systems.

Hare, R. (2006). Robert Hare's Web Site devoted to the study of Psychopathy. Retrieved from [http:// www.hare.org](http://www.hare.org).

Hare, R., & Neumann, C. (2008). Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annual Review of Clinical Psychology*, 4, 217-246.
doi:10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091452

Hare, R., Harpur, T., Hakstian, A., Forth, A., Hart, S., & Newman, J. (1990). The revised psychopathy checklist: reliability and factor structure. *Psychological Assessment*, 2, 338-341.

Hart, S., Cox, D., & Hare, R. (1995). *The Psychopathy Checklist Screening Version*. Toronto, Canada: Multi-Health Systems.

Hicks, B., Markon, K., Patrick, C., Krueger, R., & Newman, J. (2004). Identifying psychopathy subtypes on the basis of personality structure. *Psychological Assessment*, 16, 276-288.

Hicks, B., Vaidyanathan, U., & Patrick, C. (2010). Validating Female Psychopathy Subtypes: Differences in Personality, Antisocial and Violent Behavior, Substance Abuse, Trauma, and Mental Health. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 1(1), 38-57.

Kalinian, H., & Wisniewski, A. (2005). Abnormal Findings Revealed in Female Criminal Psychopaths Using the Sorting Test. *Journal of Forensic Neuropsychology*, 4(4),

33-48. doi:10.1300/J151v04n04_03

Kennealy, P., Hicks, B., & Patrick, C. (2007). Validity of factors of the Psychopathy

Checklist – Revised in female prisoners. *Assessment, 14*, 323-340.

Levenson, M., Kiehl, K., & Fitzpatrick, C. (1995). Assessing psychopathic attributes in a

noninstitutionalized population. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*(1), 151-8.

Marion, B., & Sellbom, M. (2011). An examination of gender-moderated test bias on the

Levenson Self-Report Psychopathy Scale. *Journal of Personality Assessment, 93*(3), 234-243. doi:10.1080/00223891.2011.558873

Moreira, D., Almeida, F., Pinto, M., & Fávero, M. (2014). Psychopathy: A

comprehensive review of its assessment and intervention. *Aggression and Violent Behavior, 19*, 191-195. doi:http://dx.doi.org/10.1016/j.avb.2014.04.008

Novion, S., Cherek, D., Scott, L., Teheremissine, O., & Lieving, L. (2007). Human

Proactive Aggression: Association With Personality Disorders and Psychopathy. *Aggressive Behavior, 33*, 552-562. doi:10.1002/ab

Perri, F., & Lichtenwald, T. (2010). The Last Frontier: Myths & Female Psychopathic

Killer. *The Forensic Examiner, 50-67*.

Salekin, R., Rogers, R., & Sewell, K. (1997). Construct Validity of Psychopathy in

Female Offender Sample: A Multitrait – Multimethod Evaluation. *Journal of Abnormal Psychology, 106*(4), 576-585.

Seagrave, D., & Grisso, T. (2002). Adolescent development and the measurement of

juvenile psychopathy. *Law and Human Behavior, 26*(2), 219-239. doi:org/10.1023/A:1014696110850

- Seibert, L., Miller, J., Lynam, D., Few, L., & Zeichner, A. (2011). An Examination of the Structure of Self-Report Psychopathy Measures and Their Relations With General Traits and Externalizing Behaviors. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 3(2), 193-208. 198-208. doi:10.1037/a0019232
- Skeem, J., Johansson, P., Andershed, H., Kerr, M., & Louden, J. (2007). Two subtypes of psychopathic violent offenders that parallel primary and secondary variants. *Journal of Abnormal Psychology*, 116, 395-409.
- Society for the Scientific Study of Psychopathy (n.d.). Definition of psychopathy. Retrieved from <http://www.psychforums.com/antisocial-personality/topic142915-10.html>
- Viding, E. (2004). Annotation: Understanding the development of psychopathy. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(8), 1329-1337. doi:10.1111/j.1469-7610.2004.00323.x
- Vitale, J., Brinkley, C., Hiatt, K., & Newman, J. (2007). Abnormal Selective Attention in Psychopathic Female Offenders. *Neuropsychology*, 21(3), 301-312. doi:10.1037/0894-4105.21.3.301

Programa UPGRADE: Treino de competências pessoais e sociais para ex-reclusos

Vera Lúcia Paisana¹, Cláudia Lopes Parente¹, Ana Rita Rodrigues¹, Vanda Franco

Simão¹, e José de Almeida Brites^{1,2}

¹O Companheiro, Instituição Particular de Solidariedade Social

²Escola de Psicologia e Ciências da Vida (EPCV) da ULHT

Nota de Autor

Vera Lúcia Paisana, Cláudia Lopes Parente, Ana Rita Rodrigues, e Vanda Franco Simão, O Companheiro, Instituição Particular de Solidariedade Social. José de Almeida Brites, Escola de Psicologia e Ciências da Vida (EPCV) da ULHT.

Autor de correspondência: Vera Lúcia Paisana, Av. Marechal Teixeira Rebelo, 1500-424 Lisboa, Porto, Portugal. Fax: + 351 217 155 757; Tel: + 351 912 189 418;

Email: vera.paisana@gmail.com

Resumo

O momento de libertação é vivenciado, pela maioria dos reclusos, com ansiedade face à nova realidade que os espera. Pela prática institucional d'O Companheiro, são poucos os indivíduos que desenvolvem aptidões durante o cumprimento da pena, o que pode dificultar na pós reclusão a sua (re)inserção social. Neste sentido, criámos e aplicámos um programa de prevenção terciária, nomeadamente, um treino de competências pessoais e sociais – Programa UPGRADE. Suportado no modelo cognitivo comportamental, tem como objetivos minimizar os comportamentos desviantes e desconstruir crenças disfuncionais que atendam à (re)programação psico inclusiva desta população. Participaram neste estudo 7 ex-reclusos do género masculino, com uma média de idades de 49.86 anos ($DP=8.46$). Os resultados do programa-piloto demonstraram mudanças mais expressivas na componente comportamental, ao nível da motivação, do sentido de responsabilidade, do relacionamento interpessoal e da cooperação.

Palavras-chave: (Re)inserção social, Ex-reclusos, Competências pessoais e sociais

Programa UPGRADE: Treino de Competências Pessoais e Sociais para ex-reclusos

Um pouco por todo o mundo, assiste-se à institucionalização de organismos que tentam dar continuidade ao trabalho iniciado na prisão, isto é, continuar o processo de transformação dos comportamentos e condutas do recluso mas, agora, num registo pós prisional (Huguency, Vabres, & Ancel, 1950 citados por Gonçalves, 2000). Este é o modelo da reintegração, da ressocialização, da reinserção. O tratamento penitenciário estende-se num *continuum* de processos que visam a aprendizagem de algo que, até ao momento da reclusão, não tinha sido possível adquirir pelo indivíduo que praticou o crime (Gonçalves, 2000).

De facto, existem várias teorias explicativas deste fenómeno, entre elas, algumas teorias sociológicas que postulam que o crime pode resultar de uma subcultura delinvente com padrões e normas divergentes da cultura dominante (Gassin, 1990). Nesta subcultura, os indivíduos obedecem a condutas próprias que vão condicionar todo o seu processo de aprendizagem, socialização e motivação, promovendo, a identificação ao grupo de referência e, conseqüentemente, a estigmatização da cultura dominante (Mannheim, 1985; Dias & Andrade, 1997). Por outro lado, a teoria da anomia (Durkheim e Merton) defende que o crime deriva de desequilíbrios sociais entre as aspirações e as oportunidades, fomentados pela própria sociedade, impossibilitando os indivíduos a aceder às oportunidades através das regras convencionais, o que gera conflitos (Brites, 2001; Dias & Andrade, 1997).

Esta constatação é por nós fundamentada pela dificuldade de integração e adaptação ao meio livre dos reclusos, pautada por fatores intrínsecos (e.g. poucas competências pessoais e sociais, baixos níveis de escolaridade, ausência de competências formativas e laborais, comportamentos aditivos e psicopatológicos, que refletem, na pós reclusão, dificuldades de compreensão e integração na sociedade) e por fatores extrínsecos (e.g. rede de suporte social reduzida e famílias desestruturadas). Esta situação reflete a ideologia de uma sociedade desigual, que trata os seus cidadãos de forma distinta.

O Companheiro – Associação de Fraternidade Cristã¹ emerge com a missão “Para que não haja Homem excluído pelo Homem” e procura desmistificar, junto da sociedade, os preconceitos condicionantes a uma adequada inclusão da população reclusa e ex-reclusa (e.g. inserção laboral) e promover estilos de vida normativos através das suas estratégias de intervenção (e.g. programas psico educativos, acompanhamento psicossocial, plano individual de inclusão). Pretende através de uma intervenção integrada, minorar a reincidência e permitir ao indivíduo uma (re)inserção adequada.

Assim, de forma a dar continuidade a este processo, focaremos o nosso objetivo sobre a metodologia dos programas de intervenção. Os programas de intervenção são há muito propostos por diversas áreas da Psicologia, como é o caso da Psicologia Comunitária que, ao defender o princípio da intervenção institucional, propõe a existência de programas de intervenção nas várias áreas do sistema judicial (Veríssimo, 1990). A Psicologia Forense também deu o seu contributo, no âmbito da intervenção Juspsicológica, através da criação de métodos e meios de trabalho (Poiares, 2012).

Os programas de intervenção são projetados para apoiar os reclusos na preparação do seu regresso à sociedade, dotando-os de competências necessárias para enfrentar os desafios inerentes ao processo de transição para a comunidade após um período de encarceramento. Estes, por sua vez, são desenvolvidos com base nos fatores de risco associados com a reincidência criminal e com as características do próprio indivíduo, ou seja, dependência de substâncias psicoativas, historial de doença mental ou baixas qualificações (Griffiths, Dandurand, & Murdoch, 2007).

O método cognitivo comportamental tem sido apontado como sendo um dos mais eficazes neste tipo de intervenção (Illescas, Sánchez-Meca, & Genovês, 2001; Pearson,

¹ O Companheiro, Instituição Particular de Solidariedade Social, fundada em 1987, tem como população alvo: reclusos, ex-reclusos e suas famílias, sediada em Lisboa e de âmbito Nacional (www.companheiro.org)

Lipton, Cleland, & Yee, 2002). Este método visa sobretudo corrigir as distorções cognitivas que geram problemas ao indivíduo fazendo com que desenvolva estratégias para solucionar esses problemas (Bahls & Navolar, 2004). Deste modo, pretende-se estimular formas de pensar pró-sociais e modificar os comportamentos fazendo com que regressem ao meio livre com novas aptidões que possam ser vantajosas durante a sua (re)inserção (Pearson et al., 2002).

A revisão da literatura mostra que, a nível internacional e nacional são vários os programas psicossociais que procuram demonstrar a eficácia e eficiência da intervenção com reclusos e ex-reclusos. Deste modo, serão descritos de forma abreviada alguns programas de intervenção.

Internacionalmente têm sido desenvolvidos diversos programas e serviços que auxiliam o recluso após a sua libertação, nomeadamente:

a) O Moving Ahead Program (MAP) é um programa que foi desenvolvido nos Estados Unidos da América que visa dotar os indivíduos de competências profissionais. É direcionado para ex-reclusos em situação de desemprego, sem suporte habitacional, para pessoas com problemáticas aditivas e/ou historial de doença mental. O MAP procura ajudar os ex-reclusos a modificar a sua visão e o seu comportamento, a desenvolver relações interpessoais positivas e a identificar e definir objetivos a longo prazo. O principal objetivo do programa é que os ex-reclusos consigam desenvolver uma carreira profissional em pleno e não apenas encontrar um emprego temporário (Nelson, Maurice, & Shaffer, 2008).

b) No Canadá foi desenvolvido o National Employability Skills Program (NESP), cujo principal objetivo consiste em trabalhar as competências profissionais dos reclusos a fim de os levar a desenvolver um conjunto de atitudes e comportamentos necessários para garantir e manter um emprego na comunidade (e.g. aquisição de competências comunicacionais, de resolução de problemas) (Didenko, Luong, & Carré, 2010).

Por seu lado, em Portugal, também têm sido desenvolvidos alguns programas com o objetivo de apoiar reclusos e ex-reclusos, dos quais se destacam:

a) “Gerar Percursos Sociais – GPS”, é um programa de prevenção e reabilitação psicossocial para jovens em situação de risco ou que apresentem comportamentos desviantes e que pode ser aplicado em diversos contextos de intervenção. É um programa direcionado para jovens em situações de risco ou que demonstrem comportamento desviante (Rijo & Sousa, 2004).

b) “O Meu Guia para a Liberdade”, é um programa que foi desenvolvido pela Direção-Geral dos Serviços Prisionais, em 2009, para reclusos, tendo como objetivo a elaboração de um projeto de vida. Pretende-se que estes adquiram competências necessárias ao seu processo de transição para a sociedade, tornando-os igualmente conscientes das noções de dano, vítima e reparação (Vicente et al., 2009).

c) “Construir um Plano de Prevenção e de Contingência”, foi concebido para ser aplicado a reclusos em fase final de cumprimento da pena. É um programa que tem por objetivo a prevenção da reincidência e pretende que os reclusos adquiram competências que lhes permitam elaborar um projeto de vida após a libertação. São conteúdos do programa o delineamento de objetivos a curto e longo prazo, bem como, promoção de estratégias para os tornar exequíveis e ainda, a capacidade de gerir situações problemáticas que possam surgir. (Direção-Geral dos Serviços Prisionais, 2010).

A preparação e implementação de programas direcionados para a população delinvente requer um trabalho metodológico moroso e nem sempre alcançam os resultados esperados. No entanto, importa referir que o impacto destes programas em reclusos e ex-reclusos, mesmo que os resultados pareçam inexistentes, devem ser vistos como positivos, independentemente da sua magnitude (Gonçalves, 2007). Importa pois sublinhar a necessidade de se continuar apostar na intervenção junto desta população, a fim de se

desconstruir a ideia que durante vários anos vigorou na literatura, de que “nada funciona” (Gonçalves, 2007).

Com o desenvolvimento e aplicação do Programa UPGRADE (Paisana, 2012), pretendemos atenuar alguns *handicaps* no que concerne à intervenção com a população reclusa e/ou ex-reclusa. As bases conceituais do programa estão assentes na perspetiva cognitivo comportamental e é através do modelo da promoção de competências, que nos propomos atenuar os comportamentos desviantes e desconstruir crenças disfuncionais.

O programa tem como objetivo geral dotar os participantes de competências pessoais e sociais, a fim de possibilitar a sua (re)socialização. Os objetivos específicos contemplam a promoção do desenvolvimento de competências comportamentais (e.g. relacionamento interpessoal, motivação, cooperação) e cognitivas (e.g. emoções e crenças, de forma a promover a flexibilidade e abertura cognitiva).

O programa é constituído por cinco módulos:

a) Módulo I - Comunicação: pretende consciencializar para a ambiguidade do processo comunicacional, identificar os tipos de comunicação (verbal e não verbal) e promover as competências comunicacionais;

b) Módulo II - Autoconhecimento, Relacionamento Interpessoal e Cooperação: visa promover o autoconhecimento através do reconhecimento das potencialidades e limitações da personalidade de cada um, promover a autoestima, reconhecer os estilos de comportamento interpessoal, treinar estratégias de resolução de problemas interpessoais e reconhecer a importância da cooperação;

c) Módulo III - Emoções e Crenças: procura promover a tomada de consciência das emoções e sentimentos através da adequada identificação dos mesmos, compreender a diferença entre sentimentos e comportamentos, reconhecer a influência das emoções no

comportamento, bem como conhecer as distorções cognitivas mais comuns, utilizadas no processamento disfuncional da informação;

d) Módulo IV - Motivação e Compromisso: tem por objetivo dotar de estratégias, que permitam a automotivação nos participantes, promover a reflexão sobre o conceito de compromisso e o quão importante este é em todos os aspetos da vida do indivíduo;

e) Módulo V – Prevenção: procura sintetizar todo o trabalho desenvolvido ao longo dos módulos, desenvolvendo o conceito de prevenção e de plano para a vida futura, ajudando o indivíduo na construção de um projeto de vida.

O UPGRADE contém 33 sessões (sendo uma sessão de *follow up*), com uma periodicidade semanal. Cada sessão tem a duração de aproximadamente 90 minutos e é efetuada em grupo.

É objetivo deste estudo, de cariz exploratório, avaliar qual o impacto da aplicação do Programa UPGRADE, nos residentes ex-reclusos d'O Companheiro.

Metodologia

Participantes

O programa UPGRADE contemplou 21 indivíduos, dos quais, após a avaliação dos critérios de inclusão, foram propostos 15 participantes. Ao longo da aplicação do programa 8 participantes desistiram ou deixaram de cumprir os critérios de inclusão. Desta forma, contabilizámos apenas os participantes que iniciaram e terminaram o programa e é sobre estes que incidem os resultados que serão apresentados.

Por critérios de inclusão foram considerados, serem residentes d'O Companheiro, com pena de prisão efetiva (ex-reclusos em fase de (re)inserção), maiores de 18 anos, capazes de ler e escrever, com domínio da língua portuguesa, sem consumo de substâncias psicoativas e sem perturbação do foro psiquiátrico. Foi ainda considerado se algum dos participantes fazia terapêutica farmacológica, não sendo necessariamente um fator de exclusão.

A amostra é constituída por 7 participantes do género masculino, ex-reclusos, residentes n' O Companheiro, com uma média de idades de 49.86 anos ($DP=8.46$) e prevalecendo o 4º ano de escolaridade ($n=4$; 57.1%). O tempo médio de reclusão foi de 15.07 anos ($DP=9.10$) e a tipologia do crime mais frequente encontra-se dividida pela seguinte ordem: Crime contra as pessoas ($n=4$; 57.12%), crime contra o património ($n=2$; 28.57%) e tráfico de estupefacientes ($n=1$; 14.29%).

Medidas

Os estados emocionais foram avaliados pela Escala de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS-42) desenvolvida por Lovibond e Lovibond, em 1995 e, adaptada à população portuguesa por Pais-Ribeiro, Honrado e Leal (2004). Foi utilizada a versão de 42 itens, divididos em três dimensões (ansiedade, depressão e stress) e, avaliados numa escala tipo *likert* de 4 pontos, variando entre 0 = Não se aplicou nada a mim e 3 = Aplicou-se a mim a maior parte das vezes. É possível obter uma pontuação total e por cada dimensão, através das somas dos resultados, numa classificação dimensional dos estados afetivos, entre “normal” e “muito grave” (Pais-Ribeiro, Honrado, & Leal, 2004).

As estratégias de regulação emocional foram avaliadas através do Questionário de Regulação Emocional (QRE), desenvolvido por Gross e John, em 2003, tendo sido traduzido e validado para a população portuguesa por Vaz e Martins (2009). São apresentadas 10 afirmações sobre as experiências ou expressões emocionais, em que os participantes respondem numa escala tipo *likert* de 7 pontos, variando entre os valores 1 = Discordo Totalmente e 7 = Concordo Totalmente. O QRE permite retirar os resultados relativos à utilização de uma ou ambas as estratégias de regulação emocional (Reavaliação Cognitiva e Supressão Emocional) através da soma das pontuações.

O desajustamento psicológico/estados de humor foi avaliado pelo Perfil de Estados de Humor (POMS; McNair et al., 1971) adaptado à população portuguesa por Azevedo, Silva e Dias (1991). A POMS é constituída por 65 adjetivos que subdividem em seis estados de humor ou afetivos: (1) Tensão-Ansiedade (T); (2) Depressão-Rejeição (D); (3) Cólera-Hostilidade (H); (4) Vigor-Atividade (V); (5) Fadiga-Inércia (F); e, (6) Confusão-desorientação (C), avaliados numa escala tipo *likert* de 5 pontos, variando de 0=Maneira nenhuma a 4=Muitíssimo. Pode ainda obter-se uma nota total de perturbação do humor somando as notas, na seguinte fórmula: $\Sigma=T+D+H-V+F+C$ (tendo o Vigor-Atividade um peso negativo) de cada um dos estados de humor.

A análise do sistema de valores dos indivíduos foi avaliada pela Escala de Valores de Nunes, desenvolvida por Nunes, Tap e Hipólito (Nunes, 2011). Constituída por 60 valores agrupados em cinco fatores: (1) Contextualização normativa e afirmação de si, contempla três subfatores: (1.1) Dimensão afetiva e investimento profissional; (1.2) Dimensão existencial; (1.3) Investimento noético; (2) Investimento religioso; (3) Investimento intelectual e autocontrolo; (4) Relacionamento interpessoal; (5) Corporalidade e hedonismo, sendo avaliados numa escala tipo *likert* de 5 pontos, variando entre o valor 1 = Nada significativo e o valor 5 = Muito significativo. Os itens são cotados, dentro de cada fator, obtendo o somatório e a média por fator/subfator.

Os Esquemas Mal adaptativos Precoces foram avaliados pelo YSQ-S3, desenvolvido na década de 90 por Young e Brown e, traduzido e adaptado por Pinto Gouveia, Rijo e Salvador, em 2005 (Rijo, 2009). O YSQ-S3 é constituído por 90 itens, distribuídos por 18 Esquemas Mal adaptativos Precoces (EMP), dentro de 5 domínios: (1) Distanciamento e Rejeição; (2) Autonomia e Desempenho Deteriorados; (3) Limites Deteriorados; (4) Influência dos Outros; (5) Vigilância Excessiva e Inibição, avaliados numa escala tipo *likert* que varia entre 1 = Completamente falso, isto é, não tem absolutamente nada a ver com o que

acontece comigo e 6 = Descreve-me perfeitamente, isto é, tem tudo a ver com o que acontece comigo. As pontuações obtêm-se através do somatório das respostas.

Foram ainda desenvolvidos e utilizados pelos dinamizadores, uma Grelha de Observação para avaliar os participantes em cada sessão e três Grelhas de Avaliação com a finalidade de possibilitar aos participantes a avaliação do programa no final de cada módulo.

A Grelha de Observação avalia os participantes numa escala tipo *likert* de 6 pontos, variando entre 1 = Nada e 6 = Tudo, em duas dimensões (comportamento e cognição) através de 14 itens: Assiduidade, Pontualidade, Participação, Iniciativa, Motivação, Sentido de responsabilidade, Relacionamento interpessoal, Cooperação com pares, Cooperação com formadores, Controlo da agressividade, Realização das tarefas, Capacidade de relacionar com situações reais, Flexibilidade/Abertura cognitiva, Compreensão do conteúdo da sessão.

As Grelhas de Avaliação utilizadas pelos participantes consistem em: a) Autoavaliação, utilizando uma Grelha de Observação; b) Avaliação do módulo – através de questões abertas e fechadas, sendo estas últimas (tipo *likert*) relativas aos seguintes pontos: interesse, a qualidade da exposição dos temas, a documentação de apoio distribuída, a atuação global do dinamizador tendo por objetivo perceber se os módulos corresponderam às expectativas iniciais e conhecer os temas que suscitaram mais motivação e que foram alvo de sugestões; c) e, por fim, Avaliação do desempenho do dinamizador(es) – avalia cada um dos dinamizadores ao nível da clareza da linguagem, exposição dos conteúdos programáticos, relacionamento com os participantes, interesse e motivação demonstrados, avaliação global do desempenho dos dinamizadores.

Procedimento

Autorizada a aplicação do Programa UPGRADE pela Direção Técnica d'O Companheiro, procedemos à apreciação dos potenciais candidatos, atendendo aos critérios de inclusão. De seguida, após consentimento informado, foi aplicado o protocolo de avaliação

(repetido no final do programa, após a sessão de *follow up*), consistindo no seguinte: (a) Avaliação dos estados emocionais (EADS42; Pais-Ribeiro, Honrado & Leal, 2004); (b) Avaliação das estratégias de regulação emocional (QRE; Vaz & Martins, 2009); (c) O (des)ajustamento psicológico/estados de humor (POMS; Azevedo, Silva & Dias, 1991); (d) Avaliação do sistema de valores (Nunes, 2011); e, (e) Avaliação dos Esquemas Mal adaptativos (YSQ-S3; Pinto Gouveia, Rijo & Salvador, 2005).

No final de cada sessão, foi utilizada a Grelha de Observação e, no final de cada módulo, os participantes realizaram a sua avaliação do programa.

O programa UPGRADE desenvolveu-se ao longo de um ano, entre fevereiro de 2013 e fevereiro de 2014, realizando-se a sessão de *follow up* em março de 2014.

Resultados

Dada a dimensão da amostra ($n= 7$) realizaram-se testes não-paramétricos. Descrevem-se, de seguida, os resultados obtidos através da análise das medidas de tendência central e dispersão, média e desvio padrão, realizadas com recurso ao programa IBM® SPSS® (versão 21).

Nos estados emocionais medidos através da EADS-42 os resultados revelam pontuações mais reduzidas no pós teste, em comparação com o pré teste, em todas as dimensões, à exceção do *Stress*, em que houve um ligeiro aumento. De acordo com as normas de cotação, obtiveram-se valores “normais” na escala Total e na subescala *Stress*, em ambos os momentos e, uma redução dos sintomas de depressão e ansiedade de um nível “ligeiro” para “normal”, entre o pré e o pós teste (ver Tabela 1).

Tabela 1

Valores normativos das dimensões da Escala de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS-42) no pré e pós teste

Pré teste

Pós teste

	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min.	Máx.	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min.	Máx.
Depressão	10.14	4.29	5	16	7.71	6.52	0	19
Ansiedade	8.43	4.75	1	13	7.14	5.36	0	14
Stress	11.00	7.32	3	24	13.00	7.97	5	25
Total	29.57	15.28	11	51	27.86	18.21	7	54

Relativamente às estratégias de regulação emocional, os resultados obtidos indicam que, em ambos os momentos, é mais frequente a utilização da supressão emocional como estratégia de regulação emocional do que a reavaliação cognitiva. Comparando o primeiro com o segundo momento, existe, respetivamente, uma ligeira diminuição da reavaliação cognitiva e um ligeiro aumento da supressão emocional, sendo que os valores da primeira se aproximam mais da população normativa ($M=21.6$; $DP=6.4$) que os da segunda ($M=13.8$; $DP=4.9$). Porém, indivíduos com o ensino básico tendem a utilizar ambas as estratégias (ver Tabela 2).

Tabela 2

Valores normativos das dimensões do Questionário de Regulação Emocional no pré e pós teste

	Pré teste				Pós teste			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min.	Máx.	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min.	Máx.
Reavaliação								
Cognitiva	20.57	4.54	12	27	18.71	1.97	15	21
Supressão								
Emocional	21.14	5.66	11	30	22.71	5.73	15	32

Observando os dados, comparando o pré teste com o pós teste da escala de valores, verifica-se uma ligeira descida em todos os valores, incluindo o Relacionamento Interpessoal (F4), exceto na Corporalidade e Hedonismo (F5) em que há um ligeiro aumento dos valores.

Os valores mais expressivos correspondem ao Fator 1, relacionado com a Contextualização Normativa e Afirmação de si (ver Tabela 3).

Tabela 3

Valores normativos das dimensões da Escala de Valores no pré e pós teste

	Pré teste				Pós teste			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min.	Máx.	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min.	Máx.
Dim. Afetiva e investimento prof. (F1.1)	4.15	0.63	3	5	4.02	0.57	3	4.93
Dim. Existencial (F1.2)	4.34	0.62	3	4.93	4.13	0.59	3	4.93
Investimento Noético (F1.3)	4.21	0.78	3	5	3.96	0.68	3	5
Investimento Religioso (F2)	3.32	0.58	2.90	4.40	3.15	0.65	2.40	4.10
Investimento intelectual e autocontrolo (F3)	3.68	0.59	3	4.60	3.42	0.72	2.60	4.40
Relacionamento Interpessoal (F4)	3.80	0.73	3	5	3.42	0.46	2.80	4.20
Corporalidade e Hedonismo (F5)	3.28	0.36	3	4	3.57	0.53	3	4.50

Legenda: Dim.=Dimensão; Prof.=Profissional

Os resultados da avaliação do desajustamento psicológico medido através da POMS e em comparação com o pré e pós teste demonstram um aumento de todos os valores relacionados com fatores negativos, à exceção do fator Fadiga-Inércia em que houve um ligeiro decréscimo, sendo o fator Cólera-Hostilidade aquele que demonstra um aumento mais significativo e o fator Depressão-Rejeição aquele que apresenta maior pontuação. O fator

Vigor-Atividade também registou um aumento, sendo o que obteve uma pontuação mais elevada no pós teste (ver Tabela 4).

Tabela 4

Valores normativos do Perfil de Estados de Humor no pré e pós teste

	Pré teste				Pós teste			
	M	DP	Min.	Máx.	M	DP	Min.	Máx.
Tensão/Ansiedade	12.43	5.91	6	21	12.86	6.12	3	21
Depressão/Rejeição	19.29	6.67	10	30	19.86	8.89	11	34
Cólera/Hostilidade	13.86	7.26	5	24	16.29	6.34	6	24
Vigor/Atividade	18.86	5.84	12	30	20.86	3.62	16	25
Fadiga/Inércia	9.57	4.92	5	18	9.14	3.23	6	14
Confusão/Desorientação	8.71	3.30	5	14	9.29	3.98	4	15

Relativamente aos Esquemas Mal adaptativos Precoces (EMP), o esquema com maior *score* é a Punição e com menor *score* é o Fracasso. Os resultados obtidos demonstram que, em geral, os valores do pós teste são superiores aos valores do pré teste, exceto nos seguintes esquemas: Emaranhamento/Eu Subdesenvolvido; Subjugação; Autossacrifício; Procura de Aprovação/Procura de Reconhecimento; Isolamento Social/Alienação, sendo este o que evidencia uma maior redução (ver Tabela 5).

Tabela 5

Valores normativos do Questionário de Esquemas Mal adaptativos (S3) no pré e pós teste

	Pré Teste				Pós Teste				
	M	DP	Min.	Máx.	M	DP	Min.	Máx.	
Distancia mento e rejeição	Privação Emocional	2.60	0.96	1	3.80	2.88	1.52	1	5
	Abandono/Instabilidade	2.67	1.88	1	5.75	3	1.85	1	5.75
	Desconfiança/Abuso	2.28	0.83	1	3	2.57	1.11	1	4.20

Autonomia e desempenho deteriorados	Isolamento Social/Alienação	2.94	1.27	1	5	2.28	0.86	1	3.60
	Defeito/Vergonha	1.45	1.12	1	4	2.42	1.22	1	4.80
	Fracasso	1.54	0.69	1	3	2.02	1.11	1	4.20
	Dependência/Incompetência	1.82	0.62	1	2.80	2.22	0.76	1	3.40
	Vulnerabilidade ao Mal e à Doença	2.50	1.39	1	4.50	3	1.25	1	4.75
	Emaranhamento/Eu	2.54	1.64	1	5.80	2.25	0.90	1	3.20
	Subdesenvolvido								
Influência dos outros	Subjugação	1.97	0.81	1	3.20	1.88	0.96	1	3.80
	Autossacrifício	2.94	1.24	1	4.60	2.91	1.18	1	4.80
	Procura de Aprovação/Procura de Reconhecimento	2.78	1.34	1	5.25	2.67	1.39	1	5.25
Vigilância Excessiva e Inibição	Inibição Emocional	2.62	1.19	1	4.40	3	1.30	1	4.40
	Padrões								
	Excessivos/Hipercriticismo	2.23	1.51	1	4.66	2.47	1.26	1	4
	Negativismo/Pessimismo	3.22	1.54	1	5.40	3.22	1.54	1	5.40
	Punição	3.53	1.76	1	6	3.53	1.76	1	6
Limites deteriorados	Grandiosidade/Limites	2.31	1.58	1	5	2.57	1.06	1	4
	Indefinidos								
	Autodisciplina e Autocontrole	2.37	1.25	1	4.60	2.82	1.33	1	4.60
	Insuficientes								

Quanto às Grelhas de Observação, contemplaram-se todos os itens propostos inicialmente, verificando-se uma evolução positiva em geral, à exceção do item realização das tarefas. No entanto, no decorrer da análise constatou-se que as mudanças mais expressivas ocorreram nos seguintes itens: motivação, sentido de responsabilidade, relacionamento interpessoal, cooperação com os pares e dinamizadores. As variáveis relacionadas com a componente cognitiva, foram aquelas que demonstraram a evolução menos expressiva (ver Tabela 6).

Tabela 6

Resultados Grelha de Observação

	Módulo I		Módulo V	
	(Comunicação)		(Prevenção)	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Motivação	3.41	1.65	4.18	1.36
Sentido de responsabilidade	4.17	1.65	5.18	0.62
Relacionamento Interpessoal	3.46	1.50	5.20	0.56
Cooperação com os Pares	3.62	1.36	4.70	0.94
Cooperação com os Formadores	3.61	1.95	4.98	0.85

Nota. Pontuações mais altas significam melhor adaptação e cooperação, numa escala de 1 (nada) a 6 (tudo).

Através das três grelhas utilizadas pelos participantes na apreciação do programa UPGRADE, verifica-se que a avaliação entre módulos não revela diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0.05$).

Discussão

Atendendo aos resultados do protocolo de avaliação, tal como referido anteriormente, verificámos que não existem diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0.05$) entre o pré e pós teste, o que poderá estar relacionado com a dimensão reduzida da amostra. Não obstante, o facto de um programa não apresentar dados estatisticamente significativos, não implica que o mesmo não tenha surtido efeitos positivos, visto que as medidas de tendência central analisam os dados como um todo e não individualmente (Gonçalves, 2007). De facto, apesar de não se verificarem diferenças expressivas no grupo de participantes, observaram-se diferenças individuais, corroboradas pela restante equipa técnica da Associação O Companheiro. Consideramos positivo o facto dos sintomas de ansiedade e depressão terem sido reduzidos de um nível ligeiro para ausência, apesar de um ligeiro aumento na dimensão

Stress, o que poderá estar relacionado com as temáticas abordadas em determinadas sessões (e.g., expectativas face ao futuro).

Na avaliação dos estados emocionais os resultados obtidos são congruentes com a população normativa, embora contrariem o que seria de esperar após o término do programa. Estes resultados indicam que os participantes reprimem mais as suas emoções, demonstrando dificuldade na expressão e no reconhecimento das mesmas e, experienciando mais emoções negativas, o que poderá condicionar o seu relacionamento interpessoal, visto que, a menor partilha de emoções resulta num baixo suporte social e menor integração no grupo de pares, bem como menor conforto em relações de intimidade. Contudo, não poderão ser esquecidos os anos de reclusão destes indivíduos, sendo frequente, neste processo de institucionalização, o controlo e supressão das reações emocionais face às situações que os rodeiam (Brites, 2014; Haney, 2002). Importa ainda referir que, em situações de *stress*, optam por não expressar as emoções e, na generalidade das situações são relutantes em partilhá-las (sejam positivas ou negativas), evitando o estabelecimento de relações de proximidade (Vaz & Martins, 2009). Estes resultados poderão estar relacionados, uma vez mais, com o tempo de reclusão, tendo em conta que os reclusos podem apresentar retração social e isolamento, como forma de segurança e proteção, tornando-se despercebidos perante os outros reclusos e não confiando nos demais (Haney, 2002). De facto, as estratégias de regulação emocional estão relacionadas com o contexto social em que são implementadas e com comportamentos sociais fundamentais aos indivíduos (Vaz & Martins, 2009).

Os resultados da Escala de Valores indicam que os participantes dão importância a valores socialmente aceites que lhes permitam situar-se dentro das normas, privilegiam relações harmoniosas, adotam uma atitude valorativa da inserção social que poderá ter efeitos positivos no investimento profissional e valorizam o desenvolvimento de relações de proximidade humana significativos para o seu projeto existencial. Estes dados poderão estar

relacionados com os problemas com a justiça, com a atual promoção da sua (re)inserção social e com a necessidade de se sentirem aceites apesar dos erros do passado e de conseguirem estabelecer relações de intimidade. Por outro lado, os resultados obtidos referem também que os participantes atribuem importância à integridade e poder pessoal e, nesse sentido, à transmissão e manutenção dos valores dos próprios, bem como à autossatisfação, o que poderá estar relacionado com a resistência à mudança e, conseqüentemente, pouca flexibilidade cognitiva que se verificou ao longo do programa.

Avaliado o (des)ajustamento emocional, este revelou um aumento dos valores relacionados com o vigor-atividade, tais resultados sugerem que, apesar de se constatar uma melhoria associada a um estado físico pautado pela energia, estados de humor de cariz mais negativo são também experienciados pelos participantes. Este facto pode estar relacionado com os valores encontrados nas escalas de Regulação Emocional, visto que, a utilização de uma estratégia de regulação emocional desadaptativa pode também originar estados de humor negativos (e.g., hostilidade).

Tendo em consideração os Esquemas Mal adaptativos Precoces, os resultados obtidos indicam que os *scores* mais elevados se verificam nos esquemas Negativismo/Pessimismo e Punição pertencentes ao domínio Vigilância Excessiva e Inibição. Podemos associar estes resultados ao facto dos participantes terem cumprido uma pena de prisão, sendo um contexto que acarreta algumas adaptações psicológicas, como a hipervigilância, que os coloca em estado de alerta para evitar situações de risco ou ameaça (Haney, 2002). Estas características associam-se ao domínio Influência dos Outros, visto que, existe uma necessidade de aceitação, suprimindo as suas vontades (Rijo, 2009).

No que respeita às Grelhas de Observação, os resultados convergem com os do protocolo de avaliação. Embora se verifique uma melhoria dos mesmos, ao longo do programa em todos os itens, as alterações são mais evidentes na componente comportamental

do que na cognitiva, o que poderá estar relacionado com as características da amostra, nomeadamente, a idade, o percurso de vida, as características individuais – como a expressividade e a manipulação – e a resistência à mudança.

Atendendo aos resultados da avaliação realizada pelos participantes, concluímos que as medidas utilizadas carecem de algumas alterações, em aplicações futuras, visto que, os instrumentos são extensos e apresentam alguma complexidade, nomeadamente, as Grelhas de Avaliação.

Conclusão

A primeira aplicação do programa UPGRADE, de carácter exploratório, teve como objetivo verificar o seu impacto nos participantes e realizar um levantamento das suas eventuais potencialidades e limitações para aplicações futuras.

Assim, destacamos as seguintes potencialidades e, em simultâneo, limitações: a) a duração do programa pode constituir-se como potenciador de desmotivação nos participantes mas, ao mesmo tempo, possibilita a modificação do comportamento por ser uma intervenção de maior longevidade; b) o carácter lúdico das sessões facilita a aquisição de competências, contudo, por outro lado, pode ser encarado como algo insignificante, considerando que algumas das atividades eram demasiado infantilizadas pelos participantes; c) o número reduzido de participantes potencia o relacionamento interpessoal, no entanto, enquanto amostra, dificulta a sua análise estatística.

Concluimos ainda, que a estrutura do programa pode ser revista no que concerne à ordem sequencial dos módulos e que é, igualmente importante, a reestruturação do Módulo III – Emoções e Crenças, de modo a produzir maior eficácia, pois os resultados obtidos sugerem-nos que este não produziu o efeito desejado nos participantes. Consideramos igualmente importante reformular a avaliação do programa, de modo, a medir com maior fidelidade o seu impacto nos participantes. Tendo em conta que o objetivo do programa é a prevenção da

reincidência, é pertinente, em futuras aplicações, a introdução de um instrumento de avaliação do risco.

A aplicação deste trabalho sugere-nos a necessidade de intervenção, durante o tempo de reclusão, para que se combata a ociosidade nas prisões, fomentando a criação de atividades recreativas de forma a promover algum bem-estar intramuros, que possibilite ao recluso a aquisição de competências pessoais, interpessoais, sociais e de trabalho que permitam, aquando em liberdade, uma (re)inserção com sucesso (Brites, 2014; Gonçalves, 2000; Paisana, 2012; Rodrigues, 2014).

É também importante continuar a desenvolver e implementar novos programas psicoeducativos, na população reclusa e na pós reclusão, mesmo que as mudanças pareçam pouco expressivas (Gonçalves, 2007), valorizando-as e alterando, por ventura, as metodologias aplicadas, na perspetiva de uma melhoria contínua deste género de programas.

Desta forma, o UPGRADE revela potencial para se constituir como um importante contributo técnico-científico da área de intervenção, na pós reclusão ou durante a reclusão, não obstante o papel ativo do indivíduo enquanto ser biopsicossocial, pois, tudo o que influencia o seu comportamento, tem um papel preponderante na alteração do mesmo.

Numa sociedade onde impera a estigmatização face ao crime é emergente a necessidade de se continuar a apostar na investigação e na união de sinergias, para que a (re)inserção destes indivíduos não passe de uma miragem, e que não fiquem esquecidos nas franjas de uma sociedade que se diz inclusiva, “Para que não haja Homem excluído pelo Homem”.

Agradecimentos

Os autores agradecem a Tomás Osório e a Marine Diogo pela assistência na escrita da versão inglesa deste artigo.

Referências

- Azevedo, M., Silva, C., & Dias, M. (1991). O “perfil de estados de humor”: Adaptação à população portuguesa. *Psiquiatria Clínica*, 12 (4), 187-193.
- Bahls, S. C., & Navolar, A. B. B. (2004). Terapias Cognitivo-Comportamentais: Conceitos e pressupostos teóricos. *Psicologia Universidade Tuiuti do Paraná*, 4, 1-11.
- Brites, J. A. (2001). O paradigma ecopsicossociológico na desordem. *Sub Judice: Justiça e Sociedade. Psicologia e Justiça: razões e trajetos*, 22/23, 85-90.
- Brites, J. A. (2014). *Psicopatía e Linguagem*. Coleção Compendium. Lisboa: Chiado Editora.
- Dias, J. F., & Andrade, M. C. (1997). *Criminologia. O homem delinvente e a sociedade criminógena*. (2º ed.). Coimbra: Coimbra Editora
- Didenko, E., Loung, D., & Carré, C. (2010). *Evaluation report: National Employability Skills Program*.
- Direção-Geral dos Serviços Prisionais (2010). *Programa de Intervenção Técnica no âmbito da Prevenção da Reincidência e da Recaída*.
- Gassin, R. (1990). *Criminologie*. Paris: Dalloz.
- Gonçalves, R. A. (2000). *Delinquência, Crime e Adaptação à Prisão*. Coleção: Psicologia Clínica e Psiquiatria, n.º3. Coimbra: Quarteto Editora.
- Gonçalves, R. A. (2007). Promover a mudança em personalidades anti-sociais: Punir, tratar e controlar. *Análise Psicológica*, 4 (25), 571-583.
- Griffiths, C. T., Dandurand, Y., & Murdoch, D. (2007). *The Social Reintegration of Offenders and Crime Prevention*.
- Haney, C. (2002). *The Psychological Impact of Incarceration: Implications for Post-Prison Adjustment*.

Illescas, S., Sanches-Meca, J., & Genovês, V. (2001). Treatment of offenders and recidivism:

Assessment of the effectiveness of programmes applied in Europe. *Psychology In Spain*, 5 (1), 47-62.

Mannheim, H. (1985). *Criminologia comparada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

McNair, D. et al., (1971). *Edits Manual for the Profile of Mood States*. Educational and Industrial Testing Service. San Diego, Califórnia.

Nelson, S. E., Maurice, I. R., & Shaffer, H. J. (2008). *Moving Ahead Program (MAP): Phase I report*.

Nunes, O. (2011). *Escala de valores de O. Nunes: Manual*. Lisboa: EDIUAL

Paisana, V. L. (2012). *Programa de Prevenção terciária de delinquência: (RE) Programação Psico-Inclusiva – “UPGRADE”*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia, Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias.

Pais-Ribeiro, J. L., Honrado, A., & Leal, I. (2004). Contribuição para o estudo da adaptação portuguesa das Escalas de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS) de 21 itens de Lovibond & Lovibond. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 5 (2), 229-239.

Pearson, F.S., Lipton, D.S., Cleland, C.M., & Yee, D.S. (2002). The Effects of Behavioral/Cognitive-Behavioral Programs on Recidivism. *Criminal Justice and Behavior*, 48, 476-496.

Poiares, C.A. (2012). *Manual de Psicologia Forense e da Exclusão Social. Rotas de Investigação e de Intervenção - Volume I*. In C.A. Poiares (Ed.), *(Des) Convivências & Violências (pp 205-220)*. Lisboa. Edições Universitárias Lusófonas.

Rijo, D., & Sousa, M. (2004). *Gerar percursos sociais: Programa de Prevenção e Reabilitação para jovens com comportamento social desviante*. Ponta Delgada: Equal-Futurem.

- Rijo, D. (2009). *Esquemas Mal-adaptativos Precoces: validação do conceito e dos métodos de avaliação*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Rodrigues, A. R. (2014). *A psicologia clínica no contexto de uma comunidade de inserção de apoio a reclusos e ex reclusos - O Companheiro*. Relatório de estágio. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa.
- Vaz, F., & Martins, C. (2009). *Diferenciação e Regulação emocional na idade adulta: Tradução e validação de dois instrumentos de avaliação para a população portuguesa*. Tese de Mestrado em Psicologia. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Veríssimo, M. M. (1990). A Psicologia Comunitária e o Sistema Judicial: uma nova forma de olhar e intervir sobre a delinquência. *Análise Psicológica*, 2 (8), 203-209.
- Vicente, P., Costa, A., Soudo, A. R., Pragosa, C., Martins, C., Resende, C., ... Branco, R. (2009). *O meu Guia para a Liberdade*.

UPGRADE Program: Personal and social skills training for ex-inmates

Vera Lúcia Paisana¹, Cláudia Lopes Parente¹, Ana Rita Rodrigues¹, Vanda Franco Simão¹, and José de Almeida Brites^{1,2}

¹O Companheiro, Private Social Solidarity Institution

²School of Psychology and Life Sciences (EPCV) of the ULHT

Author Note

Vera Lúcia Paisana, Cláudia Lopes Parente, Ana Rita Rodrigues, e Vanda Franco Simão, O Companheiro, Private Social Solidarity Institution. José de Almeida Brites, School of Psychology and Life Sciences (EPCV) of the ULHT.

Corresponding author: Vera Lúcia Paisana, Av. Marechal Teixeira Rebelo, 1500-424 Lisboa, Porto, Portugal. Fax: + 351 217 155 757; Tel: + 351 912 189 418; Email: vera.paisana@gmail.com

Abstract

Most inmates experience the moment of liberation with anxiety before the new reality that awaits them. The institutional experience in O Companheiro indicates that few individuals develop skills while serving sentence, which may interfere with their social (re)integration during the post-incarceration period. Therefore, we have created and applied a tertiary prevention program, namely, a personal and social skill training – the UPGRADE Program. Supported by the cognitive-behavioural theory, its goals consist in minimizing deviant behaviour and deconstructing dysfunctional beliefs related to the psycho-inclusive (re)programming of this population. Seven male ex-inmates with an average age of 49.86 years ($SD=8.46$) participated in this study. The results from the pilot program revealed more expressive changes in the behavioural component in terms of motivation levels, sense of responsibility, interpersonal relationship and cooperation.

Keywords: Social (re)integration, ex-inmates, personal and social skills

UPGRADE Program: Personal and social skills training for ex-inmates

A little across the globe, we witness the institutionalization of agencies that seek to continue the work begun in prison, that is, to continue the transformation process of the inmate's behaviours and conducts, but now in a post-incarceration record (Huguenev, Vabres, & Ancel, 1950 cited by Gonçalves, 2000). This is the reinstatement, re-socialization, reintegration model. The prison treatment unrolls in a *continuum* of processes allowing the individual who committed the crime to learn something he was not able to by the moment of his incarceration (Gonçalves, 2000).

In fact, there are several theories that explain this phenomenon. Among them, some sociological theories positing that crime may result from a delinquent subculture with standards and norms divergent from the dominant culture (Gassin, 1990). In this subculture, individuals follow their own conducts that will condition the whole learning, socialization, and motivation process, promoting identification with the reference group, and, consequently, the stigmatization of the dominant culture (Mannheim, 1985; Dias & Andrade, 1997). On the other hand, the anomie theory (Durkheim and Merton) argues that crime stems from social imbalances, fostered by the own society, between aspirations and opportunities, making it impossible for individuals to access opportunities through the conventional rules, which creates conflicts (Brites, 2001; Dias & Andrade, 1997).

We base this finding by the difficulty of integration and adaptation to the free environment of the inmates, guided by intrinsic factors (e.g., few personal and social skills, low levels of education, lack of training and labour skills, additive and psychopathological behaviours that reflect, in the post incarceration, difficulties of comprehension and integration into society) and extrinsic factors (e.g., reduced social support network and dysfunctional families). This situation reflects the ideology of an unequal society that treats its citizens differently.

O Companheiro – Christian Fellowship Association¹ emerges with the mission “So that no Man shall be excluded by Man” and seeks to demystify, to society, the prejudices that determine an appropriate inclusion of inmates and ex-inmates (e.g., labour insertion), as well as to promote normative lifestyles through their intervention strategies (e.g., psycho-educational programs, psychosocial support, individual plan of inclusion). It plans through and integrated intervention, to reduce recidivism and allow the individual a proper (re)insertion.

So, in order to continue this process, we shall focus our goal on the intervention program methodology. Intervention programs have long been implemented in several Psychology fields, such as Community Psychology, which, by defending the institutional intervention principle, has proposed the existence of intervention programs in different areas of the judicial system (Veríssimo, 1990). Forensic Psychology also gave its contribution within Jupsychological intervention, through the creation of work methods and resources (Poiares, 2012).

The intervention programs are designed to support the preparation of the inmate’s return to society, endowing them with the necessary competences to face the inherent obstacles associated to a post-incarceration transition into community. These take into account the risk factors associated with criminal recidivism and individual characteristics, in other words, psychoactive substance dependence, previous mental illnesses, or low qualifications (Griffiths, Dandurand, & Murdoch, 2007).

The cognitive-behavioural approach has been proven as the most effective in this type of intervention (Illescas, Sánchez-Meca, & Genovês, 2001; Pearson, Lipton, Cleland, & Yee, 2002). This method aims mainly to correct cognitive distortions that cause distress on the

¹ O Companheiro, Private Social Solidarity Institution, founded in 1987. Its target population are inmates, ex-inmates, and their families. It is has national scope and is based in Lisbon (www.companheiro.org).

individual by motivating the development of strategies to solve these problems (Bahls & Navolar, 2004). Thus, it is intended to stimulate pro-social beliefs and modify past behavioural tendencies so that the individuals may return to freedom with new skills that might be useful during their social (re)integration (Pearson et al., 2002).

Literature review shows that, on a national and international level, there are many psychosocial programs that aim to prove the effectiveness and efficiency of inmate and ex-inmate intervention. Therefore, some intervention programs shall be briefly described.

Several programs and services that help the inmate after his release have been developed internationally:

a) Moving Ahead Program (MAP) is a program, developed in the United States of America, seeking to provide individuals with professional skills. It is targeted to unemployed ex-inmates, without housing support, individuals with a history of drug consumption and/or a history of mental illness. MAP helps ex-inmates modifying their vision and behaviour, developing positive interpersonal relationships, and identifying and defining long-term goals. The main goal of the program is that the ex-inmates manage to develop a fulfilling professional career as opposed to merely finding a temporary job (Nelson, Maurice, & Shaffer, 2008).

b) National Employability Skills Program (NESP) was developed in Canada. Its main goal consists of cultivating the inmates' professional skills in order to get them to develop a necessary demeanour and behaviour to maintain a job in the community (e.g., acquisition of communicational and problem solving skills) (Didenko, Luong, & Carré, 2010).

In Portugal there have also been developed some programs with the intention of supporting inmates and ex-inmates, among which the following stand out:

a) *Gerar Percursos Sociais* (GPS) [EN: Generate Social Pathways], is a psychosocial prevention and rehabilitation program that can be applied in numerous contexts of

intervention. It is targeted towards youngsters in risk situations or who reveal deviant behaviour (Rijo & Sousa, 2004).

b) *O Meu Guia para a Liberdade* [EN: My Guide to Freedom], was developed for inmates by the Director-General of the Prison Services, in 2009, with the goal of elaborating a life project. These inmates are intended to acquire the necessary skills for their transition into society, rendering them equally conscious of the notions of damage, victim and repair (Vicente et al., 2009).

c) *Construir um Plano de Prevenção e de Contingência* [EN: Building a Prevention and Contingency Program], was developed to be applied to inmates in their final phase of prison sentence. This program has the goal of preventing criminal recidivism and the inmates are intended to acquire skills that allow them to develop a life project after their release. The program addresses the delimitation of short and long-term goals and promotes strategies that render them achievable, as well as the ability to manage difficult situations that may arise (Direção-Geral dos Serviços Prisionais, 2010).

The preparation and implementation of programs targeted for the delinquent population requires a slow methodological work, and the expected results are not always achieved. Yet, it should be noted that the impact of these programs on inmates and ex-inmates, even if there are no visible results, must be seen as positive, regardless of their magnitude (Gonçalves, 2007). Therefore, it is important to stress the need to continue focusing on the intervention with this population in order to deconstruct the idea, present in the literature for many years, that “nothing works” (Gonçalves, 2007).

With the development and application of the UPGRADE Program (Paisana, 2012) we intend to mitigate certain handicaps concerning interventions on the inmate and/or ex-inmate population. The program’s basic concepts are founded on the cognitive-behavioural theory and it is using model of the promotion of skills that we propose to reduce deviant behaviour

and to deconstruct dysfunctional beliefs.

The general goal of the program is to endow the participants of personal and social skills with the intention of allowing their (re)socialization. The specific goals include the promotion of development of both behavioural skills (e.g., interpersonal relationship, motivation and cooperation) and cognitive skills (e.g., emotions and beliefs in such a manner that it stimulates cognitive flexibility and openness).

The program consists of five modules:

a) Module I – Communication: aims to raise awareness toward the ambiguity of the communicational process, identify communication types (verbal and nonverbal) and promote communication skills;

b) Module II – Self-awareness, Interpersonal Relationship and Cooperation: aims to promote self-discovery through acknowledgement of individual limitations and capabilities, raise self-esteem, allow the interpretation of interpersonal behavioural styles, train interpersonal problem solving strategies and show the importance of cooperation;

c) Module III – Emotions and Beliefs; seeks to promote awareness towards emotions and feelings through their adequate identification, explain the difference between feelings and behaviours, the influence of emotions on the behaviour, as well as make the most common cognitive distortions used in a dysfunctional information processing known;

d) Module IV – Motivation and Committal: seeks to endow the participants with strategies that allow their self-motivation, promote their reflection upon the concept of committal and its importance in all aspects of an individual's life;

e) Module V – Prevention: aims to tie together the work developed during the previous modules, developing a prevention concept for future life, aiding the construction of a lifelong project.

UPGRADE comprises 33 weekly sessions (one of these being a follow-up session).

Each session lasts approximately 90 minutes and is performed in group.

The goal of this exploratory study is to evaluate the impact that the UPGRADE Program has on ex-inmates living at O Companheiro.

Methodology

Participants

The UPGRADE Program considered 21 individuals from which 15 were proposed, after assessing the admission criteria. However, during the implementation of the program 8 participants quit or no longer fulfilled the inclusion criteria. Therefore, only those who initiated and completed the program were considered for the effects of the presented results.

Inclusion criteria included: living at O Companheiro, with an effective imprisonment (ex-inmates in (re)insertion phase), over 18 years old, knowing how to read and write, fluency in Portuguese, with no use of psychoactive substances, and with no psychiatric condition. It was also considered if any of the participants did any drug therapy, although it was not necessarily an exclusion factor.

The sample is composed of 7 male participants, ex-inmates living at O Companheiro, with an average of 49.86 years of age (with a standard deviation of 8.46 years) prevailing the fourth grade of formal education as for their academic qualifications. The average time of imprisonment was 15.07 years (with a standard deviation of 9.10 years), and the most common crime type being distributed as follows: personal crimes (n=4; 57.12%), crime against propriety (n=2; 28.57%) and drug traffic (n=1; 14.29%).

Measures

The emotional states were evaluated according to the Depression Anxiety Stress Scales (DASS-42) developed by Lovibond and Lovibond in 1995 and adapted to the Portuguese population by Pais-Ribeiro, Honrado and Leal, in 2004. The 42 item version was used, with these items being divided among three dimensions (depression, anxiety and stress)

and evaluated in a Likert 4-point scale, varying between 0 = “It does not apply to me at all” and 3 = “It applies to me most of the time”. It is possible to obtain a total and a dimensional score by adding the results distributed through the dimensions, these being associated to a “normal” to “severe” rating of the composing emotional states (Pais-Ribeiro, Honrado, & Leal, 2004).

The emotional regulation strategies were evaluated through the Emotional Regulation Questionnaire (ERQ) developed by Gross and John, in 2003, having been introduced to the Portuguese population by Vaz and Martins, in 2009. The inmates are presented with 10 statements about emotional experiments and expressions to which they respond via a Likert 7-point scale, varying between 1 = “Total disagreement” and 7 = “Total agreement”. The ERQ allows results regarding the usage of one or both emotional regulation strategies (Cognitive Re-evaluation and Emotional Suppression) to be drawn through the summation of these scores.

The psychological maladjustment/psychological mood states was assessed by the Profile of Mood States (POMS; McNair et al., 1971) adapted to the Portuguese population by Azevedo, Silva and Dias (1991). The POMS is composed of 65 adjectives divided into six mood or affective states: (1) Tension-Anxiety (T); (2) Depression-Rejection (D); (3) Anger-Hostility (H); (4) Vigour-Activity (V), (5) Fatigue-Passivity (F); (6) Confusion-Disorientation (C), classified from 0 = “Not at all” to 4 = “Extremely” in a Likert 5-point scale. It is possible to obtain a mood disturbance rating by adding up these scores in the following formula: $\Sigma=T+D+H-V+F+C$ (the one referent to Vigour-Activity having a negative impact in this) of each of the states of mood.

The Value System Analysis of the individuals was done using Nunes’ Value Scale, developed by Nunes, Tap and Hipólito (Nunes, 2011). It consists of 60 values grouped into five factors: (1) One’s normative contextualization and affirmation, which covers three

subfactors: (1.1) Affective dimension and professional investment; (1.2) Existential dimension; (1.3) Noetic investment; (2) Religious investment; (3) Intellectual investment and self-control; (4) Interpersonal relationship; (5) Libertinism and Hedonism; being these rated in a Likert 5-point scale, varying between 1 = “Not significant at all” and 5 = “Very significant”. The items are rated within each factor and the sum and mean by factor/subfactor are obtained.

The Early Maladaptive Schemas were evaluated by YSQ-S3, developed by Young and Brown in the 90s and translated and adapted to Portuguese by Pinto Gouveia, Rijo and Salvador, in 2005 (Rijo, 2009). The YSQ-S3 consists of 90 items distributed throughout 18 Early Maladaptive Schemas (EMS) within 5 domains: (1) Detachment and Rejection; (2) Deteriorated Performance and Autonomy; (3) Deteriorated limits; (4) Influence from peers; (5) Excessive vigilance and inhibition, evaluated in a Likert 6-point scale, varying between 1 = “Completely false, this has nothing to do with what happens to me” and 6 = “Describes me perfectly, this is exactly happens to me”. The ratings are obtained by the summation of the answer scores.

The facilitators further developed and used instruments in the form of an Observation Grid to assess the participants in each session and three Assessment Grids with the goal of allowing the participants to rate the program at the end of each module.

The Observation Grid rates participants in a Likert 6-point scale, varying between 1 = “Nothing” and 6 = “Everything” in two dimensions (behaviour and cognition) through 14 items: Attendance, Punctuality, Participation, Initiative, Motivation, Sense of responsibility, Interpersonal relationships, Cooperation with peers, Cooperation with trainers, Aggressiveness control, Task completion, Ability to cope with real situations, Cognitive Flexibility/Broadness and Comprehension of the session content.

The Assessment Grids used by the participants include: a) Self-evaluation using an

Observation Grid; b) Module assessment using open questions and Likert-style scales regarding the following topics: interest, quality of theme presentation, the distributed supporting documentation, the global actuation of the facilitator whose main goal was to understand if the modules coincide with the initial expectations and understand the themes that triggered most interest and were most discussed; c) Evaluation of the facilitator's performance taking into account the clarity of speech, the exposition of programmed content, his relationship with the participants, interested and motivation expressed and an overall performance.

Procedure

After the Technical Direction from O Companheiro approved its application, we proceeded to an appraisal of the potential candidates for the UPGRADE Program, considering the inclusion criteria. Following this, after the informed consent, the evaluation protocol was applied (this was later repeated at the end of the program, after the follow-up session), consisting of: (a) Emotional State Assessment (DASS; Pais-Ribeiro, Honrado & Leal, 2004); (b) Emotional Regulation Strategy Assessment (ERQ; Vaz & Martins, 2009); (c) The psychological maladjustment/states of mood (POMS; Azevedo, Silva & Dias, 1991); (d) Value System Assessment (Nunes, 2011); and (e) Maladaptive Schema Assessment (YSQ-S3; Pinto Gouveia, Rijo & Salvador, 2005).

At the end of each session the facilitators used the Observation Grid and, at the end of each module, the participants did their evaluation of the program.

The UPGRADE program was developed over a year, between February 2013 and February 2014, being the follow-up session performed in March 2014.

Results

Given the sample size (n=7) non-parametric tests were conducted. The results obtained through analysis of the measure of central tendency, dispersion, average and the standard

Reevaluation	20.57	4.54	12	27	18.71	1.97	15	21
Emotional								
Suppression	21.14	5.66	11	30	22.71	5.73	15	32

Observing the data and comparing the pre-test with the post-test in the value scale one can verify a slight decrease in all values, including Interpersonal Relationship (F4), with the exception of Libertinism and Hedonism (F5) that experiences a slight increase in all values. The most relevant values correspond to Factor 1, related to the normative contextualization and affirmation of oneself (see Table 3).

Table 3

Normative values of the Value Scale's dimensions in the pre and post-test

	Pre-test				Post-test			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min.	Max.	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min.	Max.
Affective and Pro.								
Investment Dim. (F1.1)	4.15	0.63	3	5	4.02	0.57	3	4.93
Existential Dim. (F1.2)	4.34	0.62	3	4.93	4.13	0.59	3	4.93
Noetic Investment (F1.3)	4.21	0.78	3	5	3.96	0.68	3	5
Religious Investment (F2)	3.32	0.58	2.90	4.40	3.15	0.65	2.40	4.10
Self-control and Intellectual Investment (F3)	3.68	0.59	3	4.60	3.42	0.72	2.60	4.40
Interpersonal Relationship (F4)	3.80	0.73	3	5	3.42	0.46	2.80	4.20
Libertinism and Hedonism (F5)	3.28	0.36	3	4	3.57	0.53	3	4.50

Subtitle: Pro.=Professional; Dim.=Dimension.

The assessment results of the psychological mood states (POMS) show an increase of all the values related with negative factors when the pre and post-test are compared, with the exception of Fatigue-Passivity in which there was a slight increase, being Anger-Hostility the factor that shows the most significant increase and Depression-Rejection being the one that presents the highest score. The Vigour-Activity factor also experienced an increase, since it obtained a higher score in the post-test (see Table 4).

Table 4

Normative values of POMS in the pre and post-test

	Pre-test				Post-test			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min.	Max.	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min.	Max.
Tension-Anxiety	12.43	5.91	6	21	12.86	6.12	3	21
Depression-Rejection	19.29	6.67	10	30	19.86	8.89	11	34
Anger-Hostility	13.86	7.26	5	24	16.29	6.34	6	24
Vigour-Activity	18.86	5.84	12	30	20.86	3.62	16	25
Fatigue-Passivity	9.57	4.92	5	18	9.14	3.23	6	14
Confusion- Disorientation	8.71	3.30	5	14	9.29	3.98	4	15

Regarding Early Maladaptive Schemas (EMS), the schema with the highest score is Punitiveness and the one with the lowest is Failure. The obtained results show that, generally, the post-test scores are superior to the pre-test results with the exception of the following schemas: Enmeshment/Undeveloped Self; Subjugation; Social Isolation/Alienation, being this the one which suffered the biggest reduction (see Table 5)

Table 5

Normative values of YSQ-S3 in the pre and post-test

		Pre-test				Post-Test			
		<i>M</i>	<i>DP</i>	Min.	Max.	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min.	Max.
Detachment and Rejection	Emotional Deprivation	2.60	0.96	1	3.80	2.88	1.52	1	5
	Abandonment/Instability	2.67	1.88	1	5.75	3	1.85	1	5.75
	Mistrust/Abuse	2.28	0.83	1	3	2.57	1.11	1	4.20
	Social Isolation/Alienation	2.94	1.27	1	5	2.28	0.86	1	3.60
	Defectiveness/Shame	1.45	1.12	1	4	2.42	1.22	1	4.80
Deteriorated Performance and Autonomy	Failure to achieve	1.54	0.69	1	3	2.02	1.11	1	4.20
	Dependence/Incompetence	1.82	0.62	1	2.80	2.22	0.76	1	3.40
	Vulnerability to harm or illness	2.50	1.39	1	4.50	3	1.25	1	4.75
	Enmeshment/ Undeveloped Self	2.54	1.64	1	5.80	2.25	0.90	1	3.20
	Subjugation	1.97	0.81	1	3.20	1.88	0.96	1	3.80
Influence from peers	Self-Sacrifice	2.94	1.24	1	4.60	2.91	1.18	1	4.80
	Approval-seeking/Recognition-seeking	2.78	1.34	1	5.25	2.67	1.39	1	5.25
	Emotional Inhibition	2.62	1.19	1	4.40	3	1.30	1	4.40
	Unrelenting Standards/Hypercriticalness	2.23	1.51	1	4.66	2.47	1.26	1	4
	Negativity/Pessimism	3.22	1.54	1	5.40	3.22	1.54	1	5.40
Excessive vigilance and inhibition	Punitiveness	3.53	1.76	1	6	3.53	1.76	1	6
	Grandiosity/Undefined Limits	2.31	1.58	1	5	2.57	1.06	1	4
	Self-discipline/Insufficient self-control	2.37	1.25	1	4.60	2.82	1.33	1	4.60

As for the Observation Grids, all of the initially proposed items were considered and revealed a general positive evolution with the exception of the item corresponding to Task Completion. However, throughout the analysis the most significant variations occurred in the following items: Motivation, Sense of responsibility, Interpersonal relationships, Cooperation

with peers, Cooperation with facilitators. The variables related to the cognitive component were the ones that revealed a less significant change (see Table 6).

Table 6

Observation Grid results

	Module I		Module V	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Motivation	3.41	1.65	4.18	1.36
Sense of responsibility	4.17	1.65	5.18	0.62
Interpersonal relationships	3.46	1.50	5.20	0.56
Cooperation with peers	3.62	1.36	4.70	0.94
Cooperation with facilitators	3.61	1.95	4.98	0.85

Note. Higher score means better adaptation and cooperation, on a scale of 1 (none) to 6 (all) .

Through the three measures used by the participants in the rating of the UPGRADE Program, one can verify that the assessment between modules does not reveal any significant differences ($p \leq .05$).

Discussion

Considering the results from the evaluation protocol, as previously mentioned, no statistically significant differences are present ($p \leq .05$) between the pre and post-test; this may be related with the sample size. However, even though the program does not reveal statistically significant data, this does not imply that it did not get positive results, given that the measure of central tendency analyse the data as a whole and not individually (Gonçalves, 2007). In fact, even though no significant differences in the group of participants were expressed, individual differences were observed, these were acknowledged by the remaining technical team from the association O Companheiro. We considered the fact that the anxiety and depression symptoms decreasing from a slight to an absence level was a positive

outcome, although it came associated with a slight increase in stress, which may be related to the topics approached in certain sessions (e.g., future expectations).

The emotional state assessment has coherent results with the normative population, although that was not expected after the program was applied. These results show that the participants repress their emotions, revealing difficulty in expressing and identifying these and, consequently, experiencing more negative emotions; this may compromise their interpersonal relationships, given the fact that a smaller sharing of emotions results in less social support and less integration among peers, as well as less comfort in intimate relationships. However, these individuals' years of imprisonment cannot be forgotten, and the control and suppression of emotional reactions towards the situations surrounding them are frequent in this institutionalization process (Brites, 2014; Haney, 2002). It is important to note that, in stressful circumstances, they choose not to express their emotions, also being reluctant in most other cases, to share their emotions (positive or negative) thus avoiding close relationships (Vaz & Martins, 2009).

These results may be related, once again, with time in prison, considering that inmates may show social withdrawal and isolation as a form of security and protection, becoming unnoticed before other prisoners and not relying on others (Haney, 2002). In fact, emotional regulation strategies are related to the social context in which they are implemented and with individual fundamental social behaviours (Vaz & Martins, 2009).

The Value Scale results indicate that the participants consider socially accepted values that allow them to follow rules. They privilege harmonious relationships, adopt an evaluative approach in social integration that may have a positive effect in their professional investment and value the development of intimate relationships important to their existential project. This data may be related to problems with justice, with the current promotion of their social (re)integration and their need to feel accepted even though they committed mistakes in the

past as well as being able to establish intimate relationships. On the other hand, the results also reveal that the participants give a certain degree of importance to personal power consequently to transmission and upkeep of personal values as well as self-satisfaction. This may be related to the resistance to change and therefore, sub-par cognitive flexibility that was verified over the course of the program.

The emotional maladjustment assessment showed an increase of values related to the vigor-activity, these results suggest that, although it appears an associated improvement to a physical condition marked by energy, more negative nature of mood states are also experienced by the participants. This may be related to the values found in Emotion Regulation scales, since the use of a maladaptive emotion regulation strategy can also lead to negative mood states (e.g., hostility).

Considering the Early Maladaptive Schemas, the obtained results show that the highest scores were verified in Negativism/Pessimism and Punitiveness schemas belonging to the excessive vigilance and inhibition domain. We can associate these to the fact that the participants served a prison sentence, this context being associated certain psychological changes such as hyper-vigilance, which places them in an alert state to avoid risk or dangerous situations (Haney, 2002). These characteristics belong to the influence from peers domain, given that there is a need to acceptance by suppressing their wishes (Rijo, 2009)

As for the Observation Grids, their results converge with the ones in the evaluation protocol. Even though there is a global item increase over the course of the program, the changes are more obvious in the behavioural rather than cognitive component, which may be related to the sample's characteristics, namely the age, the life path, the individual traits – expressiveness and manipulation – and the resistance to change.

Attending to the participant evaluation results we can conclude that the applied measures lack certain alterations for future applications given that the instruments are

extensive and present a certain degree of complexity, in particular the Assessment Grids.

Conclusion

The first exploratory application of the UPGRADE Program aimed to determine the impact on participants and to conduct a survey on the possible potentials and limitations for future applications.

Thus, we simultaneously highlight the following potentialities and limitations: a) the duration of the program may be demotivating for participants, but, at the same time, it allows behaviour modification, as it is a greater longevity intervention; b) the playful nature of the sessions facilitates the acquisition of skills. However, on the other hand, it can be seen as something insignificant, considering that some of the activities were too infantile for participants; c) the reduced number of participants enhances interpersonal relationship; however, as a sample, it hampers its statistical analysis.

We also concluded that the program structure may be reviewed concerning the sequential order of the modules, and it is equally important the restructuring of Module III – Emotions and beliefs, in order to produce greater efficiency, since this suggest that the results did not produce the desired effect on participants. We consider equally important to redesign the program assessment in order to measure more faithfully its impact on participants. Given that the goal of the program is the prevention of recidivism, it would be relevant in future applications to introduce a risk assessment instrument.

The application of this work suggests a need for intervention during imprisonment, so that the idleness of prisons is avoided, motivating the creation of recreational activities to promote well-being while incarcerated, and allowing the inmate to acquire personal, interpersonal, social and professional competences that will allow him, when released, to successfully re-integrate (Brites, 2014; Gonçalves, 2000; Paisana, 2012; Rodrigues, 2014).

It is also important to continue to develop and implement new psycho educational

programs in prison and post imprisonment population, even if the changes do not seem very expressive (Gonçalves, 2007), valuing them and changing, perchance, the methodologies applied in the perspective of continuous improvement of this type of programs.

Therefore, the UPGRADE program has shown the potential to be an important piece of techno-scientific contribution in the intervention area of post-incarceration or during the incarceration, always considering the active part played by the individual as a bio psychosocial being and everything that will influence his behaviour, having an important role in his alteration.

In a society where crime stigmatization prevails there is a rising need to continue believing in the investigation and union of synergies so that the (re)integration of these individuals becomes more than just a mirage, and so that they are not forgotten at the boundaries of a so called inclusive society, “So that no Man shall be excluded by Man”.

Acknowledgments

The authors thank Tomás Osório and Marine Diogo for their assistance in the writing of the English version of this article.

References

- Azevedo, M., Silva, C., & Dias, M. (1991). O “perfil de estados de humor”: Adaptação à população portuguesa. *Psiquiatria Clínica*, 12 (4), 187-193.
- Bahls, S. C., & Navolar, A. B. B. (2004). Terapias Cognitivo-Comportamentais: Conceitos e pressupostos teóricos. *Psicologia Universidade Tuiuti do Paraná*, 4, 1-11.
- Brites, J. A. (2001). O paradigma ecopsicossociológico na desordem. *Sub Judice: Justiça e Sociedade. Psicologia e Justiça: razões e trajetos*, 22/23, 85-90.
- Brites, J. A. (2014). *Psicopatía e Linguagem*. Coleção Compendium. Lisboa: Chiado Editora.
- Dias, J. F., & Andrade, M. C. (1997). *Criminologia. O homem delincente e a sociedade criminógena*. (2º ed.). Coimbra: Coimbra Editora
- Didenko, E., Loung, D., & Carré, C. (2010). *Evaluation report: National Employability Skills Program*.
- Direção-Geral dos Serviços Prisionais (2010). *Programa de Intervenção Técnica no âmbito da Prevenção da Reincidência e da Recaída*.
- Gassin, R. (1990). *Criminologie*. Paris: Dalloz.
- Gonçalves, R. A. (2000). *Delinquência, Crime e Adaptação à Prisão*. Coleção: Psicologia Clínica e Psiquiatria, n.º3. Coimbra: Quarteto Editora.
- Gonçalves, R. A. (2007). Promover a mudança em personalidades anti-sociais: Punir, tratar e controlar. *Análise Psicológica*, 4 (25), 571-583.
- Griffiths, C. T., Dandurand, Y., & Murdoch, D. (2007). *The Social Reintegration of Offenders and Crime Prevention*.
- Haney, C. (2002). *The Psychological Impact of Incarceration: Implications for Post-Prison Adjustment*.

- Illescas, S., Sanches-Meca, J., & Genovês, V. (2001). Treatment of offenders and recidivism: Assessment of the effectiveness of programmes applied in Europe. *Psychology In Spain*, 5 (1), 47-62.
- Mannheim, H. (1985). *Criminologia comparada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- McNair, D. et al., (1971). *Edits Manual for the Profile of Mood States*. Educational and Industrial Testing Service. San Diego, Califórnia.
- Nelson, S. E., Maurice, I. R., & Shaffer, H. J. (2008). *Moving Ahead Program (MAP): Phase I report*.
- Nunes, O. (2011). *Escala de valores de O. Nunes: Manual*. Lisboa: EDIUAL
- Paisana, V. L. (2012). *Programa de Prevenção terciária de delinquência: (RE) Programação Psico-Inclusiva – “UPGRADE”*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia, Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias.
- Pais-Ribeiro, J. L., Honrado, A., & Leal, I. (2004). Contribuição para o estudo da adaptação portuguesa das Escalas de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS) de 21 itens de Lovibond & Lovibond. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 5 (2), 229-239.
- Pearson, F.S., Lipton, D.S., Cleland, C.M., & Yee, D.S. (2002). The Effects of Behavioral/Cognitive-Behavioral Programs on Recidivism. *Criminal Justice and Behavior*, 48, 476-496.
- Poiares, C.A. (2012). *Manual de Psicologia Forense e da Exclusão Social. Rotas de Investigação e de Intervenção - Volume I*. In C.A. Poiares (Ed.), *(Des) Convivências & Violências (pp 205-220)*. Lisboa. Edições Universitárias Lusófonas.
- Rijo, D., & Sousa, M. (2004). *Gerar percursos sociais: Programa de Prevenção e Reabilitação para jovens com comportamento social desviante*. Ponta Delgada: Equal-Futurem.

- Rijo, D. (2009). *Esquemas Mal-adaptativos Precoces: validação do conceito e dos métodos de avaliação*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Rodrigues, A. R. (2014). *A psicologia clínica no contexto de uma comunidade de inserção de apoio a reclusos e ex reclusos - O Companheiro*. Relatório de estágio. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa.
- Vaz, F., & Martins, C. (2009). *Diferenciação e Regulação emocional na idade adulta: Tradução e validação de dois instrumentos de avaliação para a população portuguesa*. Tese de Mestrado em Psicologia. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Veríssimo, M. M. (1990). A Psicologia Comunitária e o Sistema Judicial: uma nova forma de olhar e intervir sobre a delinquência. *Análise Psicológica*, 2 (8), 203-209.
- Vicente, P., Costa, A., Soudo, A. R., Pragosa, C., Martins, C., Resende, C., ... Branco, R. (2009). *O meu Guia para a Liberdade*.

Relações sociais de género e violência na intimidade: Discursos de jovens cabo-
verdianos/as

Ana Sofia Neves e Joana Torres

Instituto Universitário da Maia

Nota de Autor

Ana Sofia Neves e Joana Torres, ISMAI – Instituto Universitário da Maia.

Autor de correspondência: Ana Sofia Neves, ISMAI – Instituto Universitário da Maia, Av. Carlos Oliveira Campos, 4475-690 Avioso S. Pedro, Castelo da Maia, Portugal. Fax: + 229 825331; Tel: + 229 866026; Email: asneves@docentes.ismai.pt

Resumo

O presente artigo apresenta e discute os resultados de um estudo qualitativo realizado junto de 24 jovens de nacionalidade cabo-verdiana residentes em Portugal, 13 raparigas e 13 rapazes, com idades compreendidas entre os 19 e os 30 anos de idade ($M = 21$; $SD = .125$). Com vista a aceder, através dos discursos dos/as jovens, às suas representações sobre as relações sociais de género e sobre a violência na intimidade juvenil e adulta em Cabo Verde e em Portugal, foram realizados três grupos focais, um masculino, um feminino e um misto, tendo sido cada um deles constituído por oito participantes. Os dados recolhidos sugerem que as representações dos/as jovens sobre as relações sociais de género e sobre a violência na intimidade em Cabo Verde e em Portugal confluem no sentido do reconhecimento da existência de assimetrias de poder entre os sexos, a qual parece impulsionar a violência no seio de relacionamentos conjugais e de namoro. Contudo, as representações são contrastantes no que concerne à reação social, à desigualdade, e à violência. Enquanto Cabo Verde é descrito como um país que legitima e banaliza a violência contra as mulheres, Portugal surge nos discursos dos/as jovens como uma sociedade menos permissiva à prática da violência de género.

Palavras-chave: Género, relações sociais, violência, grupos focais, Cabo Verde

Relações sociais de género e violência na intimidade: Discursos de jovens cabo-verdianos/as

Ainda que com contornos culturalmente específicos, a violência de género é hoje um problema humanitário à escala global. Na Europa, como no mundo de uma forma geral, mulheres e crianças confrontam-se com sérias violações aos seus direitos fundamentais, sendo os contextos da intimidade e da família aqueles que maior risco acarretam para as vítimas. Não sendo a pertença de género inócua relativamente à vulnerabilidade à vitimação, várias evidências apontam no sentido das sociedades mais conservadoras e patriarcais serem aquelas que revelam piores indicadores de igualdade e taxas mais elevadas de violência.

Quer seja na idade adulta, quer seja na adolescência, a violência ocupa o quotidiano de um número muito expressivo de casais, estimando-se que aproximadamente um/a em cada dez adolescentes, de ambos os sexos, tenha sido vítima de violência física no último ano no seio de um relacionamento amoroso (Centers for Disease Control and Prevention, 2011) e que uma em cada três mulheres (33%) tenha sido vítima de violência física e/ou sexual desde os 15 anos de idade por parte de um parceiro (FRA, 2014).

Muito embora nas últimas décadas os estudos sobre a intimidade violenta tenham vindo a aumentar exponencialmente em Portugal, são poucos os que se focam na violência perpetrada contra ou entre imigrantes e menos ainda os que tomam as relações de namoro de jovens estrangeiros/as como objeto de análise, apesar de muitos estudos considerarem os percursos migratórios como potencialmente promotores de algumas formas de exclusão, discriminação e violência contra as mulheres (Crenshaw, 1991; Correia & Neves, 2011; Miranda, 2009; Neves, 2010; Oliveira, 2009; Topa, Neves, & Nogueira, 2013; Topa, Nogueira, & Neves, 2010).

A comunidade cabo verdiana, a seguir à brasileira, é uma das mais representativas da população imigrante em Portugal, com cerca de 11% do total de cidadãos/ãs estrangeiros/as a residir no país (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, 2013). A violência contra as mulheres é

um dos problemas que mais assola a sociedade cabo verdiana, tradicionalmente perspetivada como muito conservadora (Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade e Equidade de Género- ICIEG, 2014). De acordo com os dados do Inquérito Demográfico de Saúde Reprodutiva realizado em 2005 (Instituto Nacional de Estatística, INE et al., 2008) os mecanismos de dominação masculina sobre as mulheres manifestam-se no país em diferentes âmbitos, dos quais se destacam o controlo das relações sociais (44%), da mobilidade das mulheres (43%), e da remuneração salarial (20%), as limitações impostas na gestão dos recursos financeiros (39%), o não reconhecimento do poder de decisão sobre a saúde, a gestão doméstica, a visita a familiares ou os alimentos a cozinhar (24%), e a aceitação social do recurso à violência por parte do companheiro (marido ou cônjuge), para castigar ou disciplinar a mulher (17%).

Os dados sobre a prevalência da violência de género em Cabo Verde, patentes no mesmo Inquérito, indicam que uma em cada cinco mulheres foi vítima de, pelo menos, um episódio de violência no último ano (20%), incluindo violência física (16%), psicológica (14%), ou sexual (4%) (INE et al., 2008). A maioria das vítimas era casada ou vivia com o agressor e, não obstante os números da violência no namoro não serem conhecidos, na maior parte dos casos a violência ocorreu desde os 15 anos de idade das vítimas.

Segundo o Comité sobre a Eliminação da Discriminação contra as mulheres (CEDAW, 2010), estas evidências sugerem a existência de uma franja significativa da população feminina cabo verdiana que parece

“reger-se por um código comportamental ancorado no reconhecimento e aceitação da tutela masculina, do que resulta que tenham um exíguo espaço de decisão e de controlo, tanto sobre a organização do seu dia-a-dia, como sobre a sua mobilidade, e a distribuição e utilização do tempo e dos recursos” (p. 23).

As estatísticas anteriormente mencionadas encontram correspondência com os dados de um estudo recente, realizado em Portugal por Pinheiro (2011), no âmbito do qual se concluiu que as relações de intimidade juvenil dos/as jovens cabo verdianos/as residentes na zona norte do país são pautadas por dinâmicas agressivas, especialmente graves (e.g., apertar o pescoço). Nesta investigação, em que se procurou compreender as crenças subjacentes às práticas de violência, verificou-se que a banalização e a legitimação da violência nesta população surgem associadas, na maior parte das vezes, à conduta da mulher. A diferença mais saliente na perpetração de comportamentos violentos em função do sexo foi encontrada ao nível da violência sexual que é praticada exclusivamente por rapazes.

Os dados da Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica (UAVIDRE, 2013) da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) são inequívocos também quanto à prática deste tipo de violência no seio da comunidade adulta cabo verdiana. De um total de 371 casos de violência contra estrangeiros/as 24 foram contra cabo verdianos/as. O crime de violência doméstica foi o crime mais reportado, sendo as mulheres as principais vítimas.

Tendo todos estes argumentos em consideração, delineou-se o estudo que em seguida se descreve, o qual foi norteado pelo seguinte objetivo geral: caracterizar e analisar, através dos discursos dos/as jovens, as suas representações sobre as relações sociais de género e a violência na intimidade juvenil e adulta em Cabo Verde e em Portugal.

Método

Participantes

Fizeram parte deste estudo 24 jovens de nacionalidade cabo verdiana, com idades compreendidas entre os 19 e os 30 anos de idade ($M = 21$; $SD = .125$), residentes na zona norte de Portugal. Destes 24 participantes, metade era do sexo masculino e a outra metade do sexo feminino. Dezasseis dos/as 24 jovens frequentavam o ensino superior e os/as restantes

oito o ensino profissional. Relativamente ao tempo de residência em Portugal, a maioria deles/as vivia em Portugal de três a quatro anos.

Técnica de Recolha de Dados

A recolha dos dados foi efetuada através da técnica do grupo focal, a qual consiste na promoção de uma discussão semiestruturada em grupo em torno de um tópico ou questão central que se pretende ver analisada. O propósito central da discussão é favorecer a partilha e a troca social entre os indivíduos do grupo, sendo este processo moderado pela figura de um/a facilitador/a. Tratando-se de um método de análise social, com uma orientação naturalística (Krueger & Casey, 2000), o grupo focal propicia não só o acesso aos conteúdos objetivos da discussão, mas também aos aspetos subjetivos da mesma, nomeadamente, às emoções, às ironias, às contradições, e às tensões experienciadas pelos/as participantes. Esta leitura holística do processo permite que o/a investigador/a se inteire não só dos factos associados ao tópico em discussão, mas também e sobretudo dos significados que lhes estão associados, sendo esta a maior vantagem da utilização desta metodologia: a produção do *insight* sobre o que está a ser dito. Mais do que isso, a natureza social e semipública do grupo focal permite que os discursos do grupo reflitam a influência de discursos socialmente mais amplos e traduzam as perspetivas cultural e localmente situadas dos seus intervenientes (Fern, 2001).

No presente estudo os grupos focais foram dinamizados a partir de um conjunto de questões de natureza aberta, a saber:

1. como se caracterizam as relações sociais de género em Cabo Verde e em Portugal?
2. como se caracterizam as relações de intimidade adulta heterossexual em Cabo Verde e em Portugal?
3. como se caracterizam as relações de intimidade juvenil heterossexual em Cabo Verde e em Portugal?

4. a existir, como se caracteriza a violência nas relações íntimas heterossexuais em Cabo Verde e em Portugal, concretamente no âmbito do casamento e do namoro?

Procedimentos

Por forma a proceder-se à recolha dos dados foram contactados vários estabelecimentos de ensino profissional e universitário da zona do Porto. Em uma primeira fase apresentou-se pessoalmente e/ou via correio eletrónico o projeto de investigação às Direções das escolas, solicitando-se autorização para se proceder à seleção dos/as participantes e aos contactos subsequentes. Foram definidos como critérios de inclusão a idade (dos 15 aos 30 anos), a nacionalidade (cabo verdiana) e o tempo de residência em Portugal (superior a 1 ano). Depois de selecionados/as os/as participantes foram distribuídos e assinados os consentimentos informados. Em consequência foram organizados três grupos, dois em contexto de ensino universitário (o feminino e o masculino) e um em contexto de ensino profissional (misto).

Os grupos focais decorreram nas instalações das escolas na presença de uma investigadora com formação em Criminologia. Depois de lançada cada uma das questões enunciadas anteriormente, cada um/a dos/as jovens era estimulado/a a partilhar e a discutir com o grupo e com a investigadora os seus pontos de vista. As entrevistas foram gravadas em áudio e tiveram a duração média de uma hora.

Técnica de Tratamento e Análise de Dados

Para o tratamento e análise dos dados utiliza a técnica da análise crítica de discurso, uma metodologia qualitativa que toma a linguagem como instrumento de produção do conhecimento e da ação social. Deste ponto de vista, entendem-se os discursos como práticas socialmente localizadas com efeitos concretos sobre a vida social e cultural (Potter & Wetherell, 1987). Assim, este tipo de análise de dados convida à reflexão sobre como a linguagem dos grupos e dos coletivos sociais representa e é condicionada por uma linguagem social mais ampla, geradora de constrangimentos, de resistências e de pressões. A Análise

Crítica do Discurso (Nogueira, 2001; Willig, 2009) procura sistematizar padrões no âmbito de contextos sociais mais vastos, associados a questões societais ou culturais, bem como analisar a relação entre os discursos e as relações de poder socialmente instituídas.

Resultados

Da análise das entrevistas emergiram construções discursivas centrais em torno dos temas explorados e associadas às realidades dos dois países em análise, Cabo Verde e Portugal: as relações sociais de género, as relações de intimidade adulta e a violência na conjugalidade e as relações de intimidade juvenil, e a violência no namoro. Apresenta-se em seguida cada uma dessas construções discursivas acompanhadas de excertos ilustrativos¹.

As relações sociais de género – *Da narrativa à prática do patriarcado*

Os discursos dos e das jovens cabo verdianos/as apontam no sentido da existência de diferenças significativas nas relações sociais de género em Cabo Verde e em Portugal, sendo estas condicionadas pela história e pela cultura dos países, mas igualmente pelo modo como cada um deles tem evoluído em matéria de igualdade entre os sexos, sobretudo a nível formal (político e legislativo). Muito embora considerem que a igualdade efetiva não é apanágio de nenhum dos países, estando ambos ainda no seu enalço, reconhecem Portugal como uma sociedade mais igualitária para as mulheres quando comparado com Cabo Verde. Assim, as mulheres portuguesas são caracterizadas como mais independentes e autónomas do que as mulheres cabo verdianas, fruto sobretudo da sua maior acessibilidade à escolaridade e à sua maior independência financeira. As mulheres cabo verdianas são retratadas como estando, na sua grande maioria, na dependência dos maridos, sendo esta dependência menos vincada em Portugal. Aos homens, em Cabo Verde, caberá sobretudo fazer-se respeitar e estabelecer regras e limites; às mulheres caberá, em consequência, respeitar e obedecer aos homens.

¹ No fim de cada um dos excertos as siglas correspondem, respetivamente, às seguintes legendas: GMno – Grupo Masculino; GF – Grupo Feminino; GMto – Grupo Misto.

As relações sociais de género surgem agregadas predominantemente às relações familiares. Estas são descritas como profundamente assimétricas em função da pertença de género. Em Cabo Verde a figura da mulher é remetida para a esfera doméstica, estando a cargo desta o cuidado às crianças e a gestão da casa. A ideia da mãe que se sacrifica e que sofre em prol da família está presente na maioria dos relatos, parecendo ser esta a situação que melhor retrata o quotidiano das mulheres/mães cabo verdianas. A sua ascensão a cargos públicos ou de chefia (e.g., cargos políticos, funções policiais) é perspetivada como um processo em curso, ainda que a *condição feminina* esteja particularmente associada ao exercício da maternidade. No caso em que as mães têm um emprego fora de casa, o que cada vez é mais frequente, esse emprego é descrito como precário e difícil, não sendo o garante da autonomização das mulheres na esfera familiar ou pública.

O pai aparece nos discursos dos/as jovens, especialmente das raparigas, como uma figura autoritária e controladora, que exerce uma influência determinante nas relações de intimidade juvenil, como se verá adiante. A mesma influência não é reconhecida em Portugal.

Os/As jovens de ambos os sexos tendem a adotar em Portugal os comportamentos que geralmente adotam em Cabo Verde. No caso das raparigas, e especialmente na opinião dos rapazes, o facto de estarem em um país que parece ser mais sensível aos direitos das mulheres faz com que se percecionem como mais empoderadas, não estando contudo esta perceção isenta de riscos (e.g., utilização da violência em relações de intimidade percebidas como desiguais, experiências de gravidez precoce). Assim, as raparigas cabo verdianas parecem usufruir e gozar de maior liberdade em Portugal, liberdade que, por vezes, segundo os jovens rapazes, não sabem gerir convenientemente.

“Em Cabo Verde são os homens que comandam as mulheres, estás a ver? Não são as mulheres que comandam os homens. Aqui (em Portugal) não dizem que mandam, mandam

mesmo... Principalmente as portuguesas mandam mesmo. Só que as cabo-verdianas não estão habituadas a isso”(GMto).

“(...) Mulher cabo-verdiana é tudo de bom. É uma mulher batalhadora, que faz tudo pelos seus filhos, lindas sabe... uma mulher que sabe sofrer, sabes? Hoje em dia também é a mesma coisa, a mulher cabo-verdiana digamos que é o berço, cria... é a base da casa, do marido, apoia em tudo (...). Eu acho que o homem gosta de ter o poder na mão” (GMno).

“Há homem e mulheres a trabalhar, apesar que agora há mais mulheres a estudar e a ter uma profissão. Mas a mulher sempre é subordinada ao homem. No meu caso, por exemplo, a minha mãe é doméstica e o meu pai é que trabalha, ele arca com todas as despesas. Minha mãe é para limpar a casa, fazer despesas e isso... em outros casos a economia doméstica é dividida pelos dois, mas só quando a família é mais moderna. (...) A mulher quando casa o homem faz aquela exigência: eu pago as contas, tu ficas em casa; tu ficas cá a cuidar dos filhos e eu vou para fora e trago dinheiro... Depois se se separam dizem “ tu nunca fizeste nada da vida” e ficam com tudo. (...) As mulheres cabo verdianas são mulheres trabalhadoras, mulheres batalhadoras, vimos isso... porque mulher trabalha na obra, trabalha na cimenteira, trabalha na calçada... tem trabalho duro também, faz de tudo. E tem também mulheres que trabalham na câmara e que lutam pela igualdade, direitos para mulheres...” (GF).

As relações de intimidade adulta e a violência na conjugalidade – Da desigualdade estrutural à desigualdade relacional

De acordo com os relatos dos/as jovens cabo verdianos/as as relações de intimidade adulta em Cabo Verde são um reflexo das relações sociais de género, o que faz com que sejam genericamente caracterizadas, também, pela desigualdade de poder entre os sexos. Assim, os homens cabo verdianos parecem estar culturalmente mandatados para ter várias parceiras em simultâneo, mesmo sendo casados. Na ótica destes grupos, decorre do estatuto

de ser homem a aceitação, por parte das esposas e da família em geral, incluindo dos/as filhos/as, da existência de relações extraconjugais. A haver conflitos motivados pela infidelidade, eles implicam primeiramente as mulheres envolvidas (a esposa e as *outras*) não sendo, na grande maioria das vezes, os homens responsabilizados pela sua conduta. Os homens cabo verdianos são assim identificados como dominantes nas relações de intimidade e amorosas, não havendo em regra contestação desta sua posição social, o que lhes parece conferir o direito tácito ao adultério. Tal prática não foi identificada pelos/as jovens em Portugal.

Na descrição das relações de intimidade adulta, os/as jovens elaboram espontaneamente sobre a expressividade emocional de homens e de mulheres, pontuando que a manifestação pública de carinho é uma prática rara quer entre pessoas adultas, quer entre jovens, sendo os homens e os rapazes que procedem no sentido de quebrar esse código social vistos como pouco masculinos.

Na caracterização das relações conjugais, os/as jovens relatam ter conhecimento de casos de violência praticados pelos homens sobre as mulheres, considerando ser esta uma realidade preocupante em Cabo Verde. Os rapazes, contudo, referem conhecer menos casos do que as raparigas, já que a violência, tal como a intimidade, é confinada ao espaço da casa. No grupo focal feminino surgiram inclusivamente relatos na primeira pessoa de exposição à violência familiar, tendo sido salientada a dificuldade em se reconhecer socialmente a dimensão e a complexidade do fenómeno. Assim foram enfatizadas as questões da permissividade e da tolerância cultural para justificar a ausência de interferência de terceiros nos casos de violência familiar. A intervenção das polícias é caracterizada como pouco eficaz ou mesmo ineficaz, acontecendo apenas em situações que envolvem risco de vida para as vítimas ou prática de violência destas contra os agressores. No último caso, as vítimas tendem a ser detidas, desculpabilizando-se os agressores. Por outro lado, a separação e o divórcio são

pouco aceites, sendo as mulheres separadas ou divorciadas objeto de estigmatização social.

As causas da violência são atribuídas ao consumo excessivo de álcool e outras drogas,

argumento que volta a aplicar-se quando são analisadas as causas da violência no namoro.

Rapazes e raparigas partilharam desta visão, embora os rapazes atribuam às mulheres vítimas, em algumas situações, a responsabilidade pela vitimação de que foram alvo.

Os/As jovens não se reportam à realidade portuguesa em matéria de violência na conjugalidade por não conhecerem diretamente casos sobre os quais se possam pronunciar.

“Lá ninguém se mete, que se desenrasque... ninguém separa ninguém vai ajudar (...) e quem se separa é seriamente criticada se for mulher. (...) Também há muito uso de álcool, há muito violência em casa por causa do uso de álcool e droga e leva a essa violência. Tem muito desses casos em Cabo Verde. (...). Os homens lá são muito violentos, depois pronto, volta tudo ao normal até acontecer outra vez. Chamam a polícia mas a polícia não faz nada. Eles dizem logo: “nós não temos nada a ver com isso”. A não ser que seja uma coisa muito grave não veem isso como crime. Só se estiver mesmo a morrer ou assim, se não não fazem nada. Normalmente a policia só se mete quando já é a mulher a agredir o homem, quando já está no limite e está em casa pronta para o matar. E aí sim, a polícia vem e leva a mulher. Quando já foram chamados varias vezes” (GF).

“As brigas de casais também é sempre dentro de casa, nem todo o mundo dá conta do que está acontecendo. A vida de casado em Cabo Verde é muito reservada e se há violência nós que estamos de fora não percebemos muito. É assim, vemos aquele casal feliz na rua, mas dentro de casa às vezes é totalmente diferente. Por isso como ele disse também não tenho muita informação disso. Dizer que há casais perfeitos em Cabo Verde? Isso não, em lado nenhum há. Uma pequena briga sim, mas não é muito visto como nos jovens... em adulto não vemos muito isso. As mulheres marcadas são aquelas escandalosas, aquelas que procuram mesmo!” (GMno)

“A maioria dos rapazes cabo-verdianos não gostam de... gostam de se sentir poderosos. Não gostam que a mulher está zangada, qualquer coisa se a mulher está zangada eles acham que a mulher está a mandar. Quando a mulher sobe a voz ou qualquer coisa, aqueles malucos começam a atirar, é que eles batem numa mulher, aqueles que é ciumento. A mulher também dá na tapa, mas na maioria é os homens que bate. E aqueles por exemplo que bebem... E quando a mulher quer sair eles não deixam, a mulher começa a discutir e os homens batem primeiro. Os homens de Cabo Verde não gostam de sentir assim que a mulher está a subir por alto. No namoro também acontece isso. Há cabo-verdianos que gostam de ter duas, três, quatro (...). Mas é assim tem mulheres que gostam, porque se estão ali e estão a ser espancadas pelos homens e isso porque é que não se põem a monte ou isso? Muitas vezes elas têm é medo, elas tentam sair mas levam mais. Mas as mulheres é que tem culpa porque se elas sofrem tem que denunciar mas muitas não fazem isso. É porque gostam de “palmadinhas” (GMto).

As relações de intimidade juvenil e a violência no namoro – Das expectativas sociais de género às práticas violentas na intimidade juvenil

As relações de intimidade juvenil em Cabo Verde parecem seguir o mesmo padrão relacional identificado nas relações de intimidade adulta. Assim, os rapazes são socialmente estimulados, desde cedo, a ter várias parceiras em simultâneo, enquanto tal prática é vedada às raparigas sob pena de ser questionada a sua *seriedade*. No caso em que isto sucede são, por norma, apelidadas de promíscuas.

Desde que seja respeitado o lugar da namorada *oficial* na hierarquia dos relacionamentos masculinos, a existência de relações extra-namoro não parece ser socialmente reprovada, enaltecendo inclusive o estatuto masculino (e.g., virilidade). Os rapazes explicam a necessidade de ter várias parceiras recorrendo aos argumentos da cultura *festiva* e do estilo de vida motivado pelo clima quente o qual, entre outras coisas, convida as

jovens raparigas a usar roupa que eles entendem ser *provocatória* (“*com calor, vestidinho curtinho, cais sempre na tentação e por isso acabamos sempre por ter mais do que uma ou duas*”. GMno). Tal como acontece nas relações de intimidade adulta, nas relações de intimidade juvenil o sexo masculino é dominante, tendência que referem esbater-se em Portugal.

Os namoros em Cabo Verde são geralmente *clandestinos* não havendo, como anteriormente mencionado, uma cultura de expressão pública de afeto ou de romantismo declarado (“*Os rapazes em Cabo verde são assim orgulhosos, não temos a coragem de dizer por exemplo “eu te amo”. No meu caso eu não digo mesmo. Aqui em Portugal os rapazes são mais românticos. Já vi a fazer declarações! Nós lá não sabemos fazer o mesmo*”. GMto). Os/As jovens entendem que tal ocultação visa garantir o respeito pelos mais velhos, o que não acontece em Portugal.

Segundo estes/as jovens, as raparigas preferem relacionar-se com homens mais velhos, sendo uma consequência comum destes relacionamentos, mas também de outros com rapazes da mesma idade, a gravidez precoce e indesejada. Esta estará relacionada, em ambos os casos, com a resistência por parte do sexo masculino em fazer uso de métodos anticoncepcionais, especialmente do preservativo masculino (“*Nunca querem usar... dizem que pele, pele é para usar*”. GF).

No que se refere à perpetração de violência na intimidade juvenil parece haver consenso entre os/as jovens no que se refere à atualidade do fenómeno, mas não na descrição das dinâmicas violentas. Enquanto as raparigas consideram que a violência no namoro é geralmente levada a cabo pelo sexo masculino contra o feminino, os rapazes caracterizam-na como esporádica e mútua. A prática da violência é atribuída, como já se disse anteriormente, aos consumos de álcool e outras drogas, sendo em alguns casos (citados apenas pelos rapazes) associada à conduta das raparigas e aos ciúmes. Os/As jovens reportam a utilização das

tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente, do *facebook*, como estratégia habitual de controlo e de violência nas relações de intimidade (“*Antigamente na igreja se dizia “até que a morte os separe” agora é “até que o facebook os separe”*. GMno).

“Tem alguns que são românticos, outros não. Não são muito românticos por acaso... às vezes é só encontrar, fazer aquele carinho mais ou menos... Não tem aquelas saídas com cinema, passear... É sempre ao pé da praia, o único lugar que saíamos é na praia. Mas não tem assim agarramento como aqui. O único agarramento é estar sentado às vezes e o rapaz tá à frente, a mulher tá atrás... Não tem aquele andar de mão dada, muito... namorar na rua não tem, nem no autocarro público. Não tem isso, não tem aquele agarramento na rua. Temos mais respeito, respeitamos muito os mais velhos. E é mais conversar. Eu e o meu namorado a conversar é tipo amigos, só nos agarramos mesmo num sitio escondido, escondidinho, escurinho. E é sempre assim” (GF).

“É assim, é que lá em Cabo Verde os rapazes costumam ter muitas damas. Aqui é diferente, os rapazes aqui só têm uma assim (...). E também em Cabo Verde a relação entre namorados é diferente daqui. Porque aqui tem muitas namoradas que gostam de mandar nos namorados, entre aspas. Em Cabo Verde isso é mais pouco, é mais limitado... e também como sabemos lá as namoradas respeitam muito os namorados, aqui não há tanto respeito. Os jovens relacionam-se igual aqui, só que em Cabo Verde as pessoas tem mais vergonha... tipo de namorar na rua... à frente de muitas pessoas... e não estão sempre agarrados como aqui, nos transportes públicos. Nos transportes públicos as pessoas não namoram lá dentro (...). Em relação aos namorados, foi o que ele disse...por exemplo, aqui estão aos beijos em qualquer lado. Mas lá não, há mais respeito pelos mais velhos e isso... por isso as pessoas não estão assim na rua aos beijos” (GMto).

“Os rapazes estão mais à vontade sempre. Eu vou dizer uma coisa por experiencia própria, lá na minha zona os rapazes que não tem muita coisa para fazer, é ir à escola e

estão em casa não tem nada que fazer, quando saem e veem uma menina ou assim, tentam com uma menina. Ou vão a algum lugar e tentam, estás a ver? Por exemplo, arranjar uma namorada, duas ou três namoradas é como se fosse uma coisa de passatempo dos cabo-verdianos, na minha zona. Na minha zona atenção! (risos). É uma maneira de ocupar o tempo, não tenho nada para fazer, arranjo duas, três, quatro. Curtição é curtição lá (...). O que coloca também em conflito os namorados ultimamente também é a mulher cabo-verdiana. É o seguinte: se tu fazes eu também faço. Isto porque, não é ser machista, mas o homem cabo-verdiano quando está numa relação, gosta de impor respeito. E as mulheres muitas vezes não aceitam isso e quando não aceitam isso, por exemplo “se tu fazes, eu faço também” e quando é assim é só conflitos. Eu acho que a violência só acontece devido aos factores que estivemos a enunciar atrás que é devido ao álcool e à droga. Normalmente se o namorado está bêbado ou sobre o efeito de drogas aí é que pode existir alguma violência. Porque a namorada pode ser ponderada e pode não querer ele naquele caminho e pronto pode chegar ao ponto de haver aquela violência. Mas de resto, haver violência no dia-a-dia entre casais, na minha opinião é muito difícil. E é como tudo há raparigas tímidas e há aquelas que são um bocadinho... já se sentem mais à vontade” (GMno).

Discussão e Conclusões

Os/As jovens cabo verdianos/as entrevistados/as caracterizaram o seu país de origem como estrutural e culturalmente distinto de Portugal no que às questões das relações sociais de género, da intimidade juvenil e adulta e da violência conjugal e do namoro diz respeito. Assim, embora considerem que a igualdade entre os sexos não é plena nos dois países, sinalizam a existência de um fosso acentuado entre os direitos adquiridos pelas mulheres do seu país e as mulheres portuguesas. Enquanto as primeiras tendem a estar, na sua grande maioria, na dependência dos companheiros e dos namorados, as segundas demonstram maior autonomia sendo esta, de acordo com a perspectiva dos/as jovens, o produto da sua maior

acessibilidade à educação formal e à emancipação financeira. Os estudos que têm vindo a ser produzidos em Cabo Verde dão conta de que a camada feminina é o setor da população mais atingido pela pobreza, sabendo-se que as mulheres pobres são geralmente as menos escolarizadas (Melo, 2011).

Por outro lado, quando comparados os dois países, é reconhecido que Portugal beneficia do facto de ter começado a investir mais cedo do que Cabo Verde no desenvolvimento de leis e de políticas promotoras da consagração da igualdade de género. Recorde-se que só em 2005 foi elaborado, em Cabo Verde, o Plano Nacional de Igualdade e Equidade de Género (2005-2011), tendo Portugal aprovado na década de 90 o seu I Plano Nacional para a Igualdade.

As relações sociais de género em Cabo Verde foram, por conseguinte, genericamente representadas pelos/as jovens como assimétricas, dado que encontra suporte em outras leituras da realidade cabo verdiana que sugerem que as assimetrias entre os sexos derivam de uma ideologia patriarcal dominante que privilegia o machismo e a subalternização das mulheres (Fernandes, 2012). Esta desigualdade estrutural parece repercutir-se nas relações íntimas juvenis e adultas, as quais são definidas como relações de desequilíbrio de poder entre rapazes/homens e raparigas/mulheres.

Nesta ótica, as famílias cabo verdianas tendem a ser descritas como conservadoras, assumindo a figura do homem/pai uma posição de destaque na hierarquia. Esta posição parece tornar-se especialmente proeminente no que concerne às vivências de intimidade juvenil das raparigas que são frequentemente controladas e objeto de reprovação social. A figura da mulher/mãe, fortemente vinculada às atribuições domésticas e às responsabilidades maternas, surge secundarizada nesta pirâmide de autoridade, o que parece ajudar a explicar as elevadas estatísticas de violência física e psicológica praticada contra as mulheres na intimidade conjugal. Tal como é reconhecido pelo Ministério da Justiça cabo verdiano e pelo ICIEG

(2006), “a desigual repartição do poder na família e na sociedade, fundamentalmente a nível dos órgãos de decisão entre homens e mulheres explica, em parte, os contornos da violência baseada no género” (s/p). Tudo indica então, e na senda do que defendeu Rosabal (2011), que “as práticas sociais em vigor correspondem a um paradigma da mulher como garante do bem-estar doméstico e da unidade familiar e do homem como o garante da gestão e do exercício do poder familiar” (p. 155).

Os/As jovens reconhecem, ainda assim, que as mulheres têm vindo a ocupar o espaço público em Cabo Verde, estando cada vez mais em lugares de destaque em termos políticos e profissionais. Apesar dos progressos recentes a este nível, o facto é que persiste uma sub-representação das mulheres na esfera do poder executivo, legislativo, e judiciário, o que constringe a sua participação na vida do país (Costa, 2011).

As práticas relacionais no âmbito da conjugalidade foram descritas como desiguais para homens e para mulheres, havendo uma conformidade aparentemente generalizada quanto ao envolvimento dos homens com múltiplas parceiras, a qual parece configurar uma espécie de poligamia socialmente consentida e legitimada. Tal prática parece ter a sua génese em uma fase precoce da adolescência, altura em que os jovens rapazes se iniciam sexualmente e começam a responder às expectativas sociais em torno do ideário masculino. Como relembra Massart (2013) “o homem cabo verdiano ideal é um conquistador de mulheres, um predador, um homem prestigiado e um provedor e protetor da respeitabilidade social (...) (p. 296). A iniciação da vida sexual em Cabo Verde, que acontece geralmente entre os 13 e os 17 anos e que é mais prematura no caso dos rapazes (Tavares, Kanikadan, Alencar, & Schor, 2011), bem como a resistência em usar preservativo, tende a estar associada a uma maior incidência de casos de gravidez na adolescência, questão que apareceu reportada nas narrativas dos/as jovens entrevistados/as. A masculinidade parece estar também relacionada com a ausência de romantismo, pelo que as expressões públicas de afeto são raras entre os/as jovens,

principalmente os de sexo masculino. A par da emancipação das mulheres em Portugal e das questões do adultério/da multiplicidade de parceiros/as, esta foi uma das diferenças mais citadas entre os dois países.

Não obstante a sua reduzida visibilidade, a violência contra as mulheres no seio da família foi apontada pelos/as jovens como uma realidade preocupante que carece de reconhecimento e de mobilização social. Saliente-se que só em 2006 foi criado, em Cabo Verde, o Plano Nacional de Combate à Violência baseada no Género (INE & ICIEG, 2008), tendo a Lei sobre a Violência Baseada no Género sido aprovada somente em 2010. Os/As jovens descrevem Cabo Verde como uma país permissivo à violência contra as mulheres, denunciando a incapacidade da sociedade civil e das autoridades para pôr cobro a este flagelo.

Os/As jovens reproduziram nos seus relatos muitos dos argumentos esgrimidos pelo senso comum para justificar a violência contra o sexo feminino, tanto nas relações conjugais como nas relações de namoro. Assim, é atribuído ao consumo de álcool e de outras drogas, bem como à conduta das mulheres, o uso da violência pelo sexo masculino. Tal como havia demonstrado o Inquérito Demográfico de Saúde Reprodutiva de 2005 (INE et al., 2008), uma parte significativa da sociedade cabo verdiana (17%) naturaliza e aceita a violência que é praticada sobre as mulheres pelos seus parceiros. Estes dados corroboram as conclusões do estudo de Pinheiro (2011) que sugerem a tendência para a culpabilização das raparigas/vítimas na explicação dos comportamentos de violência.

As práticas de vitimação nas relações de namoro são identificadas como frequentes (sobretudo pelas raparigas) e associadas a ambos os sexos (especialmente pelos rapazes), sendo as tecnologias de informação e comunicação enunciadas como veículos de violência, tendência que não é exclusiva da sociedade cabo verdiana (Perista, Cardoso, Silva, & Carrilho, 2012). Tal como indicam inúmeros estudos nacionais e internacionais, no namoro rapazes e raparigas parecem figurar simultaneamente como vítimas e agressores, tendência

que não se verifica na conjugalidade em que as vítimas são maioritariamente do sexo feminino e os agressores de sexo masculino.

Ainda que estes/as jovens já residam em Portugal há alguns anos, o seu conhecimento da realidade portuguesa revela-se escasso principalmente no que se refere às questões da violência na intimidade. Este facto pode ter a ver com a sua declarada preferência em relacionar-se com indivíduos da mesma nacionalidade, inclusive do ponto de vista amoroso. Assim, é comum os/as jovens cabo verdianos/as em Portugal terem relações de namoro com parceiros/as da mesma nacionalidade, reproduzindo-se no país recetor muitos dos comportamentos que ocorrem em Cabo Verde, nomeadamente, ao nível da desigualdade de género e de violência relacional.

Não tendo sido objetivo deste trabalho avaliar a influência do processo imigratório nas representações e nas práticas das relações sociais de género e da violência na intimidade juvenil e adulta destes/as jovens, não parece aplicar-se nestas questões em concreto a hipótese da imigração funcionar como um fator precipitante da desigualdade e da violência. Seria contudo interessante aferir se essa influência se verifica em termos do suporte percebido para fazer face a estas vulnerabilidades.

Não tendo a pretensão de generalizar os resultados nem de caracterizar a população juvenil cabo verdiana residente em Portugal, a presente investigação não deixa de nos oferecer pistas interessantes sobre futuros estudos (e.g., prevalência da violência entre adultos) e linhas de ação/intervenção a desenvolver com estes/as e outros/as jovens oriundos de diferentes culturas.

Referências

- CEDAW (2010). *Relatório Combinado do Estado – Parte República de Cabo Verde*. Nova Iorque: Nações Unidas
- Centers for Disease Control and Prevention (2011). *Youth Risk Behavior Survey*. Retrieved from www.cdc.gov/yrbs
- Correia, C. & Neves, S. (2011). Ser brasileira em Portugal: uma abordagem às representações, preconceitos e estereótipos sociais. In V. de Oliveira, E. Lauri Leandro & J. Januário de Oliveira Amaral (Orgs.). *Migração: múltiplos olhares*. (pp. 157-185). São Carlos: Pedro & João Editores/Editora da UNIR-EDUFRO.
- Costa, S. (2011). Mulheres e Participação Política em Cabo Verde. In C. Silva & C. Fortes (Eds.), *As mulheres em Cabo Verde: Experiências e Perspectivas* (pp. 77-108). Praia: Edições Uni-CV.
- Crenshaw, K. (1991). Mapping the Margins: Intersectionality, Identity, Politics and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*. 43, 1241-99.
- Fern, E. F. (2001). *Advanced Focus Group Research*. Thousand Oaks: Sage.
- Fernandes, I. (2012). *Representação da violência de gênero contra a mulher nos jornais de Cabo Verde: uma análise de conteúdo de A Semana, A Nação e Expresso das Ilhas* (Dissertação de Mestrado não Publicada). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- FRA (2014). *Violence against women: an EU-wide survey*. Austria: FRA – European Union Agency for Fundamental Rights.
- Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade e Equidade de Género (ICIEG) (2014). *Relatório Cabo Verde Beijing + 20*. Praia: Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade e Equidade de Género.

- Instituto Nacional de Estatística (INE) & Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade e Equidade de Género (ICIEG) [Cabo Verde]. Mulheres e Homens em Cabo Verde. Factos e Números 2008. INE.
- Instituto Nacional de Estatística (INE) [Cabo Verde], Ministério da Saúde & Macro Internacional (2008). Segundo Inquérito Demográfico e de Saúde Reprodutiva, Cabo Verde, IDSR-II, 2005. Calverton, Maryland, USA: INE.
- Krueger, R. & Casey, M. (2000). Focus Groups. A Practical Guide for Applied Research (3rd Edition). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Massart, G. (2013). Aspirações e constrangimentos da masculinidade nas trajetórias familiares de homens cabo-verdianos da Praia (1989-2009). *Etnográfica*, 17(2), 293-316.
- Melo, M. (2011). Educação, Formação e Qualificação Profissional da Mulher Rural Cabo-verdiana: Pressupostos Básicos para o Desenvolvimento. In C. Silva & C. Fortes (Eds.), *As mulheres em Cabo Verde: Experiências e Perspectivas* (pp. 125-140). Praia: Edições Uni-CV.
- Ministério da Justiça e Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade e Equidade de Género (2006). Plano Nacional de Combate à Violência baseada no Género. Retrieved from <http://www.svri.org/CapeVerdepolicy.pdf>
- Miranda, J. (2009). Mulheres imigrantes em Portugal. Lisboa: ACIDI. Retrieved from http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos_OI/OI_35.pdf
- Neves, S. (2010). Tráfico de mulheres brasileiras para fins de exploração sexual em Portugal e Interseccionalidade: Um estudo de caso. *Psicologia*, 2(XXIV), 177-196.
- Nogueira, C. (2001). Análise de Discurso. In E. Fernandes & L. Almeida (Eds.), *Métodos e Técnicas de Avaliação. Contributos para a prática e investigação psicológicas* (pp. 15-48). Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia.

- Rosabal, M. (2011). As faces (In)Visíveis da Violência de Género. In C. Silva & C. Fortes (Eds.), *As mulheres em Cabo Verde: Experiências e Perspectivas* (pp. 141-166). Praia: Edições Uni-CV.
- SEF (2013). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo. Lisboa: SEF. Retrieved from http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2013.pdf
- Oliveira, M. (2009). *Mulheres imigrantes vítimas de violência na intimidade: (sobre)vivendo com o sofrimento* (Dissertação de Mestrado não publicada). Maia: Instituto Superior da Maia.
- Perista, H., Cardoso, A., Silva, M., & Carrilho, P. (2012). *Delinquência e violência juvenil em Portugal. Traçando um retrato a diferentes vozes*. Lisboa: Centro de Estudos para a Intervenção Social. Retrieved from http://www.youprev.eu/pdf/YouPrev_NationalReport_PT.pdf
- Pinheiro, F. (2011). *Violência no namoro entre jovens imigrantes cabo-verdianos em Portugal* (Dissertação de mestrado não publicada). Maia, Instituto Superior da Maia.
- Potter, J. & Wetherell, M. (1987). *Discourse and Social Psychology*. London: Sage.
- Topa, J., Neves, S., & Nogueira, C. (2013). Immigration and health: women immigrants' (in)ability to access health care. *Saúde e Sociedade*, 22(2), 328-241. doi:10.1590/S0104-12902013000200006
- Topa, J., Nogueira, C., & Neves, S. (2010). Inclusão/exclusão das mulheres imigrantes na saúde em Portugal: reflexão à luz do feminismo crítico. *Revista Psico*, 41(4), 366-373.
- Tavares, C., Kanikadan, P., Alencar, A., & Schor, N. (2011). Início da vida sexual de adolescentes da ilha de Santiago, Cabo Verde - África ocidental. *Revista Brasileira de Crescimento Desenvolvimento Humano*, 21(3), 771-779.
- UAVIDRE (2013). *GAV UAVIDRE - Estatísticas da APAV 2013*. Lisboa: APAV. Retrieved from http://apav.pt/apav_v2/images/pdf/Estatisticas_UAVIDRE_2013.pdf

Willig, C. (2009). Discourse analysis. In J. Smith (ed.) *Qualitative Psychology. A Practical Guide to Research Methods* (pp. 160-185). London: Sage.

Gender social relations and violence in intimacy: Discourses of Young Cape Verdean

Ana Sofia Neves and Joana Torres

Maia University Institute

Author Note

Ana Sofia Neves and Joana Torres, ISMAI – Maia University Institute.

Corresponding author: Ana Sofia Neves, ISMAI – Maia University Institute,
Av. Carlos Oliveira Campos, 4475-690 Avioso S. Pedro, Castelo da Maia, Portugal.

Fax: + 229 825331; Tel: + 229 866026; Email: asneves@docentes.ismai.pt

Abstract

This paper presents and discusses the results of a qualitative study developed with 24 young Cape-Verdean currently living in Portugal, 13 girls and 13 boys, between 19 and 30 years old ($M = 21$; $SD = .125$). In order to obtain, throughout discourses, their representations about gender social relations and about violence in juvenile and adult intimacy, three *focus groups* with eight participants each were organized (a female one, a male one and a mixed one).

The collected data suggests that their representations about gender social relations and about violence in intimacy, both in Cape Verde and Portugal, tend to converge into the recognition of power asymmetries between sexes, which seems to promote violence in dating and marital relationships. However, representations are different in what concerns to social reaction to inequality and violence. While Cape Verde is described as a country where violence against women is legitimated and trivialized, Portugal is characterized as a society with lower levels of acceptance of gender violence.

Keywords: Gender, social relationships, violence, focus group, Cape-Verde

Gender social relations and violence in intimacy: Discourses of Young Cape Verdean

Albeit with culturally specific features, gender-based violence is currently a humanitarian problem on a global scale. In Europe, as in the world in general, women and children are faced with serious violations of their fundamental rights, and the contexts of intimacy and family are those that entail greater risks for victims. Since gender belonging is not innocuous in terms of vulnerability to victimization, several findings point toward more conservative and patriarchal societies being those that display worse indicators of equality and higher rates of violence.

Whether in adulthood or adolescence, violence occupies the daily life of a very large number of couples, and it is estimated that approximately one in ten adolescents, of both sexes, had been a victim of physical violence within a romantic relationship in the past year (Centers for Disease Control and Prevention, 2011) and that one in every three women (33%) has been a victim of physical and/or sexual abuse by a partner since the age of 15 (FRA, 2014).

Although in recent decades studies on violent intimacy have been increasing exponentially in Portugal, very few focus on violence against or among immigrants and even less assume the romantic relationships of young immigrants as their object of analysis, despite many studies considering migratory processes as potential promoters of some forms of exclusion, discrimination and violence against women (Crenshaw, 1991; Correia & Neves, 2011; Miranda, 2009; Neves, 2010; Oliveira, 2009; Topa, Neves & Nogueira, 2013; Topa, Nogueira & Neves, 2010).

The Cape Verdean community, following the Brazilian community, is one of the most representative of the immigrant population in Portugal, with about 11% of immigrant citizens living in the country (Foreigners and Borders Service, 2013). Violence against women is one of the problems that most plagues the Cape Verdean society, traditionally regarded as very

conservative (Cape Verdean Institute for Gender Equality and Equity - ICIEG, 2014).

According to the data from the Demographic Survey on Reproductive Health conducted in 2005 (National Statistics Institute, INE et al., 2008) the domination mechanisms men use over women manifest themselves in the country throughout different domains, among which are highlighted the control of social relationships (44%), of women's mobility (43%) and salary (20%), the limitations imposed on the management of financial resources (39%), not recognizing women's power of decision on issues of health, home management, visiting relatives or which meals to cook (24%) and the social acceptance of the use of violence by the partner (husband or partner), to punish or discipline women (17%).

Data on the prevalence of gender-based violence in Cape Verde, evident in the same Survey, indicates that one in every five women has been a victim of at least one episode of violence in the past year (20%), including physical (16%), psychological (14%) or sexual (4%) violence (INE et al., 2008). Most of the victims were married or living with the perpetrator and, albeit the numbers on dating violence remain unknown, in most cases the violence had occurred since the victims were 15 years of age.

According to the Committee on the Elimination of Discrimination against Women (CEDAW, 2010), this evidence suggests the existence of a significant portion section of the female Cape Verdean population that seems to “be governed by a behavioral code anchored in the recognition and acceptance of male guardianship, resulting in women having a narrow space for decision and control, both in terms of the organization of their daily routine, as well as their mobility, and the distribution and use of time and resources” (p. 23).

The aforementioned statistics find correspondence with the data of a recent study, conducted in Portugal by Pinheiro (2011), in which they concluded that intimate relationships among Cape Verdean youth who reside in the northern part of the country are marked by

aggressive dynamics, with particular severity (e.g., strangling). In this study, in which they aimed to understand the beliefs underlying the practice of violence, they found that the widespread use and legitimization of violence among this population appears to be associated, in most cases, to the woman's conduct. The most striking difference in the perpetration of violent conduct in terms of gender was found regarding sexual violence that is practiced exclusively by males.

Data from The Support Unit for Migrant Victims (UAVIDRE, 2013) of the Portuguese Association for Victim Support (APAV) is also unclear as to the practice of this type of violence within the adult Cape Verdean community. Of a total of 371 cases of violence against foreigners, 24 were against Cape Verdeans. The crime of domestic violence was the most reported crime, with women being the main victims.

Taking into account all these arguments, we designed the present study, which was guided by the following general objective: characterize and analyze, through the discourse of young people, the representations on social and gender relationships and violence in youth and adult intimacy in Cape Verde and in Portugal.

Method

Participants

This study included 24 young people of Cape Verdean nationality, between 19 and 30 years of age ($M = 21$; $SD = .125$), residing in the northern region of Portugal. Of these 24 participants, half were male and the other half were female. Sixteen of the 24 young people were attending university and the remaining eight were attending professional education. Regarding the duration of their residence in Portugal, the majority had been living in Portugal for 3 to 4 years.

Data Collection Technique

Data collection was performed using the focus group technique, which consists in the promotion of a semi-structured group discussion on a topic or central question which is intended to be analyzed. The main purpose of the discussion is to encourage sharing and social exchange among the individuals of the group, which is moderated by a facilitator. Since it is a method of social analysis, with a naturalistic orientation (Krueger & Casey, 2000), the focus group provides not only access to the objective contents of the discussion, but also to its subjective aspects, namely, emotions, irony, contradictions and tensions that were experienced by the participants. This holistic interpretation of the process allows the researcher to become informed not only about the facts associated to the topic of discussion, but also, and more importantly, about the meanings that are associated to these facts, which is the biggest advantage of using this methodology: the production of insight about what is being said. More than that, the social and semi-public nature of the focus group allows the narratives of the group to reflect the influence of broader social narratives and translate the cultural and locally-situated perspectives of its participants (Fern, 2001).

In the present study the focus groups were stimulated using a set of open questions, as follows:

1. How would you characterize social and gender relationships in Cape Verde and in Portugal?
2. How would you characterize adult heterosexual intimate relationships in Cape Verde and in Portugal?
3. How would you characterize young heterosexual intimate relationships in Cape Verde and in Portugal?
4. Should it exist, how would you characterize violence in heterosexual intimate relationships in Cape Verde and in Portugal, specifically within marriage and dating?

Procedures

In order to proceed to data collection, we contacted several professional schools and university institutions in the Porto area. At an initial phase, we presented the research project, personally or via e-mail, to the various schools boards, asking for permission to proceed to the selection of the participants and subsequent contact opportunities. The inclusion criteria were defined as age (15 to 30 years old), nationality (Cape Verdean) and duration of residence in Portugal (over 1 year). After being selected, the participants were distributed and signed consent forms. Consequently, three groups were organized, two in a context of university education (the female and male groups) and one in a professional education context (the mixed group).

The focus groups took place on schools in the presence of a researcher with a degree in Criminology. After each of the aforementioned questions was launched, each young person was encouraged to share and discuss with the group and the researcher his or her point of view. The interviews were recorded in audio form and lasted, on average, one hour.

Data Treatment and Analysis Technique

The treatment and analysis of the data was performed using a technique of critical discourse analysis, a qualitative methodology that considers language an instrument for the production of knowledge and social action. From this point of view, discourses are regarded as socially situated practices with specific effects on social and cultural life (Potter & Wetherell, 1987). Thus, this type of data analysis invites reflection on how the language of groups and social collectives represents and is conditioned by a broader social language that generates constraints, resistance and pressure. The critical discourse analysis (Nogueira, 2001; Willig, 2009) seeks to systematize patterns within broader social contexts, associated with societal and cultural issues, as well as analyze the relation between discourses and socially instituted power relationships.

Results

The analysis of the interviews revealed central discursive constructions surrounding the issues explored and associated to the realities of the two countries under analysis, Cape Verde and Portugal: gender relations, adult intimate relationships and violence in conjugal relationships and youth intimate relationships and dating violence. Next we present each of those discursive constructions coupled with illustrative excerpts¹.

Gender relations – *From narrative to the practice of patriarchy*

The discourses of Cape Verdean youth point towards the exist of significant differences in gender relations in Cape Verde and in Portugal, which are constrained not only by the history and culture of these countries, but also by the way each country has evolved in terms of gender equality, especially at a formal level (political and legislative). Although they consider that effective equality is not a prerogative of any of the countries, both of which are still in its pursuit, they recognize Portugal as a more egalitarian society for women when compared to Cape Verde. Therefore, Portuguese women are characterized as more independent and autonomous than Cape Verdean women, mainly as a result of greater access to education and greater financial independence. Cape Verdean women are portrayed, for the most part, as being dependent on their husbands, although this dependence is less pronounced in Portugal. In Cape Verde, men's roles mainly consist of commanding respect and establishing rules and limits; women's roles, consequently, consist of respecting and obeying men.

Gender relations emerge predominantly aggregated to family relationships. These are described as profoundly asymmetrical in terms of gender membership. In Cape Verde the female figure is connected to the domestic sphere and is responsible for taking care of children and home maintenance. The idea of the mother that sacrifices herself and suffers for

¹ At the end of each excerpt the abbreviations respectively correspond to the following labels: MG – Male Group; FG – Female Group; MixG – Mixed Group.

her family is present in the majority of reports, and seems to be the situation that best portrays the day-to-day of Cape Verdean women/mothers. Their rise to public positions of leadership (e.g., political office, law enforcement) is envisaged as a process in course, albeit the *female condition* is particularly associated to the exercise of motherhood. In cases where mothers have a job outside the home, which is increasingly common, that job is described as precarious and difficult, and not a guarantee of the empowerment of women in the family or public sphere.

The father appears in these young people's discourses, especially young women, as an authoritative and controlling figure that exerts a decisive influence in youth intimate relationships, as discussed below. The same influence is not recognized in Portugal.

Young people of both sexes tend to adopt in Portugal the behaviors they generally adopt in Cape Verde. For girls, and especially in the view of boys, the fact that they are in a country that seems more sensitive to women's rights lead them to perceive themselves as more empowered, a perception which is not, however, exempt of risks (e.g., use of violence in intimate relationships perceived as unequal, early pregnancy experiences). Thus, Cape Verdean young women seem to enjoy greater freedom in Portugal, freedom which sometimes, according to young boys, they do not know how to manage properly.

"In Cape Verde it's the men that command the women, you see? It's not the women that command the men. Here (in Portugal) they don't just say they are the ones in command, they actually are... Especially the Portuguese women are in command. But Cape Verdean women aren't used to that" (MixG).

"(...) The Cape Verdean woman is everything good. She is a hardworking woman, who does everything for her children, beautiful... a woman who knows suffering, you know? Nowadays it's the same thing, the Cape Verdean woman, let's say, is the cradle, she raises... she is the foundation of the house, of her husband, she is supportive in everything (...). I think the man likes to have the power in his hand" (MG).

“There are men and women working, though nowadays there are more women studying and having a job. But the woman is always subordinate to the man. In my case, for example, my mother is a homemaker and my father is the breadwinner, he takes care of all the utilities. My mother is for cleaning the house, making expenses and all that... in other cases the domestic economy is divided by both, but only when it is a more modern family. (...) When a woman marries, her husband demands: I pay the bills, you stay at home; you stay here taking care of the children and I go out and bring in money... Then if they separate they say “you’ve never done anything in life” and they keep everything. (...) The Cape Verdean women are hard workers, fighters, we saw that... because women work in construction, work at the cement factory, work on sidewalks... they also do hard work, they do everything. And there are also women who work at the city council and fight for equality, for women’s rights...” (FG).

Adult intimate relationships and conjugal violence – From structural inequality to relational inequality

According to the reports of these young Cape Verdeans, adult intimate relationships in Cape Verde are a reflection of gender relations, also which leads them to be generically characterized by the inequality of power between genders. Therefore, Cape Verdean men seem to be culturally mandated to have several female partners at the same time, even if they are married. In the view of these groups, the acceptance of the existence of extramarital affairs by their wives and family in general, including their children, stems from their status of being a man. In the event of conflict motivated by infidelity, they implicate, firstly, the women involved (the wife and the *others*), whereas the man, in most cases, is not held accountable for his conduct. Cape Verdean men are, thus, identified as dominant in intimate and romantic relationships and, as a rule, this social position is not challenged, which seems to grant them a tacit right to commit adultery. Such practice was not identified by these young people in Portugal.

When describing adult intimate relationships, these young individuals spontaneously elaborate on the emotional expressiveness of men and women, denoting that public displays of affection are a rare practice among both adults and youth, and it is the men and boys who proceed towards breaking this social code since they are regarded as less masculine.

When characterizing conjugal relationships, these young people report being aware of cases of violence committed by men over women, and consider that this is a concern in Cape Verde. The boys, however, say they are aware of fewer cases than the girls, since violence, as well as intimacy, is confined to the home. In the female focus group emerged reports in the first person of exposure to family violence, having been highlighted the difficulty in socially recognizing the scope and complexity of the phenomenon. Thus, they emphasized the issues of permissiveness and cultural tolerance to justify the absence of third-party interference in cases of family violence. The intervention of police forces is characterized as poorly efficient or even inefficient, and it happens only in situations where the victim's life is at risk or when the victims practice violence against their aggressors. In the latter case, the victims tend to be arrested and the aggressors excused. On the other hand, separation and divorce are poorly accepted and women who are separated or divorced are object of social stigmatization. The causes of violence are attributed to excessive consumption of alcohol and other drugs, an argument that is also applied when analyzing the causes of dating violence. Boys and girls share this view, although boys attribute to female victims, in some cases, responsibility for the victimization they were subjected to.

The young people do not report the Portuguese reality regarding conjugal violence since they are not directly aware of cases they can elaborate on.

“There no one gets involved, they are left to their own devices...no one separates, no one helps (...) and whoever separates is seriously criticized if they are a woman. (...) There is also a lot of alcohol use, there is a lot of violence at home because of alcohol and drug use which leads to

violence. There are a lot of cases like that in Cape Verde. (...). The men there are very violent, so everything goes back to normal until it happens again. They call the police but the police does nothing. They say: "we have nothing to do with that". Unless it is something very serious they don't see it as a crime. Only if someone is dying or something like that, otherwise they do nothing. Normally the police only get involved if it is the woman who is assaulting the man, when she has reached her limit and she is at home ready to kill. Then yes, the police come and take the woman. After they have been called many times" (FG).

"Couple's fights are also always inside the home, so not everybody sees what is happening. Married life in Cape Verde is very reserved and if there is violence those who are on the outside don't see much of it. It's like this, we see that couple happy on the streets, but at home sometimes it's totally different. So like he said, I don't have much information about either. Are there perfect couples in Cape Verde? No, there are perfect couples nowhere. A small argument sure, but it is not as seen as with young people... in adults we don't see that a lot. The marked women are the scandalous ones, those who really seek it!" (MG)

"The majority of Cape Verdean boys don't like... they like to feel powerful. They don't like it when the woman is angry, for whatever reason the woman is angry about they think she is trying to be the boss. When a woman raises her voice or something, those lunatics start to strike, they hit women, those who are jealous. The woman also hits, but in most cases it's the man that hits. And those for example that drink... And when the woman wants to go out they don't let her, the woman starts to argue and the man hits first. Men from Cape Verde don't like to feel like the woman is gaining control. In dating that also happens. There are Cape Verdeans that like to have two, three, four women (...). But there are women who like it, because if they are there and they are being hit by men why don't they leave or something like that? Most of the time they are afraid, they try to leave but they are hurt more. But it's the women's fault because if they are suffering they have to report it but many don't do that. It's because they like some "spanking" (MixG).

Youth intimate relationships and dating violence – *From social expectations of gender to violent practices in youth intimacy*

Youth intimate relationships in Cape Verde seem to follow the same relational pattern identified in adult intimate relationships. Thus, boys are socially encouraged, early on, to have multiple female partners at the same time, whereas this practice is forbidden for women under penalty of having their *integrity* questioned. In cases where this happens they are generally labelled as promiscuous.

As long as the place of *official* girlfriend in the hierarchy of male relationships is respected, the existence of extra-relationship affairs does not seem to be socially admonished, in fact it heightens the male status (e.g., virility). The boys explain the need to have multiple partners resorting to arguments on the *festive* culture and the lifestyle motivated by the warm climate which, among other things, invites the girls to use clothes that they perceive as *provocative* (“*with the heat, a short dress, you always fall into temptation and so we always end up having more than one or two*”. MG). As occurs in adult intimate relationships, in youth intimate relationships the male gender is dominant, a tendency that they say diminishes in Portugal.

Dating relationships in Cape Verde are generally *clandestine* and, as mentioned above, there is no culture of public expressions of affection or professed romanticism (“*The boys in Cape Verde have a lot of pride, we don’t have the courage to say for example “I love you”. In my case I don’t say it at all. Here in Portugal the boys are more romantic. I’ve seen them say it! We don’t know how to do the same*”. MixG). Young people understand that such concealment intends to ensure respect for elders, which does not happen in Portugal.

According to these youth people, girls prefer to get involved with older men, and a consequence of these relationships, as well as other relationships with boys their age, is early and unwanted pregnancy. In both cases, it may relate to a resistance in males toward using

contraceptive methods, especially the male condom (*"They never want to use it...they say that skin, skin is supposed to be used"*. FG).

Regarding the perpetration of violence in youth intimacy, there seems to be a consensus among the young people concerning the currentness of the phenomenon, but not in relation to the description of the violent practices. While girls consider that dating violence is normally perpetrated by men against women, boys characterize it as sporadic and mutual. The practice of violence is attributed, as mentioned above, to the use of alcohol and other drugs, and in some cases (cited only by the boys) associated with the conduct of the girls and jealousy. These young individuals report the use of information and communication technologies, namely facebook, as a common strategy for control and violence in intimate relationships (*"Back then in church they would say "until death do us part" nowadays it's "until facebook do us part"*. MG).

"Some of them are romantic, others are not. They are not romantic by chance... sometimes you just have to find, to kind of do that caress... There are no outings to the movies, going for a walk...It's always by the beach, we only go out to the beach. But there is no touching like there is here. The only touching that happens is sitting down sometimes and the boy is in the front, the woman is behind him... There is no walking hand in hand, a lot... There is no dating on the streets, or on the public bus. There is nothing like that, there is no caressing on the streets. We have more respect, we respect our elders a lot. It's more conversation. When my boyfriend and I talk it's like we are friends, we only caress each other in a hidden, dark place. And it is always like that" (FG).

"It's like this, back in Cape Verde the boys usually have a lot of ladies. It's different here, the boys only have one like that (...). Also, in Cape Verde the relationship between boyfriend and girlfriend is different from here. Because here there are a lot of girlfriends who like to boss their boyfriends around, so to speak. In Cape Verde that is rarer, it is more limited... and as we know back there the girlfriends respect their boyfriends a lot, there isn't that much respect here. Young people date like they do here, but in Cape Verde people have more shame...like dating on the street...in front

of many people...and they don't always hold on to each other like they do here, on public transportation. People don't date inside public transportation (...). In terms of boyfriends, it is what he said... for example, here they kiss anywhere. Back there that doesn't happen, there is more respect for elders and all that... so people don't kiss on the streets" (MixG).

"The boys are always more comfortable. I'll say something from my personal experience, where I live the boys that don't have much to do, just going to school and being at home doing nothing, when they go out and see a girl, they give it a try with her. They go somewhere and try, you see? For example, finding a girlfriend, two or three girlfriends, it's like a pastime for the Cape Verdeans in my area. Attention, in my area! (laughter). It is a way to occupy time, I don't have anything to do, so I find two, three, four. Back there we really have fun (...). What also puts the boyfriends in conflict lately is the Cape Verdean women. It's like this: if you do it, I do it. Because, I'm not being sexist, but when a Cape Verdean man is in a relationship, he likes to command respect. And most of the time women don't accept that and when they don't accept that, for example, "if you do it, I do it" and when that happens it leads to many conflicts. I think that violence only happens due to the factors that we mentioned before, that are alcohol and drugs. Normally if the boyfriend is drunk or under the influence of drugs, some violence might happen. Because the girlfriends may be considerate and may not want him down that path and so it might reach the point of violence. Apart from that, in my opinion day-to-day violence among couples is rare. And it's like everything, there are shy girls and there are those... who are more comfortable" (MG).

Discussion and Conclusions

The young Cape Verdeans that were interviewed characterized their country of origin as structurally and culturally distinct from Portugal regarding issues of gender relations, youth and adult intimacy, and dating and conjugal violence. Therefore, although they believe gender equality is not fulsome in either country, they alert to the existence of a wide gap between the rights acquired by the women of their country and the Portuguese women. While the former tend to be, for the most part, dependent on their partners and boyfriends, the latter demonstrate greater autonomy, which, in the perspective of these young people, is the result

of their greater access to formal education and financial emancipation. Studies that have been conducted in Cape Verde found that the female section is the population segment most affected by poverty, and it is known that poor women are usually less educated (Melo, 2011).

On the other hand, when comparing both countries, it is recognized that Portugal benefits from the fact that it started to invest earlier than Cape Verde in the development of laws and policies promoting the consecration of gender equality. Note that only in 2005 did Cape Verde develop its National Plan for Gender Equality and Equity (2005-2011), whereas in Portugal the I National Plan for Equality was approved in the 90's.

Gender relations in Cape Verde were, consequently, generically represented by these young people as asymmetrical, since this is supported in other literature on the Cape Verdean reality which suggests that the gender asymmetries derive from a patriarchal ideology that favors chauvinism and the subordination of women (Fernandes, 2012). This structural inequality seems to be reflected in adult and youth intimate relationships, which are defined as relationships of power imbalance between boys/men and girls/women. In this perspective, Cape Verdean families tend to be described as conservative, where the male/father figure assumes a prominent position in the hierarchy. This position seems to become especially prominent regarding the experiences of youth intimacy in girls that are frequently controlled and object of social disapproval. The female/mother figure, strongly linked to household tasks and maternal responsibility, emerges as secondary in this pyramid of authority, which seems to help explain the high statistics of physical and psychological violence perpetrated against women in conjugal intimacy. As recognized by the Cape Verdean Ministry of Justice and by the ICIEG (2006), "the unequal distribution of power within the family and society, mainly in terms of decision-making between men and women partially explains the features of gender-based violence" (s/p). Therefore, and in line with what was defended by Rosabal (2011), everything indicates that "the established social practices correspond to a paradigm of women

as the guardian of domestic well-being and the family unit and of men as responsible for the management and exercise of family power” (p. 155).

These young people recognize, nonetheless, that women have come to occupy public space in Cape Verde, and are increasingly occupying prominent political and professional places. Despite this recent progress, the fact is that there is a persisting under-representation of women in the executive, legislative and judiciary spheres, which limits their participation in the life of their country (Costa, 2011).

Relationship practices within the conjugal sphere were described as unequal for men and for women, with an apparently widespread compliance as to men getting involved with multiple women, which seem to constitute a form of socially consensual and legitimized polygamy. This practice seems to have its origins in an early adolescence, a time where young boys experience their sexual initiation and start to respond to social expectations surrounding the male ideology. As reminded by Massart (2013), “the ideal Cape Verdean man is a womanizer, a predator, a prestigious man and a provider and protector of social respectability (...) (p. 296). The initiation of sexual behavior in Cape Verde, which normally occurs between the ages of 13 and 17 and is more premature in boys (Tavares, Kanikadan, Alencar & Schor, 2011), as well as the resistance to using condoms, tends to be associated with a higher incidence of teenage pregnancy, an issue that was reported in the narratives of the young people who were interviewed. Masculinity seems to also be related to the absence of romanticism, whereby public displays of affection are rare among young people, especially males. Alongside the empowerment of women in Portugal and the issue of adultery/ multiple partners, this was one of the most cited differences between both countries.

Despite its reduced visibility, violence against women within the family sphere was appointed by these young individuals as a troubling reality that lacks recognition and social mobilization. It should be noted that only in 2006 did Cape Verde create its National Plan to

Combat Gender-based Violence (INE & ICIEG, 2008), and the Law on Gender-based Violence was approved only in 2010. These young individuals described Cape Verde as a country permissive toward violence against women, and they condemn the failure of civil society and the authorities in putting an end to this affliction.

These young people reproduced in their reports many of the arguments proposed by common sense to justify violence against women, both in conjugal relationships and dating relationships. Thus, the use of violence by males is attributed to the use of alcohol and other drugs, as well as the women's conduct. As demonstrated in the Demographic Survey on Reproductive Health of 2005 (INE et al., 2008), a significant part of the Cape Verdean society (17%) naturalizes and accepts the violence that is practiced against women by their partners. This data corroborates the conclusions of a study by Pinheiro (2011) which suggests a tendency to blame the girls/victims when explaining violent behaviors.

Victimization practices in dating relationships are identified as frequent (especially by girls) and associated with both sexes (especially by boys) and information and communication technologies are mentioned as vehicles of violence, a tendency that is not exclusive to the Cape Verdean society (Perista, Cardoso, Silva e Carrilho, 2012). As indicated by numerous national and international studies, in dating relationships boys and girls seem to present themselves simultaneously as victims and perpetrators, a tendency that is not observed in conjugality, where the majority of victims are female and the perpetrators are male.

Although these young people have been living in Portugal for some years, their knowledge of the Portuguese reality is scarce especially in matters relating to intimate violence. This may have to do with their declared preference for relating with individuals of the same nationality, including in a romantic sense. Therefore, it is common in young Cape Verdeans in Portugal to date partners of the same nationality, thus reproducing in the country

many behaviors that occur in Cape Verde, namely in terms of gender inequality and relational violence.

Since the aim of this study was not to evaluate the influence of the migratory process on the representations and practices of gender-based relations and youth and adult intimate violence of these young people, the hypothesis of immigration functioning as a precipitating factor of inequality and violence does not seem applicable to these issues in particular. However, it would be interesting to assess whether this influence can be observed in terms of perceived support to address these vulnerabilities.

Lacking the pretension to generalize the results or characterize the Cape Verdean youth population residing in Portugal, the present study does not cease to offer us interesting insights for future studies (e.g., prevalence of violence among adults) and guidelines for action and intervention with these and other young people from different cultures.

References

- CEDAW (2010). *Relatório Combinado do Estado – Parte República de Cabo Verde*. Nova Iorque: Nações Unidas
- Centers for Disease Control and Prevention (2011). *Youth Risk Behavior Survey*. Retrieved from www.cdc.gov/yrbs
- Correia, C. & Neves, S. (2011). Ser brasileira em Portugal: uma abordagem às representações, preconceitos e estereótipos sociais. In V. de Oliveira, E. Lauri Leandro & J. Januário de Oliveira Amaral (Orgs.). *Migração: múltiplos olhares*. (pp. 157-185). São Carlos: Pedro & João Editores/Editora da UNIR-EDUFRO.
- Costa, S. (2011). Mulheres e Participação Política em Cabo Verde. In C. Silva & C. Fortes (Eds.), *As mulheres em Cabo Verde: Experiências e Perspectivas* (pp. 77-108). Praia: Edições Uni-CV.
- Crenshaw, K. (1991). Mapping the Margins: Intersectionality, Identity, Politics and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*. 43, 1241-99.
- Fern, E. F. (2001). *Advanced Focus Group Research*. Thousand Oaks: Sage.
- Fernandes, I. (2012). *Representação da violência de género contra a mulher nos jornais de Cabo Verde: uma análise de conteúdo de A Semana, A Nação e Expresso das Ilhas* (Dissertação de Mestrado não Publicada). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- FRA (2014). *Violence against women: an EU-wide survey*. Austria: FRA – European Union Agency for Fundamental Rights.
- Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade e Equidade de Género (ICIEG) (2014). *Relatório Cabo Verde Beijing + 20*. Praia: Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade e Equidade de Género.

Instituto Nacional de Estatística (INE) & Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade e Equidade de Género (ICIEG) [Cabo Verde]. Mulheres e Homens em Cabo Verde. Factos e Números 2008. INE.

Instituto Nacional de Estatística (INE) [Cabo Verde], Ministério da Saúde & Macro Internacional (2008). Segundo Inquérito Demográfico e de Saúde Reprodutiva, Cabo Verde, IDSR-II, 2005. Calverton, Maryland, USA: INE.

Krueger, R. & Casey, M. (2000). Focus Groups. A Practical Guide for Applied Research (3rd Edition). Thousand Oaks, CA: Sage.

Massart, G. (2013). Aspirações e constrangimentos da masculinidade nas trajetórias familiares de homens cabo-verdianos da Praia (1989-2009). *Etnográfica*, 17(2), 293-316.

Melo, M. (2011). Educação, Formação e Qualificação Profissional da Mulher Rural Cabo-verdiana: Pressupostos Básicos para o Desenvolvimento. In C. Silva & C. Fortes (Eds.), *As mulheres em Cabo Verde: Experiências e Perspectivas* (pp. 125-140). Praia: Edições Uni-CV.

Ministério da Justiça e Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade e Equidade de Género (2006). Plano Nacional de Combate à Violência baseada no Género. Retrieved from <http://www.svri.org/CapeVerdepolicy.pdf>

Miranda, J. (2009). Mulheres imigrantes em Portugal. Lisboa: ACIDI. Retrieved from http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos_OI/OI_35.pdf

Neves, S. (2010). Tráfico de mulheres brasileiras para fins de exploração sexual em Portugal e Interseccionalidade: Um estudo de caso. *Psicologia*, 2(XXIV), 177-196.

Nogueira, C. (2001). Análise de Discurso. In E. Fernandes & L. Almeida (Eds.), *Métodos e Técnicas de Avaliação. Contributos para a prática e investigação psicológicas* (pp. 15-48). Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia.

- Rosabal, M. (2011). As faces (In)Visíveis da Violência de Género. In C. Silva & C. Fortes (Eds.), *As mulheres em Cabo Verde: Experiências e Perspectivas* (pp. 141-166). Praia: Edições Uni-CV.
- SEF (2013). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo. Lisboa: SEF. Retrieved from http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2013.pdf
- Oliveira, M. (2009). *Mulheres imigrantes vítimas de violência na intimidade: (sobre)vivendo com o sofrimento* (Dissertação de Mestrado não publicada). Maia: Instituto Superior da Maia.
- Perista, H., Cardoso, A., Silva, M., & Carrilho, P. (2012). *Delinquência e violência juvenil em Portugal. Traçando um retrato a diferentes vozes*. Lisboa: Centro de Estudos para a Intervenção Social. Retrieved from http://www.youprev.eu/pdf/YouPrev_NationalReport_PT.pdf
- Pinheiro, F. (2011). *Violência no namoro entre jovens imigrantes cabo-verdianos em Portugal* (Dissertação de mestrado não publicada). Maia, Instituto Superior da Maia.
- Potter, J. & Wetherell, M. (1987). *Discourse and Social Psychology*. London: Sage.
- Topa, J., Neves, S., & Nogueira, C. (2013). Immigration and health: women immigrants' (in)ability to access health care. *Saúde e Sociedade*, 22(2), 328-241. doi:10.1590/S0104-12902013000200006
- Topa, J., Nogueira, C., & Neves, S. (2010). Inclusão/exclusão das mulheres imigrantes na saúde em Portugal: reflexão à luz do feminismo crítico. *Revista Psico*, 41(4), 366-373.
- Tavares, C., Kanikadan, P., Alencar, A., & Schor, N. (2011). Início da vida sexual de adolescentes da ilha de Santiago, Cabo Verde - África ocidental. *Revista Brasileira de Crescimento Desenvolvimento Humano*, 21(3), 771-779.
- UAVIDRE (2013). *GAV UAVIDRE - Estatísticas da APAV 2013*. Lisboa: APAV. Retrieved from http://apav.pt/apav_v2/images/pdf/Estatisticas_UAVIDRE_2013.pdf

Willig, C. (2009). Discourse analysis. In J. Smith (ed.) *Qualitative Psychology. A Practical Guide to Research Methods* (pp. 160-185). London: Sage.

